

adf

AFRICA DEFENSE FORUM



UM PANORAMA PERIGOSO

Forças de Segurança Adaptam-se Enquanto Extremistas do Sahel se Expandem

PLUS

Chefe de Defesa do G5 do Sahel Apela para Uma Abordagem Global

VISITE-NOS ONLINE: ADF-MAGAZINE.COM

reportagens

8 Forças de Segurança do Sahel Procuram Respostas Depois de Uma Década de Violência
Um olhar sobre o panorama de segurança da região.

14 Forças Sinistras de Olhos Postos na Costa
Países africanos preparam-se numa altura em que extremistas do Sahel procuram explorar novos territórios.

20 'A Crise é Multidimensional e a Solução Deve Ser Global'
O chefe do Departamento de Defesa do G5 do Sahel apela para um novo Plano Marshall para salvar o Sahel.

24 Ouro Financia o Crime
O Sahel tornou-se um lugar de reprodução de terroristas. As pequenas minas de ouro são os parceiros forçados.

30 No Olho do Furacão
Mergulhado no Terror e em Convulsões Políticas, Burkina Faso Luta pela Estabilidade.

38 Boko Haram Produz Descendência Letal
Uma franquia do grupo do Estado Islâmico emerge como ameaça mais perigosa da Bacia do Lago Chade.

44 Os Vigilantes da Nigéria
Sob ataque de extremistas e bandidos, Nigéria recorre a guardas civis para obter ajuda.

50 Crianças Obrigadas a Combater
Grupos extremistas do Sahel tiram vantagens das condições de desespero para recrutar crianças combatentes.



colunas

4 Pontos de Vista

5 Perspectiva Africana

6 África Hoje

36 Batimento Cardíaco Africano

56 Cultura e Desporto

58 Perspectiva Internacional

60 Defesa e Segurança

62 Caminhos da Esperança

64 Crescimento e Progresso

66 Retrospectiva

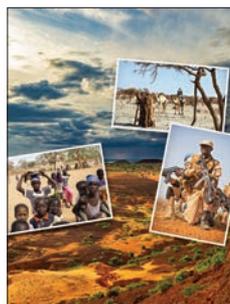
67 Onde Estou?



**A Africa Defense Forum
está disponível online.**

Por favor, visite-nos em:
adf-magazine.com

62



NA CAPA:

Conforme esta colagem de fotos ilustra, a insegurança do Sahel possui muitas facetas, mas as populações da região permanecem determinadas a derrotar as forças extremistas.

FOTOS NO SENTIDO HORÁRIO A PARTIR DO CANTO INFERIOR ESQUERDO: REUTERS, ISTOCK E COMANDO DOS EUA PARA ÁFRICA

Não existem soluções fáceis para crise de segurança que dura há décadas no Sahel.

Grupos extremistas, que primeiro plantaram as suas bandeiras no Mali durante a agitação política de 2012, espalharam-se para desestabilizar partes do Burkina Faso e do Níger. Os ataques terroristas e os conflitos armados mataram mais de 6.200 pessoas nestes três países em 2020, fazendo com que seja o ano mais violento de que se tem registo na região.

Os líderes dos grupos extremistas sediados no Sahel, com destaque para o Estado Islâmico do Grande Sahara e o Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin, agora pretendem avançar para o sul, em direcção à costa, e infiltrar-se em países como Benin, Costa do Marfim, Gana e Togo. As forças de segurança da região devem unir-se para impedi-los.

Os factores que levaram a esta insegurança são vários e interligados. Os países sahelianos possuem uma das populações mais jovens do mundo, e uma falta de oportunidades de emprego deixa as pessoas vulneráveis para recrutamento pelos extremistas. Bens como água e pastagens são limitados no Sahel. Disputas em relação a estes recursos naturais e escassos, muitas vezes, acabam por ser sangrentas, permitindo que os terroristas capitalizem o caos. A região também já registrou golpes de Estado, tumultos e violência eleitoral nestes últimos anos. Esta instabilidade política, combinada com a falta de presença do Estado nas zonas recônditas, deixa um vazio de segurança que os grupos extremistas podem preencher.

Os exércitos nacionais e as missões de segurança internacionais procuraram restaurar a estabilidade na região. A Força Conjunta G5 do Sahel e a Operação Barkhane, da França, registaram importantes ganhos, particularmente na região de fronteira tríplice conhecida como Liptako-Gourma, onde os terroristas foram expulsos ou neutralizados. MINUSMA, a Missão das Nações Unidas no Mali, trabalhou para proteger civis e estabelecer fundamentos para a paz, num ambiente particularmente desafiador. Várias missões bilaterais e multilaterais na região desmantelaram infra-estruturas terroristas.

Mas restaurar a paz numa região de 4 milhões de quilómetros quadrados é uma grande ordem que exige mais do que apenas força militar. Os líderes regionais apelaram para uma "abordagem holística" que inclui desenvolvimento económico, desradicalização, resolução alternativa de conflitos e reformas políticas. Agora, depende dos políticos, dos exércitos e líderes da sociedade civil da região unirem-se em prol desta causa. Depois de resistir à tanta violência, a população do Sahel merece uma oportunidade de experimentar a paz.

O extremismo não tem historicamente raízes profundas no Sahel. O seu povo orgulhoso e pacífico está pronto para abraçar o futuro sem ele.

Equipa do Comando Africano dos Estados Unidos

Soldados nigerinos fazem patrulha fora da cidade de Ouallam. REUTERS



Insegurança no Sahel

Volume 15, 1º Trimestre

COMANDO AFRICANO DOS ESTADOS UNIDOS



CONTACTOS:

U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Unit 29951
APO-AE 09751 USA

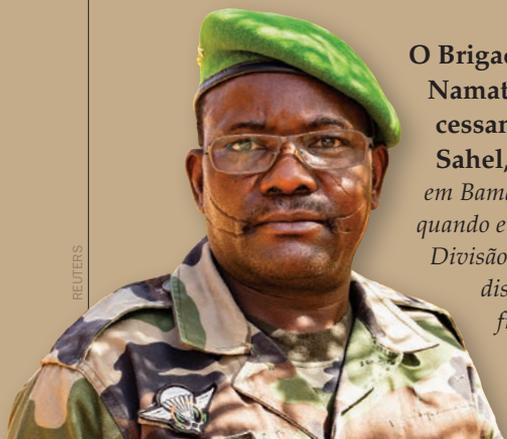
ADF.Editor@ADF-Magazine.com

**HEADQUARTERS
U.S. AFRICA COMMAND**

Attn: J3/Africa Defense Forum
Geb 3315, Zimmer 53
Plieningen Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa da ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme necessário. A secretaria de defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para difundir assuntos de natureza pública exigidos por lei ao Departamento de Defesa.

‘Persistem Desafios Significativos’



O Brigadeiro-General Oumarou Namata, do Níger, comandante cessante da Força Conjunta G5 do Sahel, discursou durante uma cerimónia em Bamako, Mali, no dia 30 de Julho de 2021, quando entregava o comando ao General da Divisão, Oumar Bikimo, do Chade. O seu discurso, proferido originalmente em francês, foi editado para se adequar a este formato.



Forças malianas e francesas realizam uma patrulha conjunta na região da fronteira tríplice entre Burkina Faso, Mali e Níger. REUTERS

O mandato da Força Conjunta acaba de ser renovado este mês pelo Comité de Paz e Segurança da União Africana. Entra no seu quinto ano, tendo já feito avanços no seu processo de desenvolvimento, notavelmente no domínio operacional e na formação de parcerias. Isto acontece apesar das muitas situações de segurança, muitas vezes, difíceis e os desafios importantes que permanecem.

Um grande avanço foi a harmonização das acções e a coordenação entre os diferentes actores. Esta coordenação que buscávamos codificar nos nossos planos de campanha agora possui apoio político. Hoje, o nível de coordenação, harmonia e acções conjuntas entre a Força Conjunta, a força Barkhane e os exércitos nacionais dos países do G5 do Sahel chegou a um ponto que nós nunca esperamos e é eficaz até ao mais ínfimo detalhe táctico.

Durante o terceiro e o quarto mandatos, houve 11 operações de grande envergadura que duraram entre duas semanas e seis meses e envolveram entre 300 e 1.500 soldados. Isto é em acréscimo às muitas missões de rotina e pontuais. Os resultados foram impressionantes em termos de organizar o nosso espaço.

Desde o quarto trimestre de 2019 até hoje, houve centenas de terroristas neutralizados e uma grande quantidade de material capturado ou destruído. Isto interrompeu uma boa parte da capacidade

logística dos terroristas. Também podemos indicar o período entre Novembro de 2020 e Junho de 2021, onde dezenas de pessoas foram detidas ou capturadas e agora enfrentam acusações em processos judiciais. Tudo isto oferece-nos uma ideia do caminho andado em termos de actividades operacionais.

Ao mesmo tempo e assim como os avanços no domínio operacional, os avanços em relação ao respeito dos direitos humanos e a protecção de civis também são notáveis. A implementação do procedimento operacional permanente da Força Conjunta G5 do Sahel para investigações internas e o Mecanismo para Identificação, Rastreamento e Análise de Danos Causados em Civis são dois dos referidos avanços. No que diz respeito ao respeito pelos direitos humanos e as leis internacionais dos direitos humanos, a Força Conjunta já está num estágio de domínio.

Mesmo quando capitalizamos nestes avanços, a Força Conjunta continua a enfrentar desafios. A força não possui a sua própria capacidade aérea e existem lacunas no sistema de inteligência. Estes dois desafios de capacidade exigiram a colaboração contínua com parceiros operacionais.

Por último, mas não menos importante, no que diz respeito ao apoio em geral da

Força Conjunta, vale a pena lembrar que apesar dos vários anúncios de apoio de fontes internacionais que, muitas vezes, levam muito tempo para efectivamente entrarem em vigor, os países do G5 do Sahel continuam a fazer sacrifícios significativos. Uma prova disso é a contribuição excepcional para financiar as operações, feita pelos três países do centro (Burkina Faso, Mali e Níger). Sem essas contribuições, a série de operações conhecida como Sama, que produziu grandes ganhos, podia não ter sido possível. Mais uma vez, vale a pena enfatizar a necessidade de procurar uma forma sustentável de financiar a Força Conjunta.

Devemos também elogiar todo o pessoal no centro dos batalhões, que, através do auto-sacrifício, fizeram ganhos na confiança e na eficiência, tornando possíveis todos os resultados operacionais concretos que foram alcançados. Eu continuo convencido de que este valioso capital humano irá imediatamente seguir as ordens do Major-General Oumar Bikimo, com o mesmo entusiasmo, o mesmo profissionalismo e a mesma determinação de seguir o nosso objectivo comum.



CRIANÇAS CONGOLESA TRABALHAM COMO MINEIRAS PARA TEREM UMA POSSIBILIDADE DE IR À ESCOLA

Algumas crianças da RDC trabalham em minas, porque não possuem uma certidão de nascimento, que é necessária para se matricularem na escola.

AGENCE FRANCE-PRESSE | FOTOS DA AFP/GETTY IMAGES

Centenas de crianças de Kipushi, uma cidade mineira do sudoeste da República Democrática do Congo (RDC) finalmente recebem as certidões de nascimento que permitem que elas frequentem a escola gratuitamente.

Muitas das crianças tinham trabalhado juntamente com os seus pais nas minas de cobalto e de cobre.

O UNICEF providenciou kits escolares e apoiou financeiramente o trabalho administrativo feito por uma organização não-governamental local para obter as certidões de nascimento de cerca de 500 crianças em Agosto de 2021. As crianças devem ter certidões quando se matriculam na escola.

Os pais devem registar as crianças no prazo de 90 dias após o nascimento, disse o procurador-chefe de Kipushi, Patrick N'Django Rwamo. Mas, por causa de negligência, ignorância ou das dificuldades burocráticas, muitos pais não o fazem. Obter uma certidão de nascimento de forma retroactiva é um processo longo, complexo e dispendioso.

“É difícil. Mais de 98% dos nossos alunos não têm uma certidão de nascimento, disse Mugimba Cosmas, director de educação pública da cidade. “É realmente uma pena.”

As preciosas certidões foram entregues aos pais, na cerimónia do recinto escolar, em Kipushi, uma cidade de cerca de 170.000 habitantes, na província de Haut-Katanga, próximo da fronteira com a Zâmbia. As crianças encontram-se entre os 1.003 jovens com idades de 8 a 15 anos cujas certidões foram disponibilizadas nas instruções dadas por Rwamo.

Kabwit Yav, uma mãe de seis filhos, olhava feliz, próxima do seu filho, um aluno da quinta classe. “Três dos meus filhos estudam, graças ao UNICEF, os outros já têm

mais de 18 anos de idade e estão desempregados em casa, por falta de meios financeiros,” disse.

“Na minha região, temos nove pedreiras com cobre e cobalto, onde várias famílias — pais e mães procuram sobreviver — fazendo a mineração informal durante todo o dia,” disse Louis Tshota, administrador do território de Kipushi. “As crianças vão trabalhar nas minas para ajudar os seus pais, o que os priva da escola,” disse, acrescentando que pelo menos 2.017 crianças trabalham nos vários poços naquele território.

Cerca de 7 milhões de crianças com idades de 5 a 17 anos estão fora da escola na RDC, de acordo com os números das Nações Unidas.

Uma criança quebra pedras extraídas de uma mina de cobalto, em Lubumbashi, RDC.



ANTIGA CAPITAL DO SENEGAL FIRMA-SE CONTRA O AUMENTO DO NÍVEL DO MAR

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

No norte da cidade senegalesa de Saint-Louis, escavadoras estão a escavar a praia para alinhar blocos gigantes de basalto, num esforço de última hora para manter o mar à distância. Quando terminar, uma parede negra de defesa do mar irá estender-se em 3,6 quilómetros ao longo da costa da antiga capital do país.

Preciosos alertas sobre o risco do aumento dos níveis do mar já são uma triste realidade em Saint-Louis, onde os residentes da zona em frente ao mar já estão a abandonar as suas casas perante o aproximar do Oceano Atlântico.

O quebra-mar é provisório. Algumas pessoas são cépticas de que a cidade histórica de 237.000 habitantes pode sequer ser salva. Saint-Louis está a apenas poucos metros acima do nível do mar. A erosão costeira também está a acabar com a linha da costa.

Muitos residentes locais tiveram poucas escolhas senão ter de mudar-se para um acampamento para deslocados no interior, porque as suas casas foram engolidas pelo violento mar, pela erosão e pela terra que se destruíra por baixo delas.

A erosão está a fazer com que a linha da costa regrida 1,8 metros por ano, em toda a região, de acordo com um relatório de 2019, da Organização Meteorológica Mundial.

O mar invasor já causou danos severos.

As inundações de 2017 e 2018 deixaram mais de 3.200 pessoas sem abrigo. Cerca de 1.500 delas agora vivem num acampamento para deslocados em Djougop, mais para o interior.

O desastre fez com que Senegal começasse a construir o quebra-mar em 2019, em parte financiado pela França. O projecto está avaliado em 117 milhões de dólares e também inclui um programa de realojamento. A construção devia ter terminado em finais de 2021.

O projecto também exige demolições de casas numa faixa de 20 metros de largura por trás da barreira. Entre 10.000 e 15.000 pessoas deverão ser retiradas, disse Mandaw Gueye, um oficial que trabalha no projecto.

Alguns irão terminar em Djougop e nos bairros vizinhos, onde o Banco Mundial está a ajudar a financiar a construção de 600 casas, disse. Outros oficiais do projecto enfatizaram que os deslocados seriam compensados.

A barreira do mar é uma medida de emergência a curto prazo e não concebida para ser impermeável. O governo afirma que está a estudar soluções mais duradouras.

Uma rapariga transporta água passando por uma secção do muro de protecção costeira, construído em Saint-Louis, Senegal, para travar o aumento do nível do mar.

AFP/GETTY IMAGES



Cirurgião Traz Cuidados de Saúde Para as Zonas Rurais dos Camarões

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Durante a semana, Dr. Georges Bwelle, de 49 anos de idade, especializa-se em cirurgia intestinal no hospital principal, em Yaoundé, a capital de Camarões. Nos finais de semana, entretanto, ele sai para as ruas.

Ele lidera uma equipe de voluntários que se aperta num mini-bus e segue para as zonas recônditas. Uma pequena clínica móvel fornece cuidados de saúde básicos para os necessitados.

Recentemente, a sua organização não-governamental (ONG) chamada ASCOVIME visitou a cadeia de Nkongsamba, a cerca de 350 quilómetros a noroeste de Yaoundé. Os membros da equipa examinaram aproximadamente 500 prisioneiros e seus familiares.

Os voluntários trouxeram o equipamento, transformando uma sala próximo das celas num pequeno hospital de campanha, com departamentos para medicina geral, oftalmologia, estomatologia e pequenas cirurgias.

Um prisioneiro de 35 anos apareceu de imediato saindo de uma sala de operações, depois de uma cirurgia para hérnia.

“Graças a Deus, fiquei livre desta doença — os médicos cuidaram de mim,” disse.

A motivação de Bwelle para ajudar os outros pode remontar à sua infância.

Nascido numa família modesta, o jovem Bwelle viu a saúde do seu pai deteriorar-se, porque não tinha acesso a um médico especialista depois de um acidente rodoviário. Depois dos seus estudos, Bwelle começou a viajar pelo país.

“Com o pouco dinheiro que eu tinha, comprei medicamentos e tratei três a quatro pessoas, depois 10 e depois 100,” disse. Pouco a pouco, uma equipa de médicos, com habilidades diversas juntou-se a ele.

Em 2008, ele criou a ASCOVIME, um acrónimo francês que significa Associação de Habilidades para Melhoria da Vida.

A ONG leva a cabo cerca de 40 missões por ano, fornece consultas médicas para 40.000 pessoas, realiza cerca de 1.400 operações e oferece equipamento escolar para 20.000 crianças.

Na maior parte do tempo, a ASCOVIME visita as zonas rurais onde os cuidados de saúde são escassos e de difícil acesso.

As mais frequentes queixas médicas são malária, dores nas articulações e hérnia — problemas ligados ao trabalho da terra, disse Bwelle.



Dr. Georges Bwelle, à esquerda, e um dos seus colegas operam um paciente na prisão de Nkongsamba, Camarões, em Julho de 2021. AFP/GETTY IMAGES

FORÇAS DE SEGURANÇA DO SAHEL

Procuram Respostas Depois de Uma Década de Violência

EQUIPA DA ADF | FOTOS DA AFP/GETTY IMAGES

A atrocidades em massa, deslocamentos forçados, execuções públicas: Terror. Foi um facto da vida em partes da região do Sahel de África, desde que os extremistas ganharam espaço no Mali, em 2012, e posteriormente expandiram o seu alcance para além das fronteiras do país.

Apesar dos esforços das forças de segurança regionais e dos parceiros globais, a violência não demonstra sinais de acabar. Até finais de 2021, houve um aumento de 18% nos eventos violentos e uma redução de 14% de mortes, em comparação com a violência de 2020, que atingiu um recorde no Sahel, de acordo com o Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos (ACLED), que documenta a violência em todo o mundo.

A maior parte da violência foi atribuída ao afiliado da al-Qaeda, Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM), uma coligação de grupos de militantes islamitas, incluindo a Frente de Libertação de Macina (FLM), que teve origem na região central do Mali. O Estado Islâmico no Grande Sahara (ISGS) também se encontra activo.

Esperava-se que as mortes ligadas ao JNIM aumentassem em 2021, em comparação com 2020.

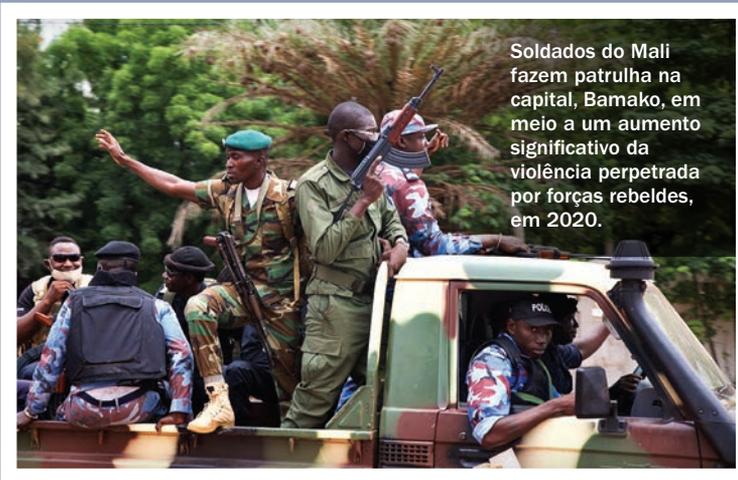
Pessoas fogem de ataques de extremistas no norte de Burkina Faso.

Até finais de Junho de 2021, as mortes registadas atribuídas à FLM, através de batalhas com as forças de segurança e outros grupos militantes, já tinham ultrapassado o seu nível de 2020 e estavam a caminho de duplicar.

Em Burkina Faso, Mali e Níger, a pressão militar tinha obrigado o ISGS e o JNIM a sair de algumas áreas, mas os grupos continuaram a cometer atrocidades em zonas mais recônditas, às vezes, entrando para os países vizinhos e ocasionalmente lutando uns contra os outros.

Outros grupos terroristas que operam no Sahel incluem o Ansar al-Dine, criado em 2011 por Iyad Ag

Continua na página 11



Soldados do Mali fazem patrulha na capital, Bamako, em meio a um aumento significativo da violência perpetrada por forças rebeldes, em 2020.



Em Termos Numéricos

Os seguintes dados representam o número de eventos violentos registados em Burkina Faso, Mali e Níger. Os eventos incluem violência contra civis, lutas e explosões de milícias contra militares. Os números incluem incidentes que envolvem forças estatais, forças rebeldes e milícias políticas.

**1 DE JANEIRO –
9 DE DEZEMBRO DE 2021**

NÚMERO DE EVENTOS

- Burkina Faso..... **1.208**
- Mali..... **1.265**
- Níger..... **392**

NÚMERO DE MORTES

- Burkina Faso..... **2.087**
- Mali..... **1.774**
- Níger..... **1.338**

EVENTOS VIOLENTOS CONTRA CIVIS

- Burkina Faso..... **577**
- Mali..... **469**
- Níger..... **181**

**MESMO PERÍODO
EM 2020**

NÚMERO DE EVENTOS

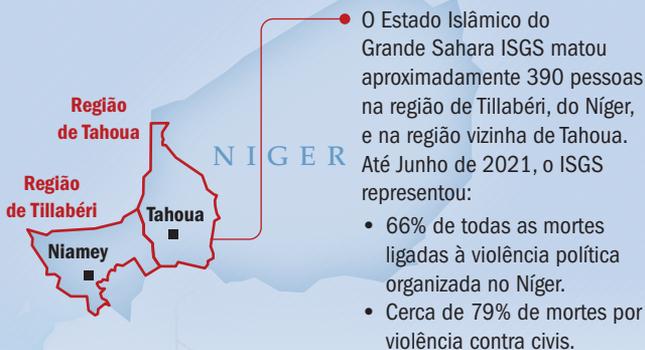
- Burkina Faso..... **845**
- Mali..... **1.216**
- Níger..... **502**

NÚMERO DE MORTES

- Burkina Faso..... **2.278**
- Mali..... **2.748**
- Níger..... **1.030**

EVENTOS VIOLENTOS CONTRA CIVIS

- Burkina Faso..... **319**
- Mali..... **422**
- Níger..... **253**



Fonte: Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Evento

Distribuição dos Ataques

**MAIO DE 2019 –
ABRIL DE 2021**



Fonte: Janes.com

PESSOAS DESLOCADAS INTERNAMENTE (PDIS)

BURKINA FASO

- Ataques de grupos armados fizeram com que 450.000 pessoas fugissem apenas em 2020, aumentando o número total de PDIS desde que o conflito começou em 2016 para mais de 1 milhão.

MALI

- Número estimado de PDI's no Mali: 346.864.
- Número estimado de refugiados malianos em Burkina Faso, Mauritânia e Níger: 146.930.
- Número estimado de malianos que necessitam de ajuda alimentar de emergência: 1,3 milhões.
- Número estimado de malianos que necessitam de assistência humanitária: 5,9 milhões.

NÍGER

- Aproximadamente 139.000 PDI's.
- Os números aumentaram em 47% nas regiões de Tillabéri e Tahoua ao longo dos 12 meses até Abril de 2021.

Fontes: ReliefWeb, Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, Abril de 2021

Número de Mortes



Fonte: Le Monde diplomatique



Multiplicam-se as Parcerias do Estado Islâmico

Anos Depois de Perder Território no Médio Oriente, o ISIS Prolifera no Continente Africano

EQUIPA DA ADF

O grupo do Estado Islâmico, que já deteve cerca de um terço do território sírio e ainda mais espaço no Iraque, agora supervisiona uma rede de afiliados de vários tamanhos em toda a África.

Cada afiliado surgiu em regiões distintas, com histórias e ressentimentos singulares. Os grupos que exploram estes ressentimentos através da extorsão e da violência acabaram por tornar a marca conhecida a nível global como ISIS. Agora a comunidade internacional está a juntar-se aos países africanos na procura de formas de combater a propagação.

A influência do Estado Islâmico em África tem estado a crescer anualmente desde 2014, de acordo com uma reportagem da Sky News, de 2021. Até 2019, pelo menos 22 países africanos tinham registado actividade suspeita ligada ao Estado Islâmico, embora nenhum afiliado estivesse lá instalado. Até 2020, oito países registaram um aumento de violência daquela natureza. Estes oito representam o Sahel da África Ocidental, o actual epicentro da violência do grupo do Estado Islâmico no continente, a República Democrática do Congo (RDC) e Moçambique.

Observadores afirmam que as filiações ao grupo do Estado Islâmico oferecem vantagens para grupos militantes baseados em África e para a organização coordenadora. Os grupos jihadistas locais ganham o selo “da marca do Estado Islâmico, assim como recursos, tais como financiamento, treinos e uma plataforma para propaganda baseada nas redes sociais a nível mundial,” escreveu Jacob Zenn, da Fundação

Um soldado maliano caminha próximo de um sinal com a inscrição “Bem-vindo ao Estado Islâmico de Gao.” O grupo do Estado Islâmico tem estado a expandir o seu alcance em muitos países africanos, incluindo o Mali.

Jamestown, e Colin P. Clarke, do Grupo Soufan, para a revista Foreign Policy. Por sua vez, o grupo do Estado Islâmico pode registar alguns sucessos em África enquanto luta para recuperar das derrotas sofridas no Médio Oriente.

De facto, os afiliados africanos agora são apresentados na primeira página da publicação semanal do grupo do Estado Islâmico, al-Naba, mais do que os grupos centrais do Iraque e da Síria (núcleo do ISIS), escreveram Zenn e Clarke.

Existem seis afiliados africanos, ou províncias, do grupo do Estado Islâmico em África. Os primeiros três começaram em 2014 numa Líbia assolada pela guerra, na Argélia e na região problemática do Sinai, Egípto. Um ano depois, a Província da África Ocidental do Estado Islâmico (ISWAP) foi formada e possui ramificações na Bacia do Lago Chade e no Sahel. Uma ramificação emergiu da insurgência do Boko Haram da Nigéria e a outra dos grupos militantes activos no norte do Mali.

Um pequeno grupo da Somália jurou fidelidade ao grupo do Estado Islâmico em 2018, e um ano depois foi formada a Província da África Central do Estado Islâmico. Possui ramificações na insurgência da província de Cabo Delgado, em Moçambique, e uma facção do grupo de militantes das Forças Democráticas Aliadas, da região leste da RDC.

“Sublinhando o quanto a África passou a ser uma importante área de operações do Estado Islâmico, estima-se que 41% de todas as mortes infligidas por militantes do Estado Islâmico, em 2019, ocorreram em África,” escreveram os pesquisadores Tricia Bacon e Jason Warner, para o Centro de Combate ao Terrorismo de West Point.

Os grupos africanos variam em termos de história, tamanho e motivação. Especialistas concluíram que discernir as verdadeiras relações entre eles e o grupo do Estado Islâmico pode ser difícil. Em última instância, o grupo do Estado Islâmico tem de designar um grupo como uma província para que

este possa ser considerado um afiliado.

Os investigadores Haroro J. Ingram e Lorenzo Vidino escreveram, num ensaio de Maio de 2021, para um blog do Instituto Lawfare, que o grupo do Estado Islâmico fornece aos afiliados o seu aqeeda (credo) e o seu manhaj (método) para a criação de um Estado Islâmico e uma marca para promover a sua propaganda.

“Em suma, espera-se que os seus afiliados adotem e apliquem a ideologia e a estratégia político-militar do Estado Islâmico no seu canto do mundo,” escreveram.

Por exemplo, na RDC, a facção Seka Musa Baluku, do grupo de militantes das Forças Democráticas Aliadas, adoptou as técnicas de propaganda do ISIS Central e os objectos de discussão. Por sua vez, Ingram e Vidino escreveram que o grupo do Estado Islâmico reconheceu as operações dos militantes da RDC e reivindicou os seus sucessos. O ISIS Central não parece estar a fazer muita coisa no sentido de comandar e controlar, mas existem provas de financiamento trazido para o grupo da RDC.

Um tema que une os afiliados é o seu “compromisso mútuo com os ideais, pelo menos de forma ostensiva, de um califado global,” de acordo com Bacon e Warner.

Em forma de ajuda ao grupo líbio, o ISIS Central enviou emissários do Iraque, mandou regressar combatentes estrangeiros para fortalecer as forças locais, ofereceu dinheiro e forneceu conselhos táticos, estratégicos e sobre governação.

O ISIS central também enviou dinheiro para a facção ISWAP do Lago Chade e para grupos que se encontram na Somália. O grupo do Sinai recebeu dinheiro e armamento, escreveram Bacon e Warner. Mesmo assim, a ajuda aos afiliados foi “ad hoc e irregular.”

Zenn e Clarke argumentaram que as províncias líbias, que são mais ou menos defuntas agora, representaram uma ligação de primeiro grau, porque juraram lealdade e receberam combatentes oriundos da Síria para se estabelecerem e “mantiveram comunicações frequentes e directas com o núcleo do grupo.” Eles também receberam financiamento, treinos e aconselhamento até que forças internacionais e líbias os desalojaram.

A ISWAP representaria a ligação de segundo grau. Jurou fidelidade, mas teve pouco envolvimento com combatentes e formadores do grupo central do ISIS. O ISIS, contudo, promove ataques e faz consultas com líderes da ISWAP.

O mundo está a tomar nota do crescimento do grupo do Estado Islâmico em África. Em finais de Junho de 2021, líderes da Coligação Global para Derrotar o ISIS, composta por 83 países, reuniram-se em Roma e aprovaram uma força-tarefa para lidar com a propagação de grupos militantes em África.

Luigi Di Maio, Ministro dos Negócios Estrangeiros da Itália, não partilhou pormenores sobre como a força-tarefa iria trabalhar, mas disse que seria necessária uma “abordagem holística” para lidar com questões como a pobreza e outros causadores do extremismo.

A coligação anunciou que a República Centro-Africana, a RDC e a Mauritânia se encontram entre os mais novos membros do grupo. Burkina Faso, Gana e Moçambique participaram como observadores.

“Embora seja bom que a coligação esteja a falar sobre África e a trazer países relevantes para o debate, qualquer coordenação parece ainda estar nos estágios iniciais, enquanto as condições no terreno estão a deteriorar-se de forma muito rápida,” Emily Estelle, pesquisadora do American Enterprise Institute, disse à Voz da América.

“A força-tarefa proposta devia centrar as suas energias no apoio dos sucessos militares com os sucessos da governação,” disse. “Esta é a lacuna que permite que o Estado Islâmico e outros grupos continuem a retornar depois de perdas militares.”



Soldados nigerinos constroem um muro ao redor das sepulturas de soldados mortos num ataque jihadista de 2019.

Continuação da página 8

Ghali, o líder principal da rebelião de 1990 no Mali, e o Ansaroul Islam, considerado o primeiro grupo terrorista do Burkina Faso.

O número de militantes mortos em Burkina Faso, Mali e Níger durante as operações militares ofensivas desde o início de 2020 até meados de 2021 foi estimado em mais de 1.400, de acordo com o ACLED.

Mali Continua Frágil

As insurgências, muitas vezes, persistem em zonas de agitação política. Este foi o caso do Mali, onde, em Junho de 2021, o país experimentou o segundo golpe de Estado militar, num período de nove meses. Ataques repetitivos do JNIM e do ISGS contra as forças malianas ao longo do primeiro semestre do ano apenas fizeram com que a situação de segurança daquele país piorasse.

A primeira metade de 2021 foi mortal para as forças malianas. Em Fevereiro, o JNIM matou 10 soldados numa emboscada, na cidade central-sul de Boni, e o ISGS atacou uma coluna, na cidade de Tessit, no leste, em Março, matando pelo menos 33 tropas.

Em Dezembro de 2020, um esforço europeu designado Força-Tarefa Takuba chegou ao norte do Mali, com as primeiras tropas oriundas da França e da Estónia; as forças da República Checa e da Suécia chegaram pouco depois, de acordo com o grupo de reflexão Council on Foreign Relations.

Em Julho de 2021, o presidente francês, Emmanuel Macron, anunciou que iria terminar a operação Barkhane, que começou depois de a França ter iniciado uma intervenção militar em 2013. Macron também encerrou três bases militares no Mali e reduziu pela metade o número de tropas francesas no Sahel.

Outras operações de segurança internacionais no Mali desde 2013 incluem a Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização do Mali, que apoiou os processos políticos e realizou tarefas relacionadas com a segurança, e a Missão de Formação da União Europeia no Mali (EUTM), que trabalha para fortalecer as Forças Armadas Malianas.

Esforços Militares Internacionais

A MISSÃO MULTIDIMENSIONAL INTEGRADA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ESTABILIZAÇÃO DO MALI (MINUSMA)

A MINUSMA, criada em 2013, tem mandato para incluir 13.289 do pessoal militar e 1.920 agentes da polícia. As suas forças estão espalhadas por cinco sectores. O seu mandato inclui apoiar a implementação do acordo de paz no Mali e ajudar os actores malianos a estabelecer uma estratégia para a protecção de civis e para a redução da violência. Durante a maior parte da sua existência, revelou-se ser a missão de manutenção de paz mais perigosa do mundo, com 260 soldados da manutenção da paz mortos até Novembro de 2021.

A FORÇA CONJUNTA G5 DO SAHEL

As autoridades formaram a Força Conjunta G5 do Sahel em 2017 como uma aliança militar entre Burkina Faso, Chade, Mali, Mauritânia e Níger. Na sua criação, foi autorizada pela União Africana e pela sede das Nações Unidas em Bamako, Mali, e inclui pessoal em número de até 5.000, entre soldados, agentes da polícia e guardas. Combate o terrorismo, o tráfico de drogas e o tráfico de seres humanos no Sahel com ênfase em particular nas regiões fronteiriças entre os países membros.

A FORÇA-TAREFA CONJUNTA MULTINACIONAL (MNJTF)

As autoridades criaram a MNJTF em 1994, na Nigéria, em resposta ao banditismo armado na Bacia do Lago Chade. Em 1998, tornou-se verdadeiramente multinacional com a inclusão do Chade e do Níger, que enfrentavam desafios de segurança semelhantes. Em 2015, enquanto o grupo extremista do Boko Haram se espalhava pela região, a União Africana autorizou o destacamento de cerca de 10.000 tropas para resolver a crise de segurança. Agora inclui cinco Estados-membros, nomeadamente Benin, Camarões, Chade, Níger e Nigéria, com quatro sectores em Mora, Camarões; Baga-Sola, Chade; Baga, Nigéria; e Diffa, Níger.

A MISSÃO DE FORMAÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA (EUTM) NO MALI

A missão, que começou em 2013, é composta por mais de 800 soldados de 22 países-membros da União Europeia e cinco Estados não-membros. A EUTM no Mali forma e aconselha o exército maliano, melhora o sistema de educação militar e aconselha o pessoal da sede da Força Conjunta G5 do Sahel. Começou com o seu quinto mandato em 2020 e, até meados de 2021, tinha formado mais de 15.000 estudantes das Forças Armadas Malianas numa variedade de habilidades, incluindo primeiros socorros, combate de dispositivos explosivos improvisados e lei sobre os direitos humanos.

A OPERAÇÃO BARKHANE

Esta intervenção militar liderada pela França veio depois da Operação Serval, em Agosto de 2014. Diferentemente da Serval, que estava limitada ao Mali, a Operação Barkhane foi concebida para responder aos militantes em toda a região do Sahel, com ênfase particular na região de fronteira tríplice entre Burkina Faso, Mali e Níger. Cerca de 4.500 soldados foram destacados para Burkina Faso, Chade, Mali e Níger, com sede em N'Djamena, Chade. Em Julho de 2021, o presidente francês, Emmanuel Macron, anunciou que iria terminar a operação enquanto continuava o apoio da França para os países da região que combatem o extremismo.

A FORÇA-TAREFA TAKUBA

Em Dezembro de 2020, um esforço europeu designado Força-Tarefa Takuba chegou ao norte do Mali, com as primeiras tropas oriundas da França e da Estónia; as forças da República Checa e da Suécia chegaram pouco depois, de acordo com o grupo de reflexão Council on Foreign Relations. Em 2021, a força-tarefa reuniu as forças especiais de sete países europeus para lutar contra o terrorismo no Sahel. A força inclui 600 tropas, metade das quais provenientes do exército francês.



Cidadãos burquinabês protestam contra o aumento dos ataques jihadistas em 2021.

Até Outubro de 2021, Mali alegadamente estava próximo de alcançar um acordo que iria destacar 1.000 membros do Grupo Wagner, da Rússia, para o país a fim de combater o terrorismo e a insegurança. Os mercenários, que têm a fama de serem cruéis, operam em vários países do continente e possuem um registo histórico de violações de direitos humanos e enriquecimento próprio.

O ISGS no Níger

No Níger, a região de Tillabéri continua a ser um foco de ataques perpetrados por ISGS, JNIM e bandidos armados.

Em Janeiro de 2021, homens armados jihadistas mataram 100 pessoas em Tchoma Bangou e Zaroumadareye. As aldeias localizam-se a 120 quilómetros a norte da capital do Níger, Niamey, na região de Tillabéri, que faz fronteira com o Mali e o Burkina Faso.

Num encontro público de líderes federais, regionais e locais, na cidade de Ouallam, o General Mahamadou Abou Tarka disse que a fronteira de Tillabéri com o Mali permite que os extremistas tenham um acesso virtualmente desimpedido para a região.

“As dificuldades para garantir a paz numa região como aquela do norte de Tillabéri advém do facto de tratar-se de uma área de fronteira aberta para o Mali, onde o governo infelizmente desapareceu,” disse Tarka, que serve como presidente da Alta Autoridade para Consolidação da Paz da Nigéria. “Devemos procurá-los e persegui-los incansavelmente na sua base no Mali, aniquilá-los, não permitir que tenham campo.”

Para vencer esta batalha contra os extremistas, disse, o exército, os líderes locais e o público devem trabalhar de mãos dadas.

“As forças armadas precisam do conhecimento que a administração tem das comunidades,” disse. “As consultas entre o exército e o governador, entre o exército e os prefeitos, devem ser permanentes.”

O ISGS é, de longe, o grupo terrorista mais activo no Níger. Na primeira metade de 2021, o número de pessoas mortas pelo ISGS representou 66% de todas as mortes perpetradas pela violência política organizada e cerca de 79% por violência contra civis, de acordo com o ACLED.

Grupos Armados

O JAMA'AT NUSRAT AL-ISLAM WAL-MUSLIMIN (JNIM)

O JNIM foi formado em Março de 2017, através de uma junção de quatro grupos jihadistas do Sahel: o Ansar al-Dine, a Frente de Libertação de Macina, o al-Mourabitoun e a ramificação do Sahara da al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQIM). Desde então, expandiu os seus territórios de operações pela África Ocidental enquanto comete violência contra civis, forças de segurança locais, exércitos internacionais e soldados de manutenção da Paz da ONU.

O ANSAR AL-DINE

O Ansar al-Dine, que significa “Defensores da Fé,” é um grupo Tuaregue islâmico, fundado em Dezembro de 2011. O grupo tenta estabelecer a Sharia em todo o Mali e, muitas vezes, ataca civis ocidentais e soldados de manutenção da paz. O grupo esteve muito envolvido no golpe de Estado de 2012, no Mali. Em 2017, o grupo juntou-se oficialmente à Frente de Libertação de Macina, ao al-Mourabitoun e à ramificação do Sahara do AQIM para formar o JNIM.

A FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MACINA (FLM)

Um afiliado do Ansar al-Dine, a FLM foi formada em Janeiro de 2015 com objectivo de assumir o controlo de um grande território da região central do Mali e substituir o Estado do Mali. Foi fundado por Amadou Koufa, um pregador radical Fulani, oriundo da região de Mopti. O grupo inicialmente atacou tropas malianas, mas pouco depois começou a atacar civis, realizando rusgas de pequena escala nas estações da polícia e assassinando oficiais locais. O grupo alegadamente utilizou dispositivos explosivos improvisados, carros-bomba e ataques suicidas durante um ataque contra o Quartel-General da Força Conjunta G5 do Sahel, em 2018.

O ESTADO ISLÂMICO DO GRANDE SAHARA (ISGS)

A operar na região de Liptako-Gourma do Sahel, ao longo das fronteiras de Burkina Faso, Mali e do Níger, o ISGS visa estabelecer um governo Salafi-jihadista. O grupo é conhecido por competir com outros grupos terroristas, cometer violência contra civis e atacar as forças de segurança internacionais e locais. Em Setembro de 2021, as tropas francesas mataram o líder do ISGS, Adnan Abu Walid al-Sahrawi, que era procurado por realizar ataques mortais contra soldados dos EUA e trabalhadores de ajuda humanitária estrangeiros.

O ANSAROU ISLAM

Fundado em 2016 por Ibrahim Malam Dicko, um imam e pregador Fulani, é considerado o primeiro grupo islamita de militantes nascido em Burkina Faso. O grupo dividiu-se depois da morte de Dicko, numa rusga liderada pela França ao seu acampamento, em 2017. De 2016 a 2018, pouco mais da metade de eventos violentos de militantes islamitas em Burkina Faso foram atribuídos ao Ansaroul Islam, mas as actividades do grupo reduziram drasticamente nos anos que se seguiram.

Oficiais do exército nigerino fazem inspeção de uma viatura incendiada, onde homens armados, que se faziam transportar em motorizadas, mataram oito pessoas, incluindo seis trabalhadores franceses de uma organização de ajuda humanitária.

A brutalidade no Burkina Faso

O ISGS também deixou um rastro de devastação no Burkina Faso, onde os terroristas são conhecidos por cortar as mãos de suspeitos ladrões, realizar execuções públicas e recrutar crianças. Desde 2018, o país experimentou um aumento acentuado de ataques contra forças de segurança e civis.

No dia 4 de Junho de 2021, homens armados, na sua maioria crianças com idades compreendidas entre 12 e 14 anos, invadiram a aldeia de Solhan, no nordeste de Burkina Faso, tendo matado mais de 160 pessoas e incendiado casas.

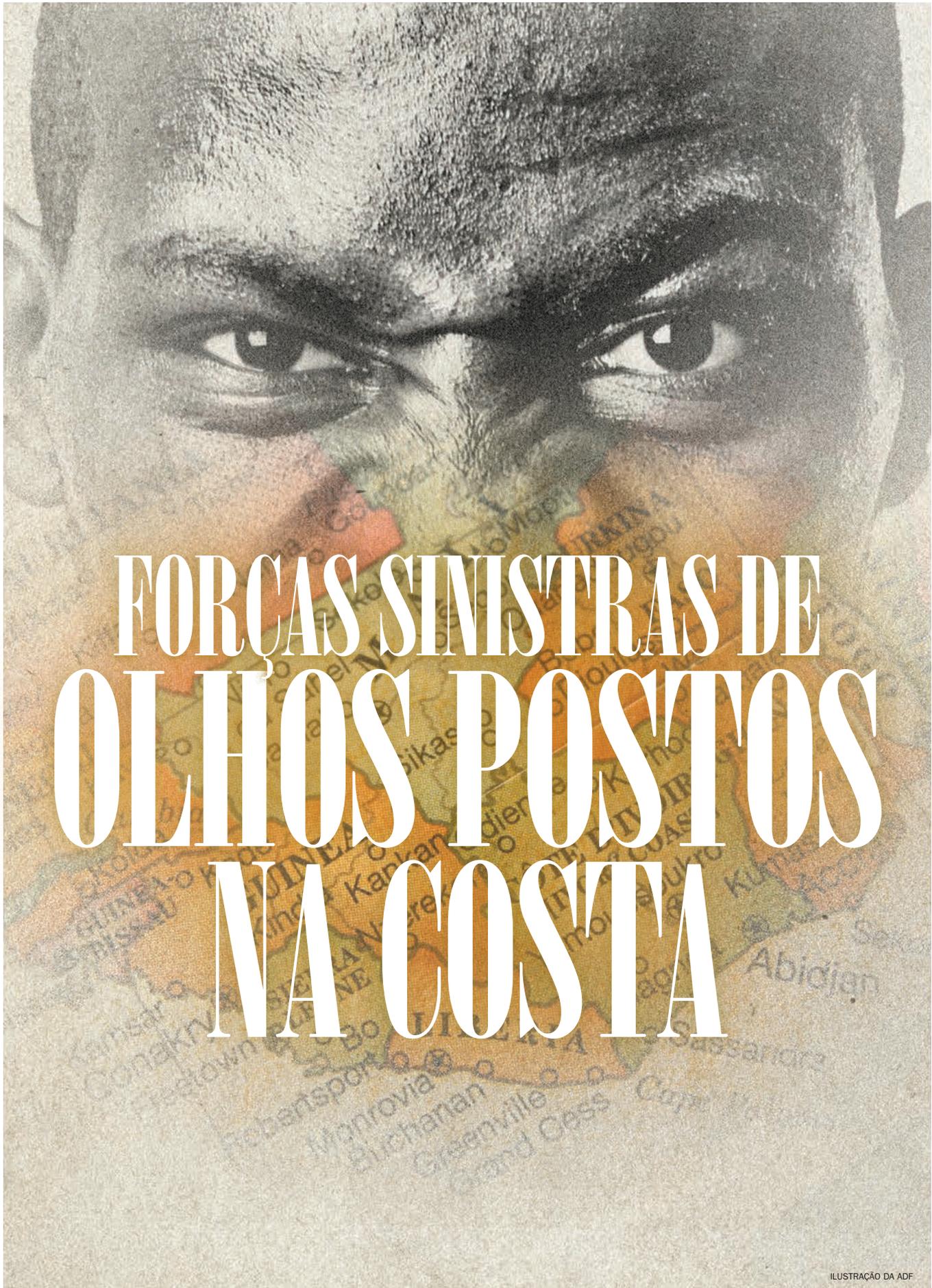
A luta entre o ISGS e o JNIM, juntamente com os esforços da França e das forças de segurança da Força Conjunta G5 do Sahel enfraqueceram o ISGS na região do Sahel daquele país, nas regiões de Centre-Nord e East. O grupo alterou as suas operações para a província de Seno, a sul de Burkina Faso, e a província de Oudalan, a leste.

O JNIM procura manter a conformidade e regular a conduta social, através de meios menos mortais, incluindo intimidação através de ameaças, agressões e raptos em zonas controladas pelo grupo, de acordo com o ACLED.

Em Novembro de 2020, contudo, o JNIM respondeu ao destacamento de tropas na cidade nordeste de Mansila, impondo um embargo sobre a cidade e colocando dispositivos explosivos improvisados ao longo das estradas circunvizinhas.

Durante a primeira metade de 2021, grupos extremistas mataram 66 voluntários das milícias e, em Novembro, um ataque próximo de uma mina de ouro, em Inata, matou 49 polícias militares.

Até Maio de 2021, mais de 1,1 milhões de civis burquinabês ficaram deslocados internamente, em comparação com 560.000 no início de 2020, de acordo com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional. □



FORÇAS SINISTRAS DE OLHOS POSTOS NA COSTA

ILUSTRAÇÃO DA ADF

PAÍSES AFRICANOS PREPARAM-SE NUMA ALTURA EM QUE EXTREMISTAS DO SAHEL PROCURAM EXPLORAR NOVOS TERRITÓRIOS

EQUIPA DA ADF

QUANDO os extremistas lançavam assaltos homicidas sobre igrejas burquinabês em 2019, o vizinho Gana tomava notas. Nos anos anteriores, o terrorismo e a violência apoiados por islamitas, que nasceram no Mali e que se espalharam em direcção ao Sul, tinham-se infiltrado no Burkina Faso e alastravam-se para cada vez mais próximo da fronteira norte do Gana.

Embora ocorressem a centenas de quilómetros a norte da fronteira, os ataques contra igrejas ainda eram uma fonte de preocupação. A sua brutalidade contra os fiéis e contra os locais de culto era surpreendente.

Em Silgadji, Burkina Faso, homens armados chegaram de motorizadas, em alta velocidade, e mataram um pastor, dois dos seus filhos e outros três membros da congregação, em Abril de 2019, noticiou a BBC. Menos de um mês depois, mais de duas dezenas de extremistas mataram seis pessoas, incluindo um padre, durante uma missa na igreja, em Dablo. Depois incendiaram a igreja e a deixaram em cinzas.

O medo voltou a ser instigado nos ganeses pouco depois do domingo, dia 2 de Junho de 2019, quando um cidadão de 51 anos de idade, de nacionalidade burquinabê, acabou por entrar ao acaso numa igreja católica, em Hamile, uma cidade nortenha da fronteira norte do Gana. O pedreiro, vestido de uma camiseta e calças, trazia uma pistola semiautomática e levantou a suspeita dos membros da congregação.

A polícia chegou e prendeu o homem antes de mais nada ter acontecido. O homem armado disse às autoridades que tinha chegado àquela zona, uma semana antes, para trabalhar num projecto de construção, de acordo com o Graphic Online, um canal ganês de notícias. Ele também disse à polícia que trazia a arma para a sua protecção, porque anteriormente já tinha sido vítima de roubo em Burkina Faso.

O Conselho Regional de Segurança de Upper West reuniu com líderes cristãos e muçulmanos para encorajar a vigilância e para que os residentes locais continuem atentos a pessoas suspeitas, de acordo com o Graphic Online. “Este é um alerta para se despertar

para a segurança pública,” disse o Reverendíssimo Richard Kuuia Baawobr, bispo da Diocese de Wa.

Enquanto a violência dos militantes islamitas continua a aumentar em Burkina Faso, Mali e em outros lugares, duas coisas ficam claras: os grupos extremistas tornaram público o seu desejo de expandir o seu alcance para os países costeiros da África Ocidental. E aqueles países estão a trabalhar juntos no sentido de os impedir.

“De algum tempo para cá, o entendimento que todos nós, que tralhamos neste espaço, é que o extremismo violento está a descer em direcção aos Estados da região costeira do Sahel — de Mali, passando por Níger até Burkina Faso — e subsequentemente a procurar assumir o controlo de Estados das regiões costeiras, incluindo o Gana,” Mutaru Mumuni Muqthar, director-executivo do Centro de Combate ao Extremismo da África Ocidental (WACCE, na sigla inglesa), disse à ADF. “E, por isso, temos estado



Participantes conversam durante um encontro de envolvimento comunitário em Bawku, Gana, em Novembro de 2020.

ABDUL RASHID IDRISU/WACCE

a acompanhar este assunto com muita atenção em termos de lidar com as comunidades ao longo das fronteiras, as nossas fronteiras do norte.”

A SEDUÇÃO DOS ESTADOS COSTEIROS

A propagação da violência a partir do Mali para o Burkina Faso e para outros lugares pode ser explicada através de várias dinâmicas. Em primeiro lugar, as respostas de segurança regionais e internacionais obrigaram que os militantes saíssem quando procuravam por locais seguros nos novos territórios, como ao longo das fronteiras porosas de Burkina Faso, Mali e na região de Liptako-Gourma, do Níger.

Em segundo lugar, os militantes procuram “expandir o campo de batalha” para diluir a eficácia das forças de segurança, fazendo com que as autoridades cubram territórios cada vez maiores, de acordo com o Dr. Daniel Eizenga, assistente de pesquisa do Centro de Estudos Estratégicos de África. Por último, as populações da região, incluindo as que se encontram nos Estados das regiões costeiras, tendem a estar cultural e eticamente interligadas de formas que desafiam os limites fronteiriços, especialmente com relação ao movimento de pastores, entrando e saindo pela região. Isso pode complicar ainda mais a segurança e não está directamente ligado à violência de 10 anos originada no Mali.

Líderes militares de alta patente deixaram claros os seus intentos durante um encontro de Fevereiro de 2020, na região centro do Mali, onde discutiram sobre a expansão para o Golfo da Guiné, primariamente através do Benin e da Costa do Marfim e atacando as bases do exército lá existentes.

Entre os participantes, de acordo com as autoridades de segurança da França, estavam Abdelmalek Droukdel, então líder do al-Qaeda no Maghreb Islâmico; Iyad Ag Ghali, fundador do Ansar al-Dine e líder do Jama’at Nusrat al-Islam wal-Muslimin, conhecido como JNIM; e Amadou Kouffa, líder da Frente de Libertação de Macina. As forças francesas mataram Droukdel, no Mali, em Junho de 2020.

As motivações financeiras também se encontram entre os prováveis causadores da expansão para os Estados costeiros. O Sahel e as regiões vizinhas são predominantemente pastorais, o que significa que possuem uma indústria pecuária robusta. Os mercados de gado fazem com que as pessoas avancem em direcção à costa. Caso os extremistas consigam controlar e explorar as rotas do comércio e os movimentos nestas rotas, eles podem ajudar a financiar os seus esforços, disse Eizenga.

Aqueles movimentos transfronteiriços são comuns e difíceis de policiar em países como o Benin, Costa do Marfim, Gana e Togo.

Muqthar disse que a infiltração por parte dos extremistas na região norte do Gana é «inevitável.» O seu grupo, WACCE, mantém uma dezena de envolvimentos civis por ano, na sua maioria em Gana, mas



Um oficial dos serviços de imigração do Gana faz patrulha durante um evento de cooperação de segurança com os fuzileiros navais dos EUA, em Asutsuare, Gana. Postos informais de travessia fronteiriça do norte do Gana são uma preocupação de segurança.

1º TENENTE TAYLOR COX, CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS DOS EUA

o grupo também trabalhou nos Camarões e possui “redes operacionais” em Burkina Faso, Costa do Marfim, Mali e Senegal. A maior parte dos envolvimento são workshops para ajudar os civis a criar resiliência contra o extremismo violento. O grupo também realiza pesquisa e trabalho de advocacia e trabalha em estreita cooperação com os ministérios do interior e da segurança nacional do Gana.

WACCE observou movimentos transfronteiriços próximo de Bawku, uma cidade do nordeste do Gana, perto do lugar onde Burkina Faso, Gana e Togo se encontram. O mesmo acontece nas cidades do noroeste, como Hamile e Tumu.

“Existem testemunhos de como grupos de pessoas reivindicando ser familiares ou que partilham familiares no Gana, que entram, atravessam para o Gana e voltam,” disse. «E existem suspeitas de extremistas que utilizam esta ideia de família e atravessam entrando para o país e depois saindo.»

Relatórios de oficiais da imigração, a nível local e nacional, indicam que os extremistas, sob pressão das forças de segurança, fogem para o Gana para se esconderem e também tentam recrutar jovens ganeses. “O que não sabemos — não temos a certeza — é até que

“

O NORTE DA COSTA DO MARFIM ESTÁ A COMEÇAR A FICAR SOB A INFLUÊNCIA DE GRUPOS JIHADISTAS. ESTA REGIÃO É FUNDAMENTAL PARA A SEGURANÇA DO ESTADO COSTA-MARFINENSE,”

– Lassina Diarra, especialista costa-marfinense em matéria de combate ao terrorismo



Soldados costa-marfinenses garantem a segurança durante a inauguração da Academia Internacional de Combate ao Terrorismo, em Jacqueville, Costa do Marfim, em Junho de 2021. AFP/GETTY IMAGES

A INICIATIVA DE ACRA

- Países Membros
- Países Observadores

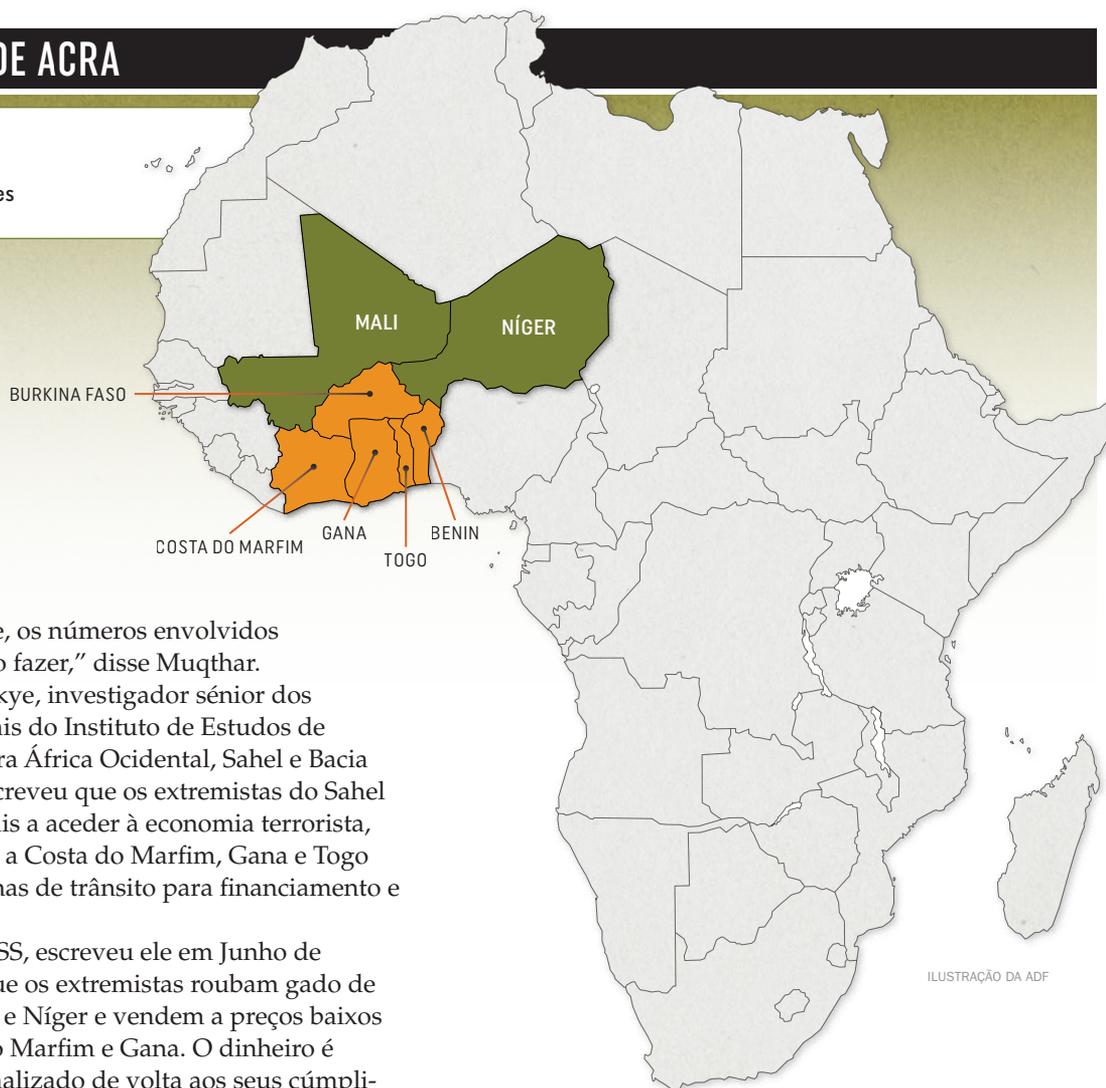


ILUSTRAÇÃO DA ADF

ponto isso acontece, os números envolvidos e a sua decisão de o fazer,” disse Muqthar.

Sampson Kwarkye, investigador sénior dos Escritórios Regionais do Instituto de Estudos de Segurança (ISS) para África Ocidental, Sahel e Bacia do Lago Chade, escreveu que os extremistas do Sahel “estão cada vez mais a aceder à economia terrorista, utilizando o Benin, a Costa do Marfim, Gana e Togo como fontes ou zonas de trânsito para financiamento e logística.”

A pesquisa do ISS, escreveu ele em Junho de 2020, demonstra que os extremistas roubam gado de Burkina Faso, Mali e Níger e vendem a preços baixos em Benin, Costa do Marfim e Gana. O dinheiro é posteriormente canalizado de volta aos seus cúmplices, incluindo terroristas, que o utilizam para adquirir armas, motorizadas, combustível e comida.

Kwarkye escreveu que os contrabandistas trazem fertilizantes avaliados em milhares de dólares, oriundos de cidades da fronteira do Gana, como Hamile, para o Burkina Faso, onde se torna abundante e barato para os extremistas que o utilizam para fazer dispositivos explosivos improvisados e carros-bomba.

OS ESTADOS DA ÁFRICA OCIDENTAL RESPONDEM

Kwarkye escreveu que os países costeiros terão de melhorar o controlo das fronteiras, melhorar as suas habilidades de rastrear o comércio entre os países e reunir melhor inteligência, incluindo através do apoio de civis que vivem nas cidades das regiões fronteiriças.

O Gana já está a tomar medidas neste sentido. O presidente Nana Akufo-Addo, em Junho de 2021, anunciou o lançamento da primeira Estratégia de Segurança Nacional daquele país. Os esforços são destinados a fornecer “respostas rápidas, coordenadas e compreensíveis” às ameaças, disse.

O ministro da segurança nacional deve promover workshops para oficiais do governo, líderes religiosos

e tradicionais, grupos de jovens e de mulheres, educadores e organizações da sociedade civil para esclarecer os seus papéis na colaboração para a segurança.

Os países vizinhos do Gana também passaram alguns anos a preparar-se para se defender das crescentes ameaças de extremistas emanadas do Sahel.

Em Junho de 2021, a Costa do Marfim inaugurou a sua Academia Internacional de Combate ao Terrorismo, nos arredores de Abidjan. A academia inclui um instituto de pesquisa, uma escola para oficiais do governo e um centro de formação para forças especiais. A mesma irá formar soldados, agentes da polícia, agentes das alfândegas e administradores prisionais de vários países.

“O norte da Costa do Marfim está a começar a ficar sob a influência de grupos jihadistas,” especialista costa-marfinense em matéria de combate ao terrorismo, Lassina Diarra, disse à Agência France-Press. “Esta região é fundamental para a segurança do Estado costa-marfinense.”

Os extremistas que têm como alvo a Costa do Marfim exploram os laços culturais com o Burkina



Faso para atravessar as fronteiras e para fazer o recrutamento e praticar outros actos ilegais. Em Junho de 2020, extremistas atacaram um posto de segurança, em Kafolo, matando 10 soldados. Em 2021, vários outros ataques, ao longo das fronteiras, foram perpetrados nos meados do ano.

No Togo, a leste do Gana, o governo formou um Comité Interministerial para a Prevenção e Luta Contra o Extremismo Violento, em Maio de 2019. O comité, composto por 18 membros, inclui membros de ministérios do governo, o exército e grupos civis e religiosos. O grupo trabalha com painéis locais para fazer campanhas de sensibilização, alertas antecipados de actividades extremistas e melhorar as relações entre os civis e as forças de segurança, de acordo com um relatório do ISS, de Outubro de 2019, intitulado “Togo aperta o cerco contra ameaças terroristas.”

Os países das regiões costeiras da África Ocidental também estão a trabalhar em conjunto. Benin, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gana e Togo criaram a Iniciativa de Acra, em 2017, em resposta à crescente ameaça regional de extremistas. Dois anos depois, Mali e Níger juntaram-se a eles como observadores. A iniciativa centra-se em três áreas: formação; operações militares transfronteiriças, como a operação Koudalgou I, II e III entre Maio de 2018 e Novembro de 2019; e partilha de informação e de inteligência através de encontros periódicos entre ministros do governo e oficiais de segurança.

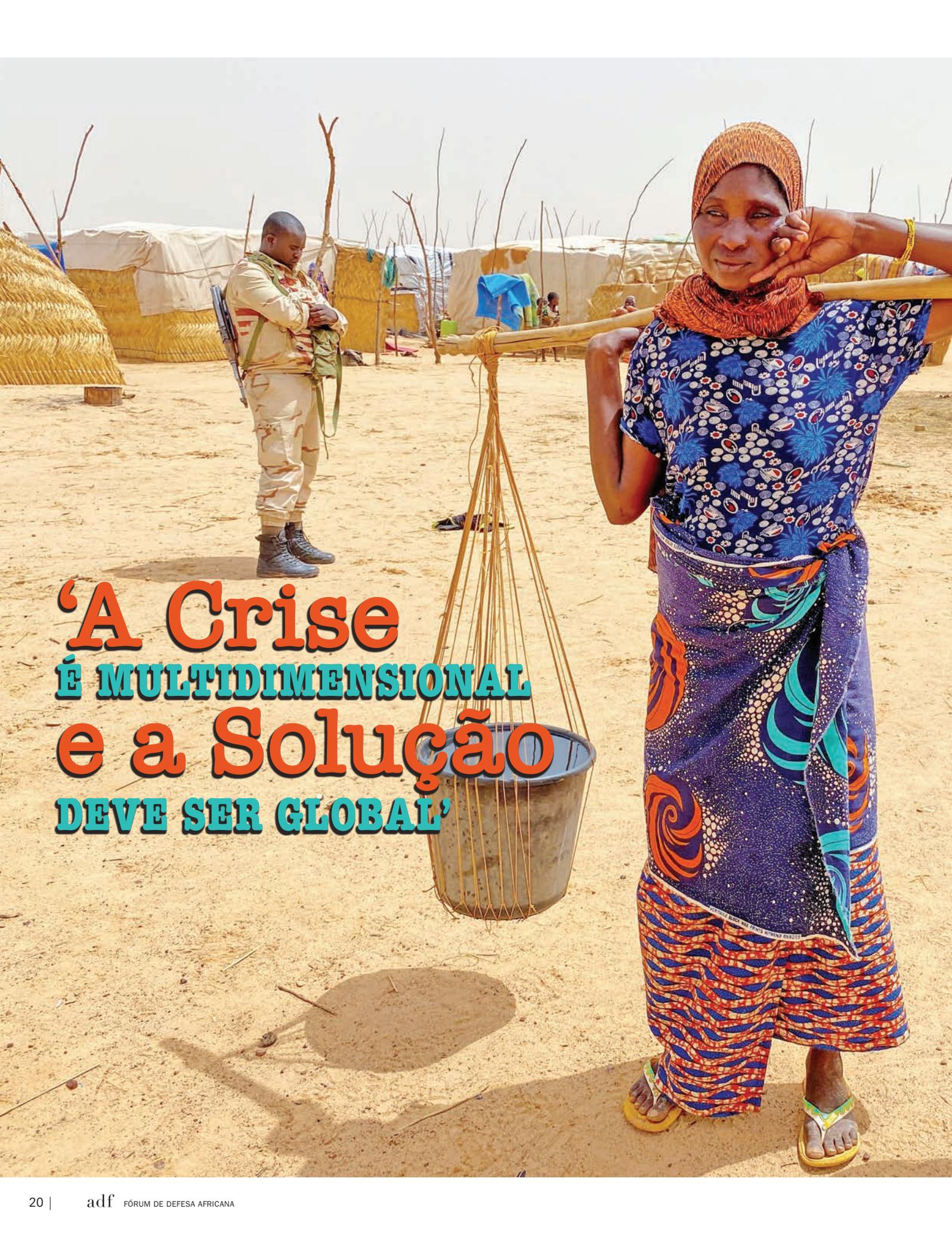
Um investigador burquinabê faz a inspeção de carros incendiados, em Janeiro de 2016, nos arredores do Splendid Hotel, em Ouagadougou, depois de um ataque perpetrado pelo al-Qaeda no Magreb Islâmico ter feito dezenas de vítimas mortais. AFP/GETTY IMAGES

Os países da região parecem concordar que as intervenções militares, que tendem a ser de curta duração e esporádicas, não serão suficientes para combater a crescente ameaça. Interagir com civis, construir a confiança e realizar operações de formas que interrompem os fluxos financeiros dos extremistas sem prejudicar as economias locais será crucial.

O Gana destaca-se como um modelo na África Ocidental. Até agora, evitou grandes ataques terroristas apesar de estar num emaranhado de países que sofrem tais abusos. Possui um exército bem formado, um governo estável e um histórico de envolvimento com a sociedade civil. Mesmo assim, deve permanecer em alerta.

O analista em matérias de políticas estrangeiras e de segurança, Abid Saani, disse ao serviço noticioso alemão, Deutsche Welle, em Julho de 2021, que o Gana beneficia da ausência de insurgência activa e outros problemas de segurança interna.

“Em termos gerais, no Gana fomos capazes de manter um nível de segurança humana e uma coesão nacional em todas as partes do país, por isso, os terroristas não têm espaço de enquadramento.” □



**‘A Crise
É MULTIDIMENSIONAL
e a Solução
DEVE SER GLOBAL’**

O Chefe do Departamento de Defesa do G5 do Sahel Apela para um Novo Plano Marshall para Salvar o Sahel

EQUIPA DA ADF

Mohamed Znagui Sid'Ahmed Ely conhece bem os desafios de segurança do Sahel. Um antigo Brigadeiro-General do Exército da Mauritânia passou algum tempo em posições de comando e no quartel-general daquele país. Ele diz de forma humilde, "A minha carreira é uma carreira normal de um oficial," mas o seu currículo demonstra que ele esteve na linha da frente da luta contra os extremistas naquela região.

Comandou o Comité Conjunto de Pessoal Militar (CEMOC) daquela região, em Tamanrasset, Argélia, e mais tarde foi nomeado Inspector-Geral das Forças Armadas da Mauritânia. Ele também passou tempo no exterior como adido de defesa.

Em 2015, ele deixou o activo e tornou-se chefe do Departamento de Defesa da força recentemente criada G5 do Sahel. Na altura, a situação de segurança era particularmente perigosa. Os grupos extremistas tinham sido repelidos do norte do Mali pelas forças chadianas e francesas,

mas tinham-se reagrupado e formado uma base de operações na zona da fronteira tríplice entre Burkina Faso, Mali e Níger, conhecida como Liptako-Gourma.

"Ele refugiaram-se nas zonas de travessia fronteiriça que são remotas, de difícil acesso e abandonadas pelos Estados," Sid'Ahmed Ely disse à ADF. "Eles transformaram-nas em zonas sem lei, onde eles ganharam a lealdade ou aterrorizaram as populações, praticaram tráficos ilícitos e lançaram ataques contra as populações rurais e urbanas e contra as forças nacionais e internacionais presentes."

Em 2017, a Força Conjunta G5 do Sahel foi criada e aclamada como uma solução interna para os desafios de segurança do Sahel. Composta por 5.000 soldados em

sete batalhões espalhados por três zonas, foi concebida para acabar com os terroristas nas regiões fronteiriças e combater o crime transfronteiriço, como o tráfico de droga. Mas enquanto esta força entra no seu quinto ano, o panorama de segurança da região continua desolador.

Mais de 5.000 pessoas foram mortas em ataques ou em combates armados em 2021 e mais de 2 milhões de pessoas encontram-se deslocadas. Em 2021, aproximadamente 29 milhões de pessoas no Sahel precisavam de ajuda e de protecção, um aumento de 5 milhões de pessoas em comparação com 2020, de acordo com as Nações Unidas.

Sid'Ahmed Ely é rápido em afirmar que existe muito trabalho por se fazer.



Uma mulher transporta água no acampamento para pessoas deslocadas, em Ouallam, Níger. A violência obrigou mais de 2 milhões de pessoas do Sahel a abandonarem as suas residências. REUTERS



Mohamed Znagui Sid'Ahmed Ely, chefe do Departamento de Defesa do G5 do Sahel



“O terrorismo nunca foi saheliano. **FOI IMPORTADO PARA NÓS E ENXERTADO PARA OS NOSSOS PROBLEMAS LOCAIS** a fim de produzir a situação complexa em que vivemos hoje.”

“A situação hoje ainda é preocupante, e a força conjunta ainda tem falta de meios necessários para a sua missão,” disse.

Ele também acredita que a crise está a ser alimentada por factores que estão para além das fronteiras dos países do G5 do Sahel: Burkina Faso, Chade, Mali, Mauritânia e Níger. A guerra civil da Líbia causou um alastramento de combatentes e de armas que entraram nos países sahelianos. A perda de terreno pelo Estado Islâmico no Médio Oriente também causou receios de que o Sahel iria atrair combatentes estrangeiros experientes.

“O terrorismo (em vez de utilizar a palavra jihadismo, que é um termo erróneo) nunca foi saheliano,” disse Sid’Ahmed Ely. “Foi importado para nós e enxertado para os nossos problemas locais a fim de produzir a situação complexa em que vivemos hoje. As vastas áreas desertas, a atracção de lucros através de tráfico criminoso, a situação prejudicial na nossa região, a precariedade dos nossos meios e a relutância da comunidade internacional fazem com que eu receie que uma nova onda de terrorismo possa vir para nossa região.

Mas ele insiste que a força conjunta obteve ganhos.

O sucesso pode ser medido na cooperação regional. Há pouco tempo, a cooperação entre os cinco países era desonesta e, por vezes, claramente hostil. Agora os países criaram uma Plataforma de Cooperação da Segurança; fundaram um Centro de Análise e Alerta Antecipado em Ouagadougou, Burquina Faso; e fundaram o Centro de Fusão de Niamey, Níger. As forças

multinacionais treinam de forma conjunta no Colégio de Defesa G5 do Sahel, em Nouakchott, Mauritânia, e no Colégio de Segurança Saheliana de Bamako, Mali. Brevemente, uma academia de polícia regional será aberta em N’Djamena, Chade.

“Em tão curto período de tempo e vindo de cinco países, foi bem-sucedida na integração e no trabalho em conjunto num comando de uma única força,” disse Sid’Ahmed Ely. “Garante a formação pré-destacamento comum para os homens e prepara uma componente da polícia para a supervisão judiciária e a conformidade com a lei.”

A nível operacional, a força conjunta criou grupos de acção rápida de guardas em cada país, que são treinados e equipados para as missões de combate ao terrorismo.

Sid’Ahmed Ely, em particular, aclama a coordenação sem igual das forças através do Posto de Comando Aliado de Bamako, que tem autoridade sobre a sede das três zonas. Um comando conjunto separado foi criado em Niamey para coordenar com as forças estrangeiras aliadas, como a França, na região de fronteira tríplice.

“A estratégia da força conjunta é de agir em zonas em parceria com as forças aliadas e as forças nacionais da região, priorizando as áreas que são frequentemente atacadas pelo inimigo,” disse. “Actualmente, concentra os seus esforços na zona central, que é onde a região da fronteira tríplice se encontra localizada.”

Um sucesso em particular foi a Operação Sama, que foi conduzida em três fases em Liptako-Gourma, ao longo de mais de dois anos. A operação ajudou a recuperar o



A PARTIR DA ESQUERDA: Soldados reúnem-se com civis como parte da Operação Sama, da Força Conjunta G5 do Sahel.

FORÇA CONJUNTA G5 DO SAHEL

O Colégio de Defesa G5 do Sahel de Nouakchott foi formado em 2018 para dar formação comum aos soldados da Força Conjunta G5 do Sahel de cinco países. Graduou a sua terceira turma em 2021. G5 DO SAHEL

Um médico militar nigeriano trata de um paciente numa clínica médica gratuita durante a Operação Sama, na região de Liptiko-Gourma, entre Burkina Faso, Mali e Níger.

FORÇA CONJUNTA G5 DO SAHEL

território e a desmantelar infra-estruturas dos terroristas, capturando equipamento de produção de bombas, motorizadas, combustível, armas e telemóveis. A operação enfatizou acções civis-militares como a distribuição de kits escolares para crianças, assim como rádios e produtos alimentares para adultos. Ofereceu serviços de saúde para os mais vulneráveis.

“As operações ajudaram a manter a pressão sobre grupos armados e de terroristas e a reforçar a confiança entre a Força e as populações civis,” disse a ONU, no relatório do secretário-geral de Maio de 2021. “A Força Conjunta também relata um aumento da colaboração entre as suas unidades e a população.”

Mesmo assim, a força conjunta enfrenta grandes desafios. Tem falta da sua própria capacidade aérea para transportar tropas e equipamento, fazer o reconhecimento ou fornecer apoio aéreo para as forças no terreno. Sid’Ahmed Ely disse que a força conjunta também tem falta de capacidade de ver imagens de satélite e recolher inteligência de forma electrónica.

“Isso realmente prejudica a eficácia da força,” disse. “Esta falta de capacidade aérea pode ser resolvida disponibilizando-a através de outras estruturas, se não for directamente, ou fortalecendo as capacidades nacionais dos países contribuintes, que fornecem apoio aéreo à força conjunta.”

Sid’Ahmed Ely disse que apesar de a força conjunta precisar de recursos, resolver a crise deve ir para além das soluções militares.



“O grau de violência está a tornar-se cada vez mais superior, apesar dos melhores esforços das forças que, deve ficar bem claro, são muito importantes,” disse. “Isso desafia-nos e lembra-nos que a força sozinha não irá resolver os problemas de segurança no Sahel.”

Ele indica que o Sahel está a enfrentar as mudanças climáticas, uma explosão de população jovem, desemprego generalizado e instabilidade política.

“A crise é multidimensional e a solução deve ser global e multisectorial, com um compromisso urgente massivo e abrangente da comunidade internacional.”

Enquanto a aliança do G5 do Sahel entra em 2022, encontra-se numa posição particularmente delicada. A França está a reposicionar as suas forças na região e a dar um fim à sua missão de combate ao terrorismo, a Operação Barkhane. Em Agosto de 2021, o Chade retirou 600 soldados da força conjunta. A ONU estima que a força conjunta precisa de 391 milhões de dólares anualmente para realizar as suas atribuições, mas tem falta de uma fonte de financiamento consistente. Sid’Ahmed Ely disse que o tempo é agora para que a comunidade internacional faça um compromisso para a força conjunta e para o Sahel na forma de um “Plano Marshall,” um investimento internacional que iria servir de bóia para a região. O Plano Marshall original de 1948 ofereceu ajuda estrangeira à Europa Ocidental para reconstituir as zonas assoladas pela guerra.

“Eu espero por um envolvimento maior e mais substancial da comunidade internacional no Sahel, particularmente a nível das Nações Unidas, da União Africana e da União Europeia, para ajudar não apenas a nível de segurança, que é prioritário, mas também para decidir num Plano Marshall para o benefício do Sahel e o cancelamento da dívida saheliana,” disse Sid’Ahmed Ely. “É a este preço, e apenas a este preço, que as tendências de segurança irão ser revertidas e o Sahel irá tornar-se uma zona de segurança e de paz entre África e Europa e entre o Médio Oriente e América.” □

OURO

FINANCIA

O CRIME



O SAHEL TORNOU-SE UM LUGAR DE REPRODUÇÃO DE TERRORISTAS. AS PEQUENAS MINAS DE OURO SÃO OS PARCEIROS FORÇADOS.

EQUIPA DA ADF

Existe uma incrível quantidade de ouro por ser descoberto no Sahel.

Para além das minas industriais em grande escala daquela região, existem pequenas minas artesanais — centenas delas em Burkina Faso, Mali e Níger —, com pessoas, incluindo crianças, a praticarem a mineração do ouro, com simples ferramentas manuais. Um relatório de 2019, do Grupo Internacional da Crise, afirmou que mais de 2 milhões de pessoas nos três países trabalham nas minas artesanais de pequena escala.

Com tantas minas e mineiros, os três países não são capazes de os proteger de ataques e rusgas perpetrados por terroristas e assaltantes.

A região tornou-se no centro de um aumento do terrorismo, com milhares de pessoas a serem mortas e outras milhares obrigadas a fugirem das suas casas. Áreas enormes dos três países encontram-se sem autoridade governamental e sem policiamento.

Enquanto a violência se propaga, ela ameaça outros países, incluindo os Estados costeiros de Benin, Costa do Marfim, Gana e Togo.

Ayisha Osori, directora da Iniciativa de Sociedade Aberta para a África Ocidental, disse ao Financial Times que se os terroristas destruírem a segurança do Sahel, haverá um efeito dominó de insegurança, violência em massa ... destruição de fronteiras à medida que os deslocados se espalham pelo Sahel e para outros lugares.

As táticas dos terroristas variam de fornecimento de protecção paga, passando pelas pequenas minas até às invasões das minas e das cidades mineiras.

Para os extremistas poderem expandir e tomar os seus territórios, eles precisam de dinheiro, e acredita-se que somente as minas artesanais do Burkina Faso produzam até cerca de 30 toneladas de ouro por ano. As minas artesanais geralmente situam-se nas zonas recônditas longe da cobrança de impostos pelo governo — assim como da sua protecção.

O ouro das minas artesanais, de acordo com o Financial Times, geralmente é contrabandeado para o país vizinho, Togo, onde é tributado a uma taxa mais baixa em comparação com o Burkina Faso. A partir dali é levado por via aérea para os Emirados Árabes Unidos para processamento. Geralmente, o ouro é transportado em bagagens de mão e levado por via aérea em voos comerciais. Um

estudo de 2018 indicou que cerca de 20 toneladas de ouro saem de Burkina Faso para o Togo por ano.

As minas artesanais de ouro daquela região servem os extremistas em mais formas do que apenas dinheiro. Os próprios mineiros são pobres e trabalham sob condições terríveis e perigosas. Muitas vezes, são os extremistas que os recrutam. Muitos deles são apenas crianças, na sua maioria rapazes, abertos à manipulação.



Mineiros trabalham numa mina de ouro em Bouda, Burkina Faso.

THE ASSOCIATED PRESS

As minas artesanais de ouro, muitas vezes, envolvem o uso de explosivos como a dinamite e os extremistas utilizaram algumas das minas para formar recrutas no uso de dinamite como uma arma.

Os terroristas da região não limitaram os seus ataques apenas a pequenas minas artesanais. Eles também atacaram camiões e colunas utilizadas pelas grandes empresas de extracção mineira. No Burkina Faso, no dia 29 de Outubro de 2021, os terroristas atacaram uma coluna de autocarros e camiões de fornecimento que transportavam 33 funcionários e contratados de uma empresa mineira canadiana, Iamgold. Foi o segundo ataque desta natureza a uma coluna da Iamgold em três meses, noticiou o jornal The Globe and Mail.

“INDEPENDENTEMENTE DE QUAL SEJA A REGIÃO, O SEU PRIMEIRO ALVO É CONTROLAR AS REGIÕES DE EXPLORAÇÃO MINEIRA. É A SUA PRINCIPAL FONTE DE RENDIMENTO E TAMBÉM UM BOM LUGAR PARA PODEREM RECRUTAR.”

— Mahamadou Sawadogo, analista em matéria de segurança, de nacionalidade burquinabê

DOIS GRUPOS PRINCIPAIS

Existem dois grupos principais de extremistas que operam no Sahel. Um é o Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (Grupo para o Apoio do Islam e dos Muçulmanos, ou JNIM), uma coligação de grupos insurgentes formada em 2017. Desde essa altura, o grupo expandiu o território das suas operações pela África Ocidental enquanto travava uma guerra contra civis, forças de segurança locais, exércitos internacionais e soldados de manutenção da paz das Nações Unidas.

O investigador Jared Thompson, escrevendo para o Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, disse que o JNIM foi bem-sucedido em fazer uso das insatisfações locais ao expandir os seus territórios, “enquanto as respostas aos insurgentes não abordavam os impulsionadores políticos do conflito e facilitavam as violações dos direitos humanos.”

“Os ataques às forças de segurança e a violência contra civis perpetrados pelo JNIM provavelmente venham a continuar à medida que a violência dos insurgentes inflama as tensões das comunidades e as dinâmicas políticas entre os Estados sahelianos e os parceiros internacionais impedem que haja um caminho abrangente para a paz,” observou Thompson.

O outro grupo é o Estado Islâmico do Grande Sahara (ISGS), um grupo filiado ao Estado Islâmico. Este grupo foi particularmente violento contra civis, autoridades locais e forças de segurança internacionais. “O grupo provavelmente continue a representar uma ameaça para as comunidades locais e os Estados sahelianos na medida em que os esforços de combate ao terrorismo alienam os cidadãos e não são capazes de recuperar os territórios ganhos pelo ISGS,” observou Thompson num relatório de Julho de 2021.

Os dois grupos possuem objectivos semelhantes, incluindo a imposição da rigorosa Sharia. Os mineiros comunicaram que extremistas apareceram nas suas minas e os orientaram a deixarem crescer as suas barbas, encurtarem as suas calças e realizarem orações diárias.

Ambos grupos exploram as tensões comunitárias e a impossibilidade dos governos para intervir e garantir a segurança. Ambos levam reféns para obtenção de resgate, roubam gado e fornecem serviços de «protecção», incluindo o controlo de rotas de contrabando.

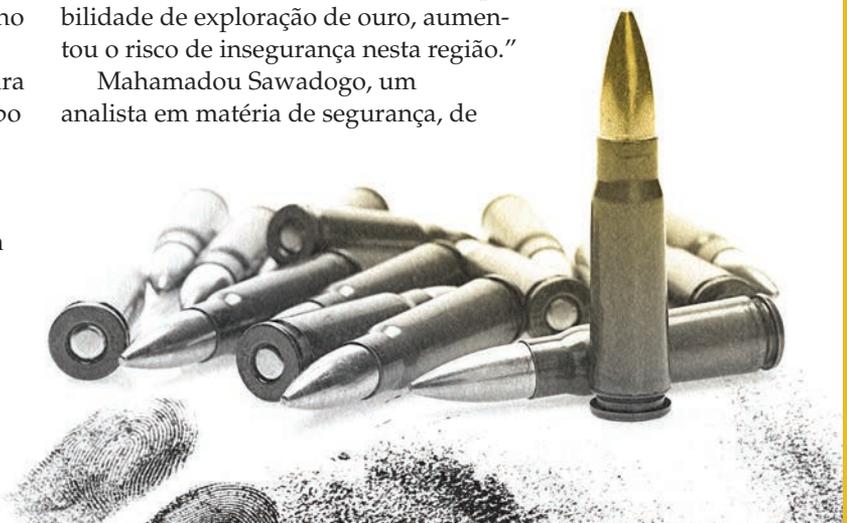
Thompson disse que os dois grupos já trabalharam juntos em pelo menos cinco ocasiões, mas tiveram uma separação no início do Verão de 2019. O grupo do Estado Islâmico encorajou o ISGS a ser mais agressivo ao lidar com o JNIM, que também teve deserções para o seu rival. O analista em matéria de segurança, Christian Nellemann, disse que os dois grupos estão a lutar para ganhar o controlo de locais de exploração mineira.

“A propaganda do Estado Islâmico inclui este conflito de forma proeminente, detalhando os ataques perpetrados contra as células do JNIM e encorajando activamente deserções do JNIM para o ISGS,” escreveu Thompson. “A profundidade do conflito sugere que, enquanto algumas células locais podem ser capazes de reduzir o nível de violência intra-jihadista, os dois grupos têm poucas probabilidades de reiniciar a colaboração da forma como foi observada em 2019.”

A COVID-19 piorou a situação. A pandemia encerrou os portos e as fronteiras em toda a África, o que reduziu o dinheiro e o fornecimento para ambos grupos. Isso, por sua vez, pressionou os extremistas a entrarem mais ainda para o mercado do ouro.

“A região de fronteira tríplice entre Burkina Faso, Mali e Costa do Marfim é caracterizada pelo contrabando e tráfico de armas de pequeno porte que acompanha os bens que são transportados através da Costa do Marfim para os centros comerciais do Mali e do Burkina Faso,” observaram Daniel Eizenga e Wendy Williams, num comunicado de imprensa de Dezembro de 2020, publicado pelo Centro de Estudos Estratégicos de África. “Esta região também está a desenvolver-se num novo centro de mineração artesanal do ouro.” Eles comunicaram que uma série de ataques, que iniciou em 2020, “combinados com a possibilidade de exploração de ouro, aumentou o risco de insegurança nesta região.”

Mahamadou Sawadogo, um analista em matéria de segurança, de





Mineradores de ouro fazem uma pausa, numa cidade a nordeste da capital do Burkina Faso. THE ASSOCIATED PRESS



Mineiros esvaziam recipientes de minério extraído de um poço numa mina artesanal do Mali. AFP/GETTY IMAGES



nacionalidade burquinabê, disse, em Junho de 2021, que os extremistas tinham passado o ano anterior a expandir os seus territórios ao redor de Burkina Faso. “Independentemente de qual seja a região, o seu primeiro alvo é controlar as regiões de exploração mineira,” disse ao Financial Times. “É a sua principal fonte de rendimento e também um bom lugar para poderem recrutar jovens.”

Num estudo, o Grupo Internacional da Crise observou que a mineração artesanal do ouro está a alimentar a violência e as redes criminosas. O grupo concluiu que a única forma de acabar com os extremistas é aumentar a segurança sub-regional e internacional em todas as regiões mineiras.

SITUAÇÃO INADMISSÍVEL

Os investigadores observaram que a actual situação, em que os locais de mineração artesanal praticam a mineração com insuficiência ou inexistência de protecção de segurança, é inadmissível. O estudo recomendou que:

- A mineração artesanal do ouro deve ser preservada por causa das suas “consequências positivas,” que incluem o fornecimento de empregos para os cidadãos que poderiam de outra forma ser obrigados a trabalhar com extremistas. Em alguns casos, os mineiros do ouro são extremistas reformados.
- Nas regiões que possuem ouro, marcadas pela violência, os governos devem destacar as suas forças de segurança para estarem próximas dos locais ou formalizar o papel de grupos de segurança independentes a nível local. Tais necessidades de segurança não devem necessariamente ser destacadas para as minas de ouro especificamente.

Um jovem mineiro emerge de uma mina de ouro, na região de Ganzourgou, Burkina Faso. THE ASSOCIATED PRESS

- Ao empregar grupos de segurança independentes, os governos precisarão de instalar mecanismos de supervisão para prevenir que tais grupos se tornem “elementos predadores.”
- Os grupos dirigentes precisam de fortalecer os regulamentos sub-regionais e internacionais e melhorar a diligência para melhorar o controlo da produção do ouro, limitando a sua captura pelos extremistas violentos.
- Os governos precisam de formalizar os processos de mineração, através da emissão de licenças de mineração do ouro e criação de pontos comerciais autorizados.
- As autoridades devem conceder vantagens de impostos ou fornecer serviços básicos para demonstrar aos mineiros artesanais que o governo pode ajudá-los.
- Os governos devem encontrar um equilíbrio entre a industrialização dos locais, geração de rendimento tributário e preservação das minas artesanais para que os trabalhadores continuem a ter empregos.

“Os Estados sahelianos devem encorajar a formalização das actividades da mineração do ouro, enquanto prestam atenção para não alienar os mineiros do ouro,” observou o estudo. “Eles devem dobrar os seus esforços para garantir a segurança dos locais de mineração do ouro e impedir que as forças de segurança ou as milícias aliadas se tornem elementos predadores. Os governos destes países e aqueles que compram o seu ouro devem fortalecer os regulamentos do sector.” □

NO OLHO



***DO
FURACÃO***

ILUSTRAÇÃO DA ADF



Mergulhado no Terror e em Convulsões Políticas, Burkina Faso Luta pela Estabilidade

Crianças que fugiram de ataques de milícias armadas jogam futebol num campo para pessoas deslocadas internamente, em Kaya, Burkina Faso.

REUTERS

EQUIPA DA ADF

Quando o sol se punha no último dia do Ramadão, um muezzin chamou os muçulmanos fiéis para oração. Eles prostraram-se de forma solene nas esteiras de oração num pátio, antes de participarem do iftar, uma refeição posta numa mesa comum e passada depois do pôr-do-sol durante o Ramadão.

É uma tradição que remonta há séculos, mas o ambiente era incomum: a casa do arcebispo católico de Ouagadougou, em Burkina Faso. Ele tinha convidado muçulmanos locais para celebrar o dia santo em sua casa.

“Juntos devemos demolir as paredes e construir pontes,” Cardeal Philippe Nakellentuba Ouédraogo disse depois da refeição. “Demolir as paredes de ódio, desentendimento, intolerância para construir pontes. Eles vieram aqui esta noite para construir uma ponte de irmandade e tolerância para um mundo reconciliado.”

Em muitos países, um cenário como este seria impensável, mas os burquinabês orgulham-se daquilo que chamam de “mistura multicultural.” Não é raro cristãos e muçulmanos viverem lado a lado, estudarem nas mesmas escolas e até casarem-se entre si. Nos dias santos, membros de uma fé dirigem-se para a casa vizinha para oferecer uma refeição de carneiro aos vizinhos de uma outra fé.

Um ditado comum refere o seguinte: “Somos humanos e burquinabês antes de sermos cristãos ou muçulmanos.”

Mas essa harmonia foi quebrada nos últimos anos. Começando em 2015, grupos extremistas que atravessavam vindos do Mali, assumiram o controlo de faixas de terra nas regiões fronteiriças do norte e do nordeste

do país, colocando bombas e conduzindo motorizadas para atacar civis. Cerca de 1,3 milhões de pessoas foram obrigadas a fugir das suas residências, um número igual a 6% da população.

Uma trégua na violência desde meados de 2020 até meados de 2021 trouxe esperança, mas o adiamento demonstrou ser de curta duração. De Maio a Agosto de 2021, 335 civis morreram devido aos conflitos armados naquele país, um aumento de 300% desde os anteriores quatro meses.

O ponto mais baixo da crise foi em Junho de 2021 quando assaltantes que se faziam transportar em motorizadas invadiram as aldeias de Solhan e Tadaryat, matando 174 pessoas em dois dias. A crueldade dos ataques em que os terroristas incendiaram palhotas com pessoas dentro e dispararam contra homens presos em poços de minas deixou chocado o país que já estava atormentado.

“Burkina Faso como país está no centro das atenções dos jihadistas,” disse Mohamed Maiga, director-geral da firma de consultoria de segurança sediada no Mali, Aliber Conseil. Em Agosto de 2021, os ministros encarregues pela defesa e segurança daquele país anunciaram uma nova “visão holística” para a estratégia nacional de combate ao terrorismo. Uma abordagem puramente militar, disseram, não seria suficiente para acabar com a crise. Era altura de cavar fundo e alcançar a raiz do problema.

“A resposta militar é importante e necessária, mas não suficiente,” disse o Ministro da Segurança, Maxime Koné. “Iremos estimular a nossa diplomacia. Iremos rastrear aqueles que apoiam os terroristas. Aqueles que

nos ameaçam estão dentro das nossas fronteiras.”

Tais planos foram arruinados em Janeiro de 2022, quando um grupo de oficiais militares prendeu o presidente e tomou o poder, num golpe de Estado. As implicações deste golpe para a segurança eram ainda desconhecidas até ao início de 2022.

Criação da Resiliência Nacional

A vasta maioria das vítimas de ataques terroristas no Burkina Faso são civis. Desde o começo da crise de segurança em Burkina Faso até meados de 2021, houve 580 ataques perpetrados por grupos extremistas e 359 foram direccionados a civis.

A violência causou aquilo que está a ser chamado de crise silenciosa de refugiados, com centenas de milhares de pessoas vivendo em abrigos precários e fugindo para atravessar a fronteira para a Costa do Marfim, Gana e Mali. Mais de metade dos que foram obrigados a fugir são crianças.

Nas regiões assoladas pela guerra, a vida está permanentemente interrompida.

Durante a maior parte do recente ano lectivo, 2.244 escolas de Burkina Faso estiveram encerradas devido aos ataques terroristas. A falta de estrutura deixa as crianças vulneráveis para recrutamento pelos extremistas. Muitos jovens recrutados declaram ser motivados por recompensas como dinheiro, telemóveis ou motorizadas.

“Eles estão à espera para poderem voltar à escola,” Abdouraouf Gnon-Konde, director nacional do gabinete do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, disse à Deutsche Welle. “A escola é fundamental para criar um futuro para estas crianças.”

Antes do golpe, o país estava a embarcar num plano de cinco anos para combater a ameaça terrorista e proteger os mais vulneráveis. Isso incluía protecção de escolas; oferta de serviços adicionais para pessoas deslocadas; programas de desradicalização para extremistas dispostos a entregar as armas; e campanhas para pessoas que se encontram nas prisões e em risco de tornarem-se radicalizadas.

Um soldado burquinabê patrulha um acampamento, em Dori, que alberga pessoas deslocadas internamente oriundas da região norte do país.

AFP/GETTY IMAGES





O país também se comprometeu em melhorar o sistema judicial que, muitas vezes, se encontra sobrecarregado, para trazer justiça aos suspeitos terroristas.

“Nos próximos cinco anos, devemos construir uma resiliência nacional forte contra a ameaça terrorista, através da criação de fundamentos para apoiar a capacidade de governação e de segurança nacional, de modo a proteger a população e as propriedades,” disse Koné.

Sucesso de Curta Duração

Nos últimos anos, as Forças Armadas do Burkina Faso (FABF) lançaram grandes esforços contra os terroristas. Em 2019, milhares de soldados que participavam da Operação Doofu, patrulharam as regiões de Nord, Centre-Nord e Sahel daquele país, para acabar com os enclaves terroristas. Em 2020, uma operação conjunta com a Costa do Marfim teve como alvo a região fronteiriça. Mais recentemente, a Operação Taanli, em 2021, reuniu forças burquinabês e nigerianas, resultando em grandes capturas de armas e morte ou captura de 100 terroristas. Mas, várias vezes, dizem os observadores, o sucesso foi de curta duração.

“Todas estas operações permitiram que os residentes locais regressassem a um estado de relativa calma,” escreveu Moussa Banhoro, chefe do serviço de resolução de conflitos inter-comunais e de alerta antecipado do Burkina Faso. “Contudo, o exército não foi capaz de consolidar os seus ganhos. Porque, depois deles, estas zonas foram alvo de ataques muito mais mortais do que antes das operações.”

As FABF afirmaram que desejam mudar isso com uma estratégia que irá manter as suas forças próximas das populações mais

vulneráveis e treiná-las em novas táticas de combate às insurgências, concebidas para colocá-las em vantagem.

“Precisamos de refinar e acelerar a transformação das Forças Armadas nacionais, reorganizando-as estrutural e territorialmente para fazer com que sejam mais responsivas e operacionais,” disse o antigo Brigadeiro-General Gilbert Ouédraogo quando assumiu o comando das Forças Armadas, em Outubro de 2021. “Estamos convencidos de que esta organização é uma das condições imperativas para o sucesso da luta contra o terrorismo.”

O plano iria incluir a construção de bases para guardas em lugares rurais que anteriormente estiveram sem protecção. Haveria uma ênfase renovada de formação em matérias de leis humanitárias internacionais; neutralização de dispositivos explosivos improvisados; e guerra não convencional e de operações especiais.

O exército também pretendia investir no equipamento de comunicação e inteligência, tecnologia de reconhecimento e vigilância para apoiar as suas tropas.

“Estivemos numa postura de tempo de paz por muito tempo que utilizamos as regiões militares como reservas de forças,” disse o General Aimé Barthélemy Simporé, ministro delegado burquinabê para a defesa, em Outubro de 2021. “Brevemente, iremos iniciar a reorganização para estarmos o mais próximo possível da nossa missão operacional. Iremos criar um sistema de treino que seja o mais abrangente possível. Iremos treinar muito mais.”

A Incerteza Instala-se

As FABF enfrentam acusações de abuso contra civis e mortes extrajudiciais. Depois

Manifestantes seguram um cartaz com inscrição “Solhan Ontem, Quem Será Amanhã?” durante uma marcha para protestar a falta de acção contra a violência extremista no Burkina Faso.

AFP/GETTY IMAGES

Um homem lê o jornal em Burkina Faso depois do ataque terrorista em Solhan que tirou a vida de mais de 160 pessoas.

AFP/GETTY IMAGES

Grupos Voluntários de Defesa Podem Ajudar ou Prejudicar

Vigilantes Sancionados pelo Governo Lutam Quando a Violência Aumenta

EQUIPA DA ADF

Enquanto a ameaça de militantes islamitas continuava a propagar-se a partir do Mali para o Burkina Faso, as autoridades governamentais daquele país recorreram às forças vigilantes civis armadas para ajudar a restaurar a segurança.

Em Janeiro de 2020, o parlamento do Burkina Faso aprovou financiamento e formação para os Voluntários para a Defesa da Pátria (VDP).

“Esta lei foi votada por unanimidade pelo parlamento,” disse o então Ministro da Defesa, Moumina Cheriff Sy, de acordo com uma reportagem da Reuters. “Isso demonstra que para além das nossas diferenças de opiniões ... podemos estar unidos quando se trata de defender a terra natal.”

A abordagem coloca os civis sob o controlo militar como auxiliares, na esperança de que eles irão deixar as forças nacionais livres para realizarem outras operações, de acordo com o artigo do *The Defense Post*. Os voluntários do grupo VDP devem ter 18 anos de idade e ser recrutados em consulta com as populações locais. Eles são treinados durante 14 dias em matérias de armas, disciplina e direitos humanos e posteriormente recebem armas de pequeno porte e equipamento de comunicação. Também passam por

uma “investigação moral.”

Entre as suas funções, destaca-se o fornecimento de vigilância, informação e protecção para as populações locais durante um ataque enquanto esperam pela chegada das forças de segurança, disse Sy ao serviço noticioso burquinabê, *Le Faso*.

“Não é uma questão de criar carne para canhão,” disse Sy à *Al Jazeera*. “Queremos evitar que estes voluntários se tornem milícias.”

Alguns membros do grupo VDP já foram mortos por milícias, incluindo durante um ataque de Abril de 2021, na cidade de Tanwalbougou, na província de Gourma, região leste do país. Homens com armamento pesado emboscaram uma patrulha e mataram três guardas e quatro voluntários, reportou a Agência Anadolu.

Dr. Daniel Eizenga, assistente de pesquisa no Centro de Estudos Estratégicos de África, disse que Burkina Faso está a tentar ser criativo e atencioso quanto à garantia de segurança em zonas distantes.

“O que eles estão realmente a tentar fazer é integrar as milícias locais que já tinham garantido alguma protecção nas suas comunidades e em tempos já estiveram em conflitos com organizações extremistas violentas,” disse Eizenga à ADF. “Eles

basicamente estão a tentar formalizar aquela força milícia e a fazer isso de uma forma que irá integrá-los na grande estrutura da força de segurança de Burkina Faso.”

Existem, contudo, críticas legítimas. Alguns preocupam-se com o facto de que armar civis coloca o risco de inflamar tendências violentas na região ou capacitar civis para procurarem vingança e retaliação em vez de protecção e paz.

Existem algumas provas de que essas preocupações são válidas em Burkina Faso. Um estudo de Março de 2021, conduzido por Clingendael, o Instituto Holandês de Relações Internacionais, indica que o recrutamento do VDP discrimina pastores e nómadas, o que tende a excluir muitos entre as comunidades étnicas Fulani. O relatório observa incidentes de ataques e outros abusos contra civis Fulani.

Se Burkina Faso for bem-sucedido com os VDP ou não, isso irá depender da força de supervisão e das medidas de responsabilização, disse Eizenga. Os grupos de insurgentes como os que atacam as regiões remotas do Burkina Faso — que Eizenga chama de “insurgência de saqueadores” — podem persistir por longos períodos. Eles tendem a ter pouco apoio local, mas enquanto continuarem e poderem obter os recursos locais, “são vistos como se estivessem a ganhar,” disse.

Eizenga disse que integrar forças locais em regiões remotas, que são de difícil acesso para as forças governamentais, oferece “uma potencial solução a longo prazo se for bem feito e desde que tenha quantidade correcta de supervisão.”



Crianças escrevem num quadro na sua sala de aula, em Dori, no leste de Burkina Faso, numa escola montada para alunos que fogem da violência extremista. AFP/GETTY IMAGES



Manifestantes queimam pneus em Ouagadougou, Burkina Faso, após um golpe de Estado que depôs o presidente, em Janeiro de 2022. AFP/GETTY IMAGES

do massacre de Solhan, membros de um grupo de defesa voluntário da cidade afirmaram que chamaram a unidade do exército estacionada próximo dali antes e durante o ataque, mas não receberam nenhuma ajuda.

Abdoulaye Diallo, um ajudante de motorista de machimbombo que sobreviveu ao ataque, falou em nome de muitos na região. “Eu não confio nas forças de defesa e segurança; não fazem o seu trabalho,” disse à Al-Jazeera. “O país está a ser invadido por jihadistas... [e] a crise continua porque o governo não é capaz de lutar.”

Os soldados queixaram-se de uma grave falta de equipamento para combater o terrorismo. Após um ataque em Inata, onde 20 soldados foram mortos, em Novembro de 2021, a unidade informou não ter recebido mantimentos durante duas semanas e recorreu à caça de alimentos. Os líderes do golpe de Estado utilizaram esses relatos como pretexto para tomar o poder.

Koné disse que a “trindade” do governo, forças de defesa e população deve estar em harmonia.

“Será uma questão de mobilizar todo o país,” disse Koné. “Porque esta luta está além do nosso posicionamento político, além das nossas divisões políticas e religiosas. Este não é apenas um problema do governo, mas é um problema de todo o país.”

Nesta convulsão política, muitos cidadãos burquina-bês assumiram a abordagem de ‘esperar para ver’, na



Um soldado burquinabê faz patrulha da região de Soum, no Burkina Faso. AFP/GETTY IMAGES

esperança de um retorno à estabilidade.

O presidente do Município de Dablo, onde os agricultores não conseguem cultivar por três anos consecutivos devido a ataques terroristas constantes, disse que as pessoas anseiam por segurança. “Enquanto a segurança não for encontrada, as pessoas não podem levar a cabo as suas actividades normais nem fazer livremente os seus negócios”, disse o Dr. Ousmane Zango. “Por isso, pensamos que eles se devem organizar rapidamente para que a população possa recuperar a paz de espírito”. □



BATIMENTO
CARDÍACO
AFRICANO





EQUIPAR-SE PARA CUMPRIR O DEVER

EQUIPA DA ADF

Um membro da Unidade de Polícia Formada na Nigéria prepara-se para fazer a patrulha de Mogadíscio como parte da Missão da União Africana na Somália (AMISOM). Enquanto a missão entra no seu 15º ano, ela saúda dezenas de milhares de soldados, agentes de polícia e civis de oito países que serviram desde que ela começou em 2007. Esses homens e mulheres ajudaram a restaurar algum nível de paz na Somália, depois de décadas de guerra civil. Persistem muitos desafios, mas as forças da AMISOM que atam os seus sapatos a cada manhã e equipam-se para o trabalho demonstraram que estão preparadas para enfrentá-los.

MOKHTAR MOHAMED/AMISOM



BOKO HARAM

Produz Descendência Letal





Uma Franquia do Grupo do Estado Islâmico Emerge Como Ameaça Mais Perigosa da Bacia do Lago Chade

EQUIPA DA ADF
FOTOGRAFIAS DE AFP/GETTY IMAGES

Abubakar Shekau já tinha enganado a morte antes. Várias vezes, desde que o líder cruel do Boko Haram assumiu o controlo do grupo extremista violento sediado na Nigéria, em 2009, anúncios da sua morte tinham sido ouvidos. Em todas essas vezes tais mortes eram prematuras — até Maio de 2021.

Relatos mais uma vez indicaram que Shekau tinha sido morto, desta vez, durante uma batalha com uma facção rival do Boko Haram conhecida como a Província do Estado Islâmico da África Ocidental (ISWAP). A notícia, que constou ser verdadeira, veio numa gravação de áudio feita pela facção rival. Uma voz que se pensa ser do líder da ISWAP, Abu Musab al-Barnawi, disse que Shekau “pôs fim à sua própria vida de forma instantânea detonando um explosivo.”

“Shekau preferia ser humilhado na próxima vida em vez de ser humilhado na terra,” disse, de acordo com a BBC.

A morte de Shekau possui ramificações importantes para aqueles que permanecem na sua facção do Boko Haram, para a ISWAP e para as forças de segurança regionais e nigerianas que lutam contra todos os extremistas. A iteração original do Boko Haram provavelmente irá continuar para o fundador, a ISWAP provavelmente irá ganhar força e as forças de segurança terão de mudar a sua abordagem para fazer face à nova ameaça crescente.

A ISWAP, que possui fortes ligações com o grupo central do Estado Islâmico, provavelmente tornar-se-á o foco de um novo empreendimento de crescimento em África, depois de as intervenções militares internacionais



Um camião pertencente à Província do Estado Islâmico da África Ocidental com a bandeira da organização terrorista, em Baga, Nigéria.

terem revertido e degradado os primeiros ganhos no Médio Oriente. Um especialista espera que a luta contra o terrorismo jihadista no norte da Nigéria e na Bacia do Lago Chade venha a intensificar-se e a crescer.

“O que isso também significa é que agora existe uma necessidade de mais esforços concertados visando combater as operações de influência da ISWAP, melhorar a governação civil e a prestação de serviços públicos, numa altura em que a ISWAP começa a ganhar mais terreno,” Folahanmi Aina, um investigador nigeriano e estudante de doutoramento no Kings College London, disse à ADF.

O Boko Haram já não é a ameaça monolítica que emergiu em 2002, no Estado de Borno, e cresceu para ser uma verdadeira insurgência em 2009. Agora um conjunto de fracções continuam activas, com a ISWAP a ser o líder inequívoco na organização, habilidades táticas e potencial de ameaça.

As Muitas Facetas do Boko Haram

ISWAP é o nome que o Boko Haram assumiu em Março de 2015 quando Shekau jurou fidelidade do seu grupo ao grupo do Estado Islâmico e ao seu líder, na altura, Abu Bakr al-Baghdadi. O Boko Haram tinha, nos meses

precedentes, sofrido derrotas das forças regionais e nigerianas que o enfraqueceram e inflamaram as crescentes lutas internas, de acordo com um relatório de Maio de 2019, feito pelo Grupo Internacional da Crise, intitulado “Enfrentando o Desafio da Província do Estado Islâmico da África Ocidental.”

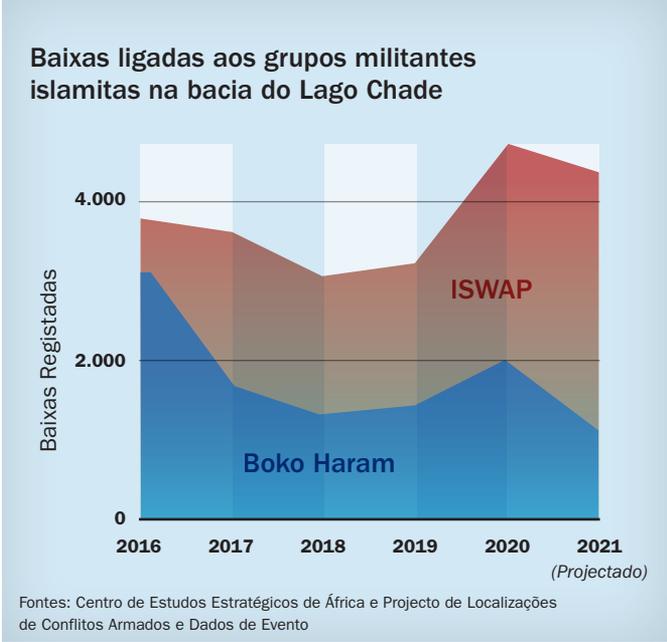
Um ano depois, o Boko Haram dividiu-se, com o al-Barnawi — filho do fundador do Boko Haram, Mohammed Yusuf — e outros, deixando Shekau, mantendo o nome ISWAP e aceitando o reconhecimento oficial do grupo do Estado Islâmico central.

Shekau continuou no controlo de um pequeno remanescente e assumiu o nome original do grupo: Jama’tu Ahlis Sunna Lidda’awati wal-Jihad, ou JAS.

A liderança muda e as controvérsias persistem na ISWAP desde a separação, e acredita-se que o próprio al-Barnawi foi deposto como líder e posteriormente morto em Agosto de 2021, embora os detalhes sobre a sua morte sejam escassos. Mas o grupo foi capaz de fazer uso com sucesso das ligações com o grupo do Estado Islâmico para continuar a crescer e exercer influencia na região. O Grupo Internacional da Crise estima as forças da ISWAP entre 3.500 e 5.000 combatentes em 2019, com apenas 1.500 a 2.000 para o JAS. E o grupo menor regista deserções contínuas desde então.

Uma outra facção, que opera na região do Lago Chade, é conhecida como Bakura, que assume o seu nome de Ibrahim Bakura, também conhecido como Bakura Doron. A facção de Shekau estava enraizada na floresta de Sambisa, no Estado de Borno da Nigéria. A facção Bakura, que é uma subfacção de Shekau e era leal a ele, foi responsável pelos ataques em Camarões, Chade, Níger e Nigéria, de acordo com um relatório de Março de 2020, da Jamestown Foundation.

Por último, a facção que teve a mais antiga separação do Boko Haram, de 2012, conhecida como Ansaru,



encontra-se alinhada com o grupo terrorista internacional al-Qaeda. Esteve inactivo por algum tempo, mas alegadamente ressurgiu no noroeste da Nigéria, de acordo com o Centro Soufan.

A Actual Ameaça Extremista

Desde a morte de Shekau, em Maio de 2021, a facção JAS esteve em declínio. Mesmo com ele ainda vivo, a rival ISWAP tinha-se oposto ao apoio de Shekau à violência indiscriminada contra civis, particularmente companheiros muçulmanos, que viviam fora do território do seu grupo, de acordo com o relatório do Grupo Internacional da Crise.

“A ISWAP deixou claro que, por contraste, tinha adoptado uma postura menos hostil para com os muçulmanos civis.”

Soldados nigerianos fazem a patrulha, em Outubro de 2019, depois de militantes da Província do Estado Islâmico da África Ocidental terem invadido uma aldeia, matando um soldado e três residentes.



Extremistas da Província do Estado Islâmico da África Ocidental incendiaram este camião durante um ataque de Fevereiro de 2020, no Estado de Borno, da Nigéria.



Essa postura, que se pensa que ainda assim seja violenta e cruel, permitiu que a ISWAP se infiltrasse efetivamente na população civil, na bacia do Lago Chade, e, por vezes, até ganhasse uma medida de apoio por parte deles, disse Aina.

“Agora a ISWAP centra-se maioritariamente nos ataques contra as formações militares e na aquisição de armamento, conforme demonstrou durante o seu primeiríssimo ataque, que foi no dia 3 de Junho de 2016,” disse Aina.

Naquele ataque, os combatentes da ISWAP atacaram uma base nigeriana, na aldeia rural de Bosso, no Lago Chade, próximo da fronteira com a Nigéria. “O ataque ilustrou aquilo que se tornaria o modus operandi da ISWAP: uma rusga que tinha como alvo o exército, capturando armas e suprimentos, sem deixar nenhum morto entre os civis,” de acordo com o Grupo Internacional da Crise.

“Para além disso, a ISWAP administra a governação civil e a prestação de serviços públicos em zonas onde ela opera, como abrir poços, fornecer dividendos para recrutas e mesmo cobrar impostos,” disse Aina. “O Boko Haram, por outro lado, geralmente centra-se nos ataques contra o exército e as populações civis e é conhecido por estar, na maior parte das vezes, envolvido no sequestro de civis, por exemplo, as raparigas de Chibok.” O Boko Haram sequestrou 276 raparigas de uma escola de Chibok, no Estado de Borno, em 2014, despertando condenações internacionais.

A ISWAP também resolveu não utilizar mulheres e crianças como bombistas suicidas. “Basicamente, estas são algumas formas de táticas adoptadas pela ISWAP, visando ganhar os corações e as mentes dos residentes locais,” disse Aina à ADF. Esta postura permitiu que o grupo dependesse de alguns residentes locais para obter informações, o que aumenta mais ainda os desafios das forças de segurança.

Mesmo assim, a ISWAP continua a ser um grupo terrorista sem compaixão, maltratando e raptando inocentes civis para atingir os seus propósitos. Por exemplo, em Julho de 2020, acredita-se que o grupo tenha raptado e executado cinco nigerianos, três dos quais trabalhadores de organizações de ajuda humanitária, no Estado de Borno.

Um mês antes, a ISWAP matou 81 civis, na aldeia de Gubio, do Estado de Borno, e matou 20 soldados, em Monguno, que estavam a proteger as organizações não-governamentais internacionais, de acordo com uma publicação do blog do grupo de reflexão Council on Foreign Relations. A maior parte dos que foram mortos

Pessoas enlutadas participam de um funeral de 43 trabalhadores das machambas, em Zabamari, cerca de 20 km de Maiduguri, Nigéria, no dia 29 de Novembro de 2020. O Boko Haram matou os trabalhadores dos campos de arroz, próximo da aldeia de Koshobe, no dia anterior. Os trabalhadores tinham viajado 1.000 quilómetros vindo do Estado de Sokoto, à procura de emprego.





Apoiantes da Coligação de Grupos do Norte marcham para apelar as autoridades para salvarem centenas dos alunos raptados no Estado de Katsina, Nigéria, em Dezembro de 2020.



Um homem aponta para furos de balas na Escola Secundária de Ciências Governamentais de Kankara, no Estado de Katsina, Nigéria, em Dezembro de 2020. O Boko Haram raptou centenas de alunos daquela escola.

em Gubio eram muçulmanos.

“Enquanto a [ISWAP] rotulava as suas vítimas de vigilantes que trabalham com as forças governamentais, eles eram na sua maioria pastores de gado desarmados e residentes, alguns dos quais traziam armas ligeiras para autodefesa numa região claramente instável,” de acordo com a publicação.

Entretanto, a facção JAS de Shekau esteve a reduzir. De acordo com um relatório do dia 18 de Agosto de 2021, feito pelo Instituto de Estudos de Segurança (ISS), mais de 2.100 pessoas associadas ao JAS saíram desde a morte de Shekau, em Maio de 2021. Aqueles que saíram eram civis que não eram capazes de sair anteriormente, por medo de retribuição ou combatentes, incluindo comandantes e membros da sua família. A maior parte destas deserções ocorreram no Estado de Borno, da Nigéria.

As deserções devem-se a duas coisas, relata o instituto. Primeiro, a ISWAP está a permitir que as pessoas saiam, especificamente aquelas que tinham sido forçadas a ficar no JAS como trabalhadores ou escudos humanos. Segundo, os combatentes do JAS que não querem juntar-se à ISWAP e fogem para salvar as suas vidas. “Enquanto a ISWAP fortalece o seu monopólio das operações de extremismo violento na Bacia do Lago Chade, despromoveu alguns dos comandantes do JAS, substituindo-os pelos seus próprios líderes mais jovens, das ilhas do Lago Chade,” de acordo com o ISS.

A Ameaça Futura

Enquanto a ISWAP emerge como a facção dominante do Boko Haram, talvez ainda mais preocupante seja o facto de que parece estar determinada a formar a base de um grupo insurgente do Estado Islâmico em África, depois de o grupo ter sido degradado no Médio Oriente, disse Aina.

Com as suas ligações com a liderança do grupo do Estado Islâmico central, Aina receia que a ISWAP possa eventualmente integrar a facção do JAS que sofreu lacunas de na liderança e uma falta de direcção desde a morte de Shekau. Uma outra possibilidade é ainda mais perturbante. E se a ISWAP encontrar uma causa comum com as gangues criminosas armadas na Nigéria?

No noroeste da Nigéria, as gangues do crime organizado estiveram a causar destruição durante cerca dos últimos cinco anos, através de raptos para pedido de resgate, primariamente tendo como alvo internatos, escreveu o associado de pesquisa, Dr. Mark Duerksen, num relatório de Março de 2021, para o Centro de Estudos Estratégicos de África.

As gangues criminosas, descritas pelos nigerianos como bandidos, tiveram a sua origem no Estado de Zamfara onde as minas de ouro artesanal são comuns. As autoridades estaduais estimam que existam 10.000 bandidos armados espalhados por 40 acampamentos somente em Zamfara, escreveu Duerksen.

Pelo menos 30.000 bandidos estavam a operar nos Estados de Kaduna, Katsina, Kebbi, Níger, Sokoto e Zamfara, adido de imprensa do Governador de Zamfara, Bello Matawalle, disse ao site de notícias online nigeriano, The Cable, em Abril de 2021. Aproximadamente 3.000 pessoas foram mortas durante um ataque de bandidos entre 2011 e 2019 e mais 1.000 foram sequestradas neste período.

“As actividades destas gangues organizadas no Estado de North West estão a atrair a atenção de grupos militantes islamitas,” escreveu Duerksen. “O Ansaru destacou clérigos para a região, para pregarem contra a democracia e contra os esforços do governo para o alcance da paz. Existem também algumas evidências de que a [ISWAP] está a desenvolver laços com grupos criminosos de North West, numa tentativa de radicalizar a região.”

Este desenvolvimento potencial é o maior receio de Aina. Disse que o Estado Islâmico central pode procurar negociar a unificação da ISWAP à facção de Ansaru, agora que Shekau está fora do quadro. Os bandidos, que, em termos gerais, operam sem uma ideologia política, também podem estar prontos para serem uma cooptação.

Os bandidos iriam oferecer números e armamentos à ISWAP. Os militantes iriam oferecer aos bandidos a ordem e uma missão. As forças de segurança nigerianas realizaram campanhas para atenuar as ameaças criminosas no noroeste. No início de Setembro de 2021, as autoridades encerraram redes de telefonia móvel no Estado de Zamfara, numa altura em que trabalhavam para combater os bandidos armados, noticiou a Reuters. Dias depois, as autoridades tomaram medidas semelhantes em partes do Estado de Katsina.

Enquanto os bandidos são dispersos e procuram formas de resistir às forças de segurança do governo, a facção Ansaru e a ISWAP podem oferecer uma solução útil, disse Aina.

“Eles podem ser o tipo de grupos que a ISWAP pode estar à procura,” disse Aina à ADF. “E eles provavelmente precisarão do Ansaru para ajudá-los a recrutar esses bandidos locais, por causa do facto de o Ansaru conhecer melhor o terreno em relação à ISWAP.”

O Caminho a Seguir

Uma coisa é certa: uma ISWAP fortalecida e com mais coragem irá significar a continuação de instabilidade na Bacia do Lago Chade, na Nigéria e nos países vizinhos. Resolver este problema complexo não será fácil. As forças de segurança regionais, desde a Força Conjunta G5 do Sahel até a Força-Tarefa Conjunta Multinacional e outras, tiveram dificuldades de manter o ritmo com as várias ameaças jihadistas que são diversas e se espalham pela maior parte da região do Sahel.



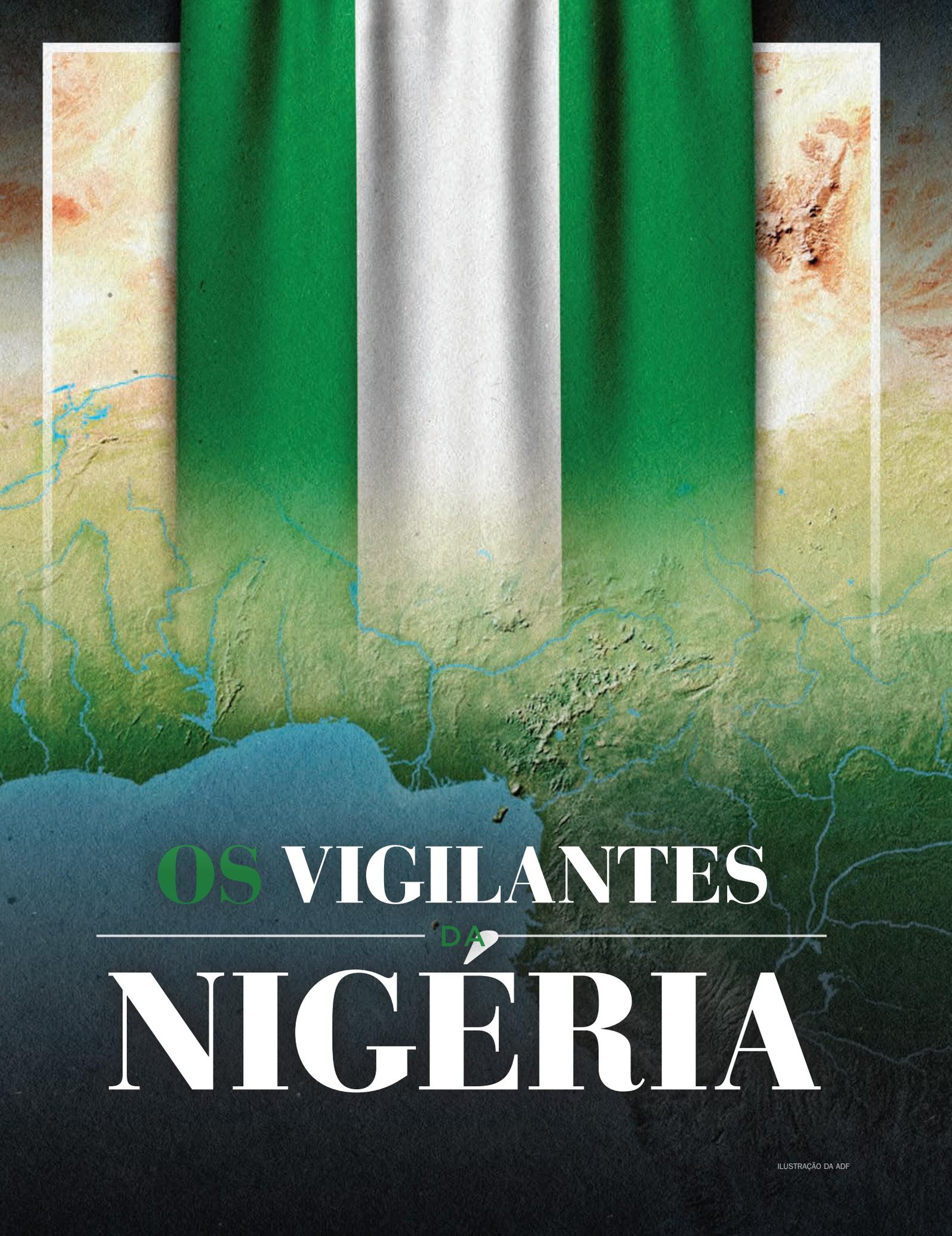
Um póster de “procurado” mostra o prémio oferecido pela captura do líder do Boko Haram, Abubakar Shekau. Ele tirou a sua própria vida, em Maio de 2021, detonando uma bomba suicida durante uma batalha contra os militantes rivais da Província do Estado Islâmico da África Ocidental.

Uma abordagem, contudo, parece estar a formar a base de um consenso entre aqueles que estudam e observam a ameaça do Boko Haram. Os governos terão de melhorar a sua habilidade de preencher as lacunas de serviços e de liderança que agora estão a ser exploradas por militantes, especificamente aqueles afillhados à ISWAP.

Aina disse que os governos regionais precisarão de fornecer uma “governança centrada no cidadão e construção da resiliência,” para abordar os impulsionadores do extremismo, como o analfabetismo e o desemprego. Este trabalho, em conjunto com uma acção militar contínua, pode demonstrar aos civis que os governos baseados no Estado têm os seus interesses e necessidades em mente. O relatório do Grupo Internacional da Crise faz recomendações semelhantes.

“As raízes profundas da ISWAP na população civil sublinham que o governo nigeriano e, até certo ponto, dos Camarões, do Chade e do Níger não podem olhar apenas para os meios militares para garantir a sua derrota,” de acordo com o relatório do grupo.

“Em vez disso, eles devem procurar enfraquecer as ligações da ISWAP com os residentes locais, provando-lhes que eles podem preencher as lacunas de serviços e de governação, pelo menos nos lugares em que eles controlam, mesmo enquanto procuram combater os insurgentes de forma mais humana quanto possível e de uma forma que protege os civis.” □



OS VIGILANTES
DA
NIGÉRIA

Sob ataque de extremistas e bandidos, Nigéria recorre a guardas civis para obter ajuda.

EQUIPA DA ADF

Estudantes do Colégio de Ciências Governamentais do Estado do Níger, na Nigéria, estavam a dormir numa noite, em Fevereiro de 2021, quando mais de 50 homens armados oriundos de uma floresta próxima invadiram o local, com apenas um único guarda para oferecer resistência.

Embora a esquadra da polícia estivesse a menos de 3 quilómetros de distância, os invasores vaguearam pelo campus durante três horas sem interferência. Eles fugiram de volta para as florestas, levando 42 reféns, a maior parte dos quais rapazes de cerca de 15 anos de idade, de acordo com a revista *The Africa Report*.

A invasão provocou um tumulto nacional. Foi semelhante ao rapto de 276 raparigas de Chibok pelo grupo extremista Boko Haram, em 2014, ao sequestro de 317 raparigas de uma escola secundária do Estado de Zamfara, em Fevereiro de 2021, e outras situações envolvendo reféns na Nigéria.

Mas, diferentemente destes raptos, o incidente do Estado do Níger terminou de forma relativamente rápida. O governador Abubakar Sani Bello enviou um grupo vigilante local para as florestas, numa missão de busca e salvamento. Os sequestradores libertaram a maior parte dos reféns em 10 dias.

Em partes da Nigéria, ataques perpetrados por bandidos armados e extremistas tornaram-se tão comuns que os civis formaram grupos vigilantes para ajudar a polícia e os soldados que se encontram em desvantagem.

Esses vigilantes enfrentam perigo não inferior ao enfrentado pelas suas contrapartes das autoridades. Em Março de 2021, gangues criminosas mataram duas dezenas de guardas vigilantes e um soldado na parte central da Nigéria. Dezenas de bandidos que se faziam transportar em motorizadas abriram fogo contra os vigilantes, numa emboscada, na região do governo local de Mariga, no Estado do Níger. Os vigilantes estavam a perseguir bandidos que tinham atacado um posto militar naquela zona.

O objectivo original do Boko Haram, fundado em 2002, foi de infligir uma forma fanática de islamismo “puro” na região norte da Nigéria, com uma visão, em última

instância, de subjugar o governo da Nigéria. A actual insurgência do grupo começou em 2009 e, desde então, já matou mais de 36.000 pessoas e obrigou aproximadamente 2,3 milhões de pessoas a abandonarem as suas residências.

A violência ligada ao Boko Haram e à sua ramificação, a Província da África Ocidental do Estado Islâmico, duplicou desde 2015, quando o governo lançou uma ofensiva de grande dimensão, desalojando os grupos, de acordo com o Centro de Estudos Estratégicos de África. Desde então, observa o centro, os dois grupos centraram-se nas regiões pouco habitadas do Estado de Borno, incluindo a irregular Floresta de Sambisa, que faz fronteira com as montanhas do noroeste dos Camarões e os pântanos de firki (“algodão preto”) a sul e a sudoeste do Lago Chade.

Mas os grupos extremistas não são o único problema.



Mais de 3.000 deslocados vivem em tendas na cidade de Anka, no noroeste da Nigéria. Bandidos aterrorizam a região. AFP/GETTY IMAGES

Gangues criminosas vagueiam pela região noroeste e central da Nigéria, roubando gado e sequestrando pessoas em troca de resgate. Eles matam, pilham e mutilam. Incendeiam casas. Não possuem qualquer ideologia e as suas motivações são puramente financeiras. Existe uma preocupação crescente de que eles foram infiltrados por extremistas a partir do norte.

UM PROBLEMA DE ESCALA

A polícia e os soldados foram incapazes de acabar com o extremismo, o banditismo e a violência intercomunitária. Mas, os observadores afirmam que não é inteiramente a sua culpa. A Nigéria tem um problema de escala. Embora seja apenas o 14º maior país de África, em termos de área, é também o país mais densamente habitado do continente e possui a maior economia. Os seus 36 Estados incluem maiorias cristãs no sul e maiorias muçulmanas no norte. É um

“Enquanto muitos observadores manifestam preocupações quanto à responsabilização e disciplina destes vigilantes e que existe uma supervisão limitada sobre as suas actividades, os nigerianos que participaram na pesquisa expressaram um forte apoio aos grupos vigilantes.” ~ Reportou o Instituto da Paz dos EUA



Um comandante dos vigilantes faz a supervisão de voluntários numa rua de Yola, Nigéria. Milhares de voluntários reuniram-se para formar o Grupo Vigilante da Nigéria. THE ASSOCIATED PRESS

dos países com a maior diversidade cultural do mundo, com mais de 500 línguas e 300 grupos étnicos. E o terreno pode ser um desafio, particularmente durante a época chuvosa.

Há também o problema dos números. O rácio de agentes da polícia e civis está muito abaixo das recomendações das Nações Unidas. O serviço de notícias New Humanitarian também observou “a falta de equipamento, formação sem qualidade e baixo moral do agente médio,” nas agências de polícia da Nigéria.

O governo federal recorreu às suas Forças Armadas para obter ajuda, mas também se encontram com insuficiência de pessoal e sobrecarregadas pelos conflitos na região noroeste. E os soldados não foram formados para o papel de policiamento. “Isso significa que todos eles estão frequentemente a disparar para matar e quase que com completa impunidade,” reportou o The New Humanitarian.

Estas condições fizeram com que se recorresse aos vigilantes — cidadãos que fazem a justiça com as suas próprias mãos. Em muitas partes do mundo, os vigilantes são uma ameaça à segurança. Em partes da Nigéria, eles estão a tornar-se uma necessidade aprovada pelo Estado.

PROBLEMA CRESCENTE

O problema está a piorar. O índice de sequestros na Nigéria aumentou em 169% desde o início de 2019 até finais de 2020, reportou o Instituto da Paz dos Estados Unidos.

Num relatório publicado no seu site da internet intitulado “Seis Formas Alternativas para Medir a Paz na Nigéria,” o instituto concluiu que o nível cada vez mais

crecente de insegurança no país pode ser atribuído ao fraco desempenho das suas agências de segurança. Isso, por sua vez, fez com que os nigerianos recorressem à decisão de fazer a justiça com as próprias mãos, formando grupos vigilantes.

“Quando medido através do número de mortes, a Nigéria parece estar a ser assolada pela violência,” afirmou o relatório. “De acordo com alguns relatos, a pandemia da COVID-19 fez com que as experiências de violência fossem ainda mais comuns.”

O relatório do instituto utilizou pesquisas de quatro Estados nigerianos. O referido relatório observou que os cidadãos que solicitaram a ajuda da polícia reportaram ter obtido resultados desencorajadores, com 64% dos inquiridos a afirmarem que a experiência foi «difícil» ou «muito difícil.»

“Existe um forte apoio para os grupos vigilantes,” afirmou o relatório. “Enquanto muitos observadores manifestam preocupações quanto à responsabilização e disciplina destes vigilantes e que existe uma supervisão limitada sobre as suas actividades, os nigerianos que participaram na pesquisa expressaram um forte apoio aos grupos vigilantes. Mais de oito em cada 10 inquiridos, em todos os Estados onde o inquérito foi realizado, concordaram que ‘os vigilantes trazem uma contribuição positiva para a segurança na Nigéria.’”

O instituto afirmou que menos de 10% dos seus inquiridos sentiu que os vigilantes têm um impacto negativo para a segurança da Nigéria. Embora o inquérito do instituto tenha envolvido apenas quatro dos 36 Estados daquele país, os resultados, em termos gerais, podem ser entendidos como sendo consistentes com o resto do país. A empresa de segurança sediada em Lagos, SBM Intelligence, reportou que, em Abril de 2021, 590 nigerianos foram mortos em ataques violentos em todo o país, com excepção de apenas cinco Estados.

POLÍTICA NACIONAL

A posição do governo nigeriano continua a ser de que, com recursos suficientes, a sua polícia e o seu exército podem proteger os seus cidadãos sem forças auxiliares. Mas este não é o ponto de vista de muitos dos 36 governadores do país, que aprenderam a fechar os olhos perante a formação de grupos vigilantes e, em muitos casos, chegaram a apoiá-los.

Um destes grupos é a Força-Tarefa Conjunta de Civis, formada no Estado de Borno, em 2013. Começou como um grupo de caçadores locais que pretendia proteger a sua comunidade, mas, tal como a agência de notícias The



Um guarda de segurança com a sua espingarda estava em serviço quando mais de 300 raparigas foram sequestradas por homens armados no norte da Nigéria, no dia 1 de Março de 2021. Os homens armados subjugaram os agentes da polícia e os vigilantes. THE ASSOCIATED PRESS

Conversation observou, a força-tarefa em pouco tempo tornou-se parte integrante dos esforços oficiais do governo de combate aos insurgentes. Em 2016, especialistas disseram à revista *The Economist* que a força-tarefa tinha mais de 26.000 membros nos Estados de Borno e de Yoko, com 1.800 deles a receberem um salário de 50 dólares por mês.

Com os anos, a força-tarefa utilizou os seus conhecimentos profundos das comunidades locais e do terreno, para identificar membros do Boko Haram e limitar os seus ataques. Recentemente, a força-tarefa garantiu a segurança de acampamentos para pessoas deslocadas. Mas assim como muitos grupos vigilantes nigerianos, os membros da força também foram acusados de abusos, incluindo homicídios. Em 2017, as Nações Unidas tiveram de pressionar a força-tarefa para acabar com as suas práticas de recrutar crianças.

Alguns grupos vigilantes têm origens como uma polícia automeada que ganhou legitimidade através de apoios do governo. Os Bakassi Boys tiveram o seu começo fazendo a patrulha de um mercado da cidade de Aba, no Estado de Abia, e agora operam na região sudeste do país. O governo estatal mudou o seu nome para Serviço de Vigilantes do Estado de Abia, no ano de 2000, dando-lhes dinheiro e equipamento. Nesse mesmo ano, o governador do Estado de Anambra convidou os Bakassi Boys para lidarem com o aumento da criminalidade naquele Estado. A Assembleia Legislativa do Estado promulgou uma lei para legitimar o grupo como Serviços de Vigilantes de Anambra. O Estado de Imo procedeu da mesma forma.

Os Bakassi Boys não foram universalmente bem recebidos. Em 2018, o Tribunal Supremo da Nigéria manteve a decisão de pena de morte imposta a três membros dos Bakassi Boys, por terem cometido dois homicídios em 2006. O jornal *Punch Newspapers*, da Nigéria, reportou que a juíza Amina Augie, que comunicou a sentença do Tribunal Supremo, disse que “Os Bakassi Boys não passam de bandidos.” Ela disse que eles eram “pessoas que desobedecem à lei e que operam fora da lei, que desvirtuam as leis da terra na sua conduta ilegal e sem orientação para exercer a justiça, matando alegados criminosos.”

NÃO SÃO GRUPOS ‘TÍPICOS’

Não existe um grupo vigilante “típico” da Nigéria. Alguns são financiados e equipados por governos locais. Outros grupos atingem o número de centenas, e até de milhares, de voluntários. Outros ainda são um acto momentâneo de procura de vingança, chamados para tomarem medidas pelos líderes locais, para se vingarem de um ataque.

Os problemas de segurança da Nigéria são os problemas da África Ocidental e do Sahel. Com mais de 200 milhões de habitantes, a Nigéria possui uma grande influência sobre toda a região. Conforme observou a revista *Foreign Affairs*, “Quando a Nigéria entra em recessão, o resto das economias da região tipicamente pára de crescer.”

Indicando as falhas dos grupos de segurança regionais, a *Foreign Affairs* observou que “eles também têm um potencial para gerar respostas mais flexíveis e de maior

NIGÉRIA É UMA ‘SOPA’ DE RESPOSTAS DE SEGURANÇA

O Dr. Mark Duerksen é um investigador associado do Centro de Estudos Estratégicos de África. A sua pesquisa centra-se no panorama de segurança da Nigéria e na urbanização sem precedentes de África, juntamente com os desafios de segurança e as oportunidades que as cidades apresentam. Os seus projectos no centro incluem o rastreamento de notícias relacionadas com a segurança e a criação de infográficos analíticos. A revista *Africa Defense Forum (ADF)* entrevistou Duerksen via e-mail. Os seus comentários foram editados para se adequarem a este formato.

ADF: *Estarão os grupos mercenários da Nigéria realmente a funcionar? Parece que muitos deles tornaram-se tão maus quanto as organizações que devem combater. Por exemplo, uma juíza federal da Nigéria disse que os Bakassi Boys “não passam de bandidos.”*

Duerksen: É uma pergunta complicada e nem sempre existe clareza sobre se os grupos de segurança não estatais locais e regionais da Nigéria estão a funcionar e pode ser muito cedo para saber em alguns casos. Penso que é importante distinguir entre:

- Organizações de segurança privadas, que geralmente são contratadas por interesses privados.
- Grupos de vigilantes e milícias locais, que são criados para defender propriedades e comunidades locais e, por vezes, apoiados, equipados e formados pelos governos locais.
- Grupos de segurança regionais, que são criados ou oficialmente sancionados pelos governos estaduais, mesmo que a sua constitucionalidade seja contestada.

Todas estas forças, por vezes, sobrepõem-se geograficamente e operam na Nigéria, para além da miríade de forças militares daquele país, diversas divisões de polícias federais, assim como outras forças de segurança como o Serviço de Segurança do Estado. Sendo assim, existe realmente uma “sopa” de resposta de segurança na Nigéria de todos estes grupos diferentes ostensivamente a procurar fazer com que o país seja mais seguro por causa da diversidade de grupos armados que operam no país.

No caso de recorrer aos grupos de vigilantes ou novas forças regionais para preencher a lacuna de segurança, estes grupos, muitas vezes, seguem um padrão semelhante de eventualmente envolverem-se nos tipos de comportamento criminosos e abusos que eles foram designados para prevenir. Este é o caso das milícias de autodefesa do North West — onde foram inicialmente criados pelos agricultores locais para proteger os seus interesses contra as milícias bem armadas e alinhadas com a prática da pastorícia, mas, com o tempo, acabaram por envolver-se em tortura, atrocidades e até passaram a ser alimentadores de uma gangue famosa de criminosos que operam na região.



CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Dr. Mark Duerksen

beneficiaram da criação de grupos locais que fazem a patrulha e vigilância, mas isso, muitas vezes, depende da dedicação e da supervisão dos líderes locais individualmente em vez de verificações institucionais e prestação de contas. Por isso, pode ser difícil replicar qualquer destes sucessos para fazer com que cause um efeito significativo na insegurança sistémica da Nigéria.

Em última análise, estas soluções de segurança «alternativas» têm poucas probabilidades de oferecer resultados sustentáveis a menos que sejam integradas em instituições oficiais que irão fazer a monitoria, formação e exigir a sua responsabilização. Enquanto isso, eventos violentos documentados perpetrados por grupos armados na Nigéria aumentaram significativamente nos passados cinco anos, de menos de 700 eventos por ano para mais de 2.000 por ano.

A cada ano, um número significativo de eventos envolvendo violência contra civis são atribuídos às forças de segurança da Nigéria e às milícias que antes tinham sido criadas para aumentar a segurança a nível local.

ADF: *Apesar de toda a publicidade das suas empresas em fase inicial, os grupos de mercenários Amotekun e Shege-Ka-Fasa não parecem estar a realizar alguma coisa.*

Duerksen: Não está claro o que qualquer um destes grupos está a realizar, para além de gerar controvérsias sobre a sua legalidade. Entretanto, a onda de sequestros para pedido de resgate no norte e

Resultados como este que também são vistos no caso dos Bakassi Boys, que são resultado de estas forças terem menos supervisão e receberem ainda menos formação do que as forças de segurança oficiais.

ADF: *Existem algumas excepções a isso?*

Duerksen: Sim, é claro que existem comunidades que

a violência no sector de segurança contra civis em South West continua. Para além disso, regionalizar a segurança pode criar problemas não intencionados, se estas forças operarem com tendências étnicas ou sob uma bandeira de nacionalismo étnico. Eventualmente, se estas forças regionais não forem profissionalizadas, elas podem agravar as divisões regionais, que há muito têm assolado a Nigéria. A última coisa que a Nigéria precisa é a criação de forças de segurança organizadas etnicamente e com lealdade regional, especialmente se estiver ligada a grupos separatistas como a Rede de Segurança do Leste, que recentemente foi criada pelos líderes do movimento militante do Povo Indígena de Biafra.

ADF: *Parece provável que a única solução a longo prazo para os problemas de segurança do país serão um compromisso para contratação e formação de mais agentes da polícia e possivelmente mais soldados e a abolição de práticas de uso de mercenários. Será que essa teoria não tem fundamento?*

Duerksen: O problema é que, muitas vezes, criar novas forças ou resolver assuntos com as próprias mãos, através de grupos vigilantes ou grupos de segurança recentemente sancionados é o caminho tomado na Nigéria, em vez de políticos ou funcionários civis envolverem-se no desafio de trabalho a longo prazo da reforma do sector de segurança, profissionalização e construção da confiança. Foram feitas propostas sensíveis de reforma por painéis de especialistas, mas estas nem sequer foram totalmente implementadas e, com o tempo, as unidades da polícia que necessitam de reforma foram essencialmente renomeadas e atribuídas novos nomes e reconstituídas sem abordar os seus problemas subjacentes. Existem algumas propostas e optimismo de que as unidades mais eficazes podem ser estabelecidas através das iniciativas de policiamento comunitário. Então, existe espaço para a inovação e novas ideias desde que elas sejam criadas para abordar os problemas identificados através da revisão dos processos e que os seus resultados sejam avaliados com o andar do tempo. Isso também pode ser feito através da criação de forças de segurança públicas, o que iria ajudar a Nigéria a perspectivar soluções mais abrangentes e integradas de segurança.

Resumindo, a arquitectura de segurança da Nigéria pode ser, em termos gerais, complicada e nebulosa e, muitas vezes, ter falta de transparência e de cultura de prestação de contas necessárias para uma reforma eficaz – algo que precisa de ser abordado no processo de desenvolvimento de uma estratégia de segurança nacional multidimensional. Uma reforma séria e esforços de formação do exército e da polícia nacionais, com enfoque para respostas de segurança integradas, envolvendo os serviços do governo, desenvolvimento social e iniciativas de justiça é a melhor aposta da Nigéria para abordar a diversidade de ameaças de segurança que o país enfrenta.



Vigilantes armados revistam viaturas num posto de controlo, em Yola, Nigéria. THE ASSOCIATED PRESS

nuance para os desafios de segurança local, especialmente se o governo federal puder começar a abordar alguns dos impulsionadores da instabilidade.”

Outros também defenderam os grupos, dizendo que são uma reacção lógica a um problema.

“Nós administramos uma federação e temos três níveis de governo: federal, estadual e local,” disse o Governador do Estado de Edo, Godwin Obaseki. “Por que razão a segurança deve estar exclusivamente a nível federal? O que aconteceu com os outros dois níveis? Até resolvermos este desequilíbrio estrutural, não seremos capazes de lidar com a segurança na sua essência.”

Algumas regiões criaram regulamentos para fazer a monitoria dos grupos vigilantes. Tal como o site da internet The Conversation reportou, os regulamentos oficiais não erradicaram completamente os abusos, mas parece que são mais úteis do que banir os grupos.

“Para além disso, a eficácia do vigilantismo no combate à criminalidade não pode ser contestada,” observou o The Conversation. “Com a melhoria da formação e dos mecanismos de responsabilização, estes grupos podem fornecer uma componente importante de policiamento comunitário.”

Os críticos aos grupos vigilantes dizem que a falta de segurança a nível nacional pode ser abordada apenas com sistemas de polícia e do exército verdadeiramente fortes. Qualquer coisa diferente disso representa um fracasso a nível nacional, dizem eles.

Shehu Sani, um senador do partido da oposição, Partido Democrático Popular de Kaduna, disse, em Maio de 2021, que a Nigéria precisa de reestruturar e financiar melhor a sua polícia.

“O governo apenas não conseguiu fazer jus às suas responsabilidades e expectativas,” disse ele, conforme foi reportado pelo The Guardian. “Oficiais de segurança corruptos, que se alimentam do orçamento da defesa, devem ser responsabilizados e o bem-estar das tropas deve ser melhorado. O exército e a polícia devem estar armados da melhor forma possível para enfrentar os bandidos e os terroristas.” □

CRIANÇAS OBRIGADAS A
COMBATER

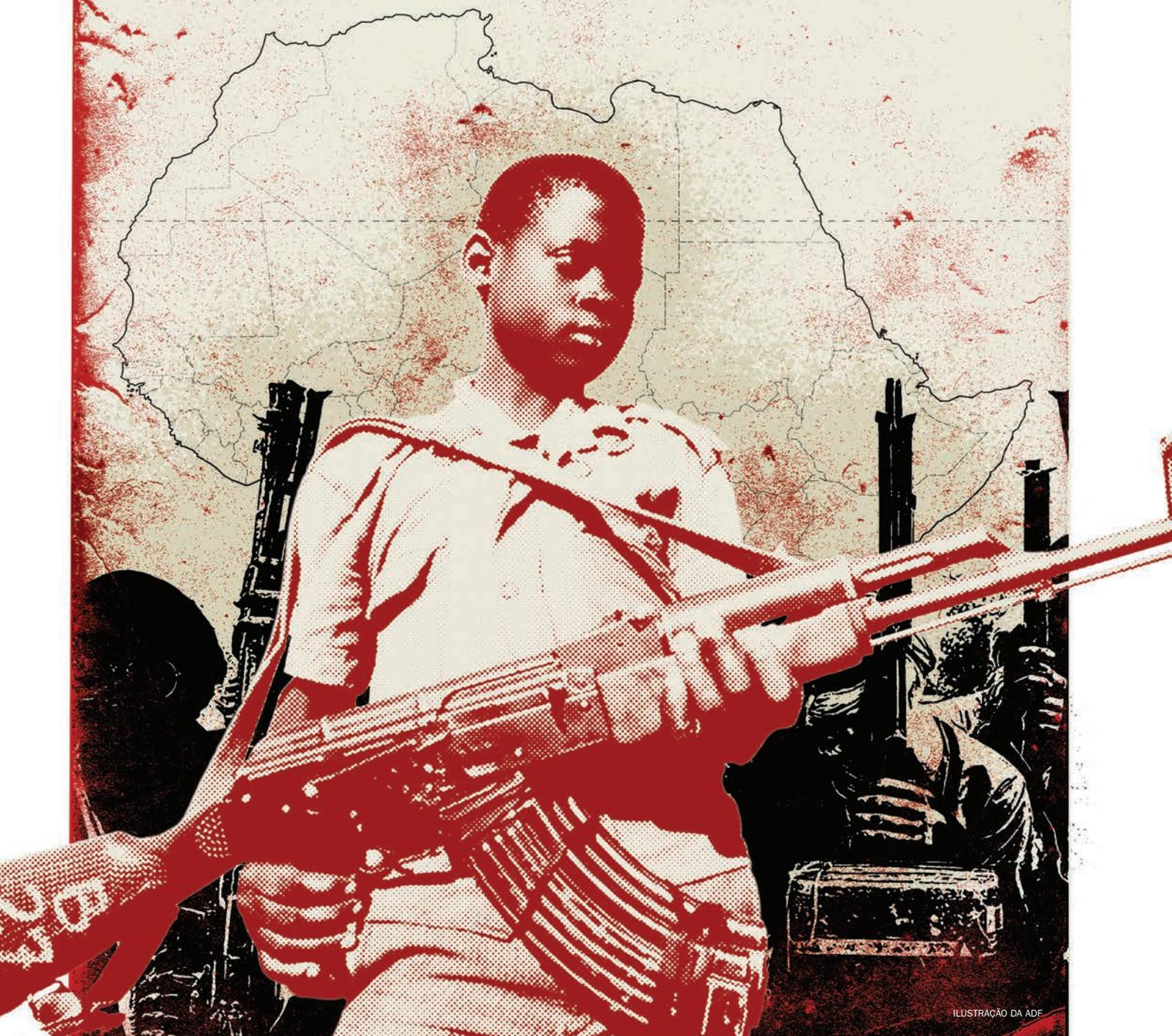


ILUSTRAÇÃO DA ADF

GRUPOS EXTREMISTAS DO SAHEL TIRAM VANTAGENS DAS CONDIÇÕES DE DESESPERO PARA RECRUTAR CRIANÇAS COMBATENTES

EQUIPA DA ADF

Eram 2 horas da madrugada dum sábado quando o silêncio da noite, numa aldeia burquinabê, foi interrompido pelo som de motorizadas e depois tiroteios.

Os terroristas abriram fogo contra residentes da aldeia de mineração de ouro de Solhan, no dia 5 de Junho de 2021. Eles incendiaram casas e mercados e executaram a população até ao nascer do sol. As autoridades locais anunciaram pelo menos 160 mortes — o ataque mais mortal desde que a violência chegou àquele país, em 2015.

O porta-voz do governo, Ousseni Tamboura, revelou os detalhes mais perturbantes do ataque semanas depois: “Os atacantes eram na sua maioria crianças com idades compreendidas entre 12 e 14 anos,” disse à imprensa.

Grupos terroristas, como o Jama’at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM), o Estado Islâmico do Grande Sahara e o al-Qaeda no Magreb Islâmico, provocaram uma crescente onda de ataques contra civis no Sahel. Relatórios recentes demonstram que eles estão a recorrer ao uso de crianças para matar.

“Elas aceitam porque não querem morrer de fome,” Yacouba Maiga, director dos Serviços Católicos de Ajuda Humanitária, do escritório de Mopti, disse à Al Jazeera. “Elas aceitam porque, se não o fizerem, um outro grupo pode matá-las.”

“São jovens que não sabem nada para além desta crise.”

Milhares de pessoas foram mortos e milhões obrigadas a fugir da violência desta região toda. Estes números, juntamente com as grandes perdas no campo de batalha, reduziram a habilidade dos grupos terroristas de recrutar adultos.

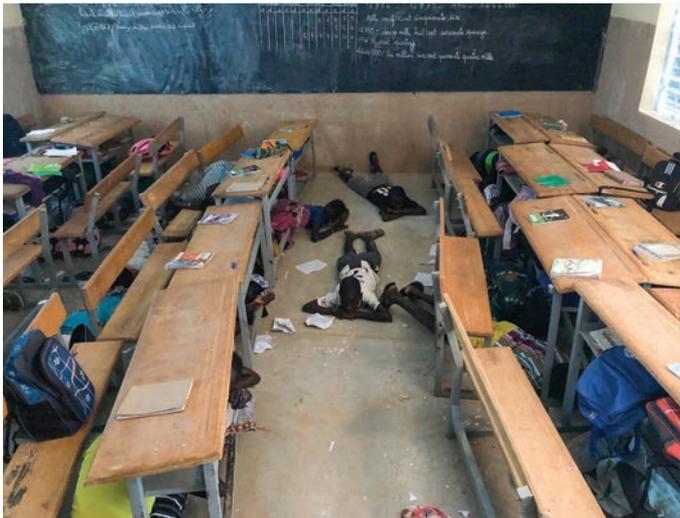
África possui um histórico de grupos armados a recrutar e a utilizar crianças em zonas de conflito.

“A instabilidade política, o encerramento das escolas e a COVID-19 criaram um ambiente onde as crianças se tornaram num recurso útil para os militantes que procuram reforçar o pessoal das suas fileiras,” disse Christopher M. Faulkner, um pós-doutorando do Departamento de Assuntos de Segurança Nacional, do Colégio da Marinha de Guerra dos EUA. Faulkner falou com a ADF sobre a sua pesquisa, mas não falou em nome da sua instituição ou do governo dos EUA.

“O JNIM está a utilizar crianças em todas as formas, incluindo como espíões e vigias. Isso provavelmente explique a razão pela qual alguns desses grupos procuram crianças — mais recursos podem melhorar a eficácia táctica e operacional.” Os grupos extremistas islâmicos do Sahel também exploraram a falta de comida, a limitada possibilidade de empregos e a ausência das autoridades locais no recrutamento de crianças.



Crianças que fugiram de ataques de militantes islamitas no Sahel brincam num acampamento para deslocados internamente, em Kaya, Burkina Faso. REUTERS



Crianças praticam jogos de segurança para se prepararem para potenciais ataques de grupos terroristas islamitas na escola, na cidade de Dori, Burkina Faso, em 2020. THE ASSOCIATED PRESS

Os membros desses grupos pregam uma forma radical do Islão para as crianças das aldeias e prometem comida, roupa e dinheiro para que elas aceitem juntar-se a eles.

Algumas crianças tiveram promessas de cerca de 18 dólares se matarem alguém, de acordo com Idrissa Sako, assistente do ministério público do Burkina Faso, no tribunal superior da cidade de Dori.

Para outros, armas e motorizadas oferecem prestígio e estatuto.

“Os novos candidatos, muitas vezes, têm promessas de motorizadas, e a soma de 300.000 a 500.000 francos CFA [530 dólares a 885 dólares],”

um professor burquinabê disse à organização humanitária Save the Children. “Imagine como um jovem que nunca pegou uma nota de 5.000 ou 10.000 francos CFA vai reagir quando lhe forem oferecidos 200.000, 300.000 ou 500.000 francos CFA.

Os recrutas são formados num período entre uma semana e três meses em matérias de como utilizar armas.

Às vezes, raparigas são utilizadas como bombistas suicidas, porque facilmente se misturam com civis. Mas o que é mais comum é que as raparigas estejam a correr o risco de serem raptadas para trabalharem ou serem obrigadas a casarem-se com combatentes islamitas.

Alguns especialistas e oficiais acreditam que os grupos terroristas mudaram as táticas recentemente para atacar e destruir escolas e matar professores para pôr em causa o sistema de educação bem como prejudicar o lugar de segurança das crianças.



Uma criança transporta água num acampamento que recebe mais de 11.000 refugiados malianos, no norte do Burkina Faso, em Junho de 2021. AFP/GETTY IMAGES



Crianças sentadas num acampamento para pessoas deslocadas no norte de Burkina Faso. As crianças da região têm sido alvos de recrutamento de grupos terroristas. AFP/GETTY IMAGES

Os confinamentos obrigatórios da COVID-19 e os encerramentos das escolas exacerbaram o problema, de acordo com Virgínia Gamba, representante especial das Nações Unidas para as Crianças e Conflitos Armados.

“Existe uma ameaça real de que enquanto as comunidades tiverem falta de emprego e forem mais e mais isoladas por causa do impacto socioeconómico da COVID-19, iremos ver um aumento do recrutamento de crianças por falta de opções,” disse à Reuters, em Fevereiro de 2021. “Visto que as crianças não estão nas escolas, o alvo de atacar escolas para rapto e recrutamento de crianças ... está a mudar para onde as crianças estão.”

As crianças fora das escolas já praticaram a mineração e o tráfico de ouro em Burkina Faso, Mali e Níger.

Jean-Hervé Jezequel, director do projecto da instituição sem fins lucrativos de pesquisa de conflitos no Sahel, Grupo Internacional da Crise, disse que o ouro ajudou os extremistas sahelianos a adquirir transporte, armas e munições.

As minas de ouro negligenciadas pelos governos locais, muitas vezes, caem nas mãos dos combatentes que detêm grandes faixas de terra sem a lei, próximos da região de fronteira tríplice do país, conhecida como Liptako-Gourma.

“O controlo dos locais de extracção mineira permite que eles expandam a sua influência e ganhem mais financiamento,” disse à Al Jazeera. “As minas estão cheias de jovens que podem facilmente ser recrutados para os grupos jihadistas.”



De acordo com a ONU, rapazes e raparigas ainda são obrigados a juntar-se a grupos armados como combatentes, cozinheiros ou para exploração sexual, em pelo menos 14 países, incluindo Burquina Faso, República Democrática do Congo, Mali, Somália e Sudão do Sul.

Comunicar directamente com os grupos armados, por vezes, pode ser produtivo, conforme a ONU demonstrou quando o seu diálogo com militantes da República Centro-Africana em 2015 culminou com a desmobilização de mais de 350 crianças combatentes.

Mas isso não acontece muitas vezes, porque muitos governos hesitam em legitimar organizações extremistas violentas. Uma em cada três crianças gravemente vitimizadas no mundo foi na África

Central e Ocidental, de acordo com o relatório de 2020, do secretário-geral da ONU sobre crianças e conflitos armados.

As crianças do Sahel encontram-se entre as mais vulneráveis do mundo. Elas estão tanto na oferta como na procura de grupos militantes.

Maimouna Ba viu aproximadamente 1.200 pessoas que fugiram de um ataque na aldeia de Solhan a procurarem refúgio numa cidade próxima de Dori, onde ela dirige uma organização da sociedade civil chamada Mulheres para a Dignidade do Sahel.

Alguns sobreviventes disseram que viram crianças a participarem nos ataques.

“Aqueles que não têm acesso a uma boa educação, mínimo de cuidados de saúde, mínimo de dignidade,” disse Ba à The Associated Press. “São, por conseguinte, alvos vulneráveis e fáceis de serem recrutados por grupos extremistas.”

A reabertura das escolas com melhoria de medidas de segurança é uma forma através da qual os governos podem proteger melhor as crianças. Os especialistas também apontam para a necessidade de educar as crianças sobre as suas vulnerabilidades, sobre os grupos armados e sobre a existência de programas de desarmamento, desmobilização e reintegração (DDR).

A secretária-geral adjunta da ONU, Amina Mohamed, disse que os programas DDR são de vital importância, assim como o são a aceitação e o apoio das comunidades quando as crianças que anteriormente estavam associadas a grupos armados regressam.

“Milhares de crianças recrutadas e utilizadas por grupos armados e outras crianças afectadas nas suas comunidades não recebem um mínimo de cuidado ou serviços para voltar a tecer o tecido de uma sociedade despedaçada,” escreveu Mohamed, num relatório de 2020 intitulado “Melhorar o Apoio à Reintegração de Crianças.”

“Aqueles que conseguem ajuda, muitas vezes, o fazem por apenas alguns meses em vez dos essenciais 3 a 5 anos necessários para a reintegração.”

O relatório argumenta a favor dos investimentos nos sistemas de educação locais e nos serviços de saúde mental, observando que as lacunas de financiamento significativas dos grupos internacionais, muitas vezes, interrompem a continuidade dos programas de DDR.

“Existe uma grande atenção dada pela ONU para considerar as deficiências nos programas de reintegração,” disse Faulkner. Eles especificamente enfatizam a necessidade de que tais programas tenham uma perspectiva de género para que sejam disponibilizados os recursos adequados para raparigas e rapazes dado que eles podem ter tido experiências bem distintas no conflito.

“Esta é uma razão adicional para esperança.” □

Senegal Irá Acolher PRIMEIROS JOGOS OLÍMPICOS DA JUVENTUDE DE ÁFRICA

VOZ DA AMÉRICA

O Senegal irá acolher os Jogos Olímpicos da Juventude, em 2026, naquilo que os adeptos esperam que venha a ser o primeiro passo para provar ao mundo que África pode acolher os Jogos Olímpicos de Verão, no futuro.

Será o primeiro país africano a acolher os Jogos Olímpicos da Juventude, em 2026. Os jogos foram acrescentados aos Jogos Olímpicos em 2010 para dar aos atletas com idades entre 14 e 18 anos a possibilidade de competir.

Os jogos da juventude de Buenos Aires, Argentina, em 2018, contaram com uma Vila Olímpica que recebeu cerca de 4.000 atletas provenientes de 260 países. Isso contrasta com os aproximadamente 12.000 atletas para os Jogos Olímpicos maiores. Em termos gerais, os especialistas dizem que os jogos da juventude irão exigir cerca de um terço do investimento necessário para os Jogos Olímpicos.

O Senegal inicialmente concordou em acolher os jogos em 2022, mas a COVID-19 obrigou o adiamento até 2026.

Cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos da Juventude de 2018, em Buenos Aires, Argentina

THE ASSOCIATED PRESS

Embora as autoridades senegalesas digam que estão animadas e honradas por poder fazer história como o primeiro país africano a acolher os jogos da juventude, elas também compreendem a responsabilidade que vem juntamente com isso.

“Existem expectativas de todo o continente africano, e o Senegal tem de organizar jogos que alcancem o padrão dos anteriores Jogos Olímpicos,” disse Babacar Makhtar Wade, presidente da Federação Senegalesa de Judo. “E, por causa disso, o Senegal irá garantir que seja um sucesso e sirva de catalisador para a mobilização e o envolvimento dos jovens senegaleses, em particular, e dos jovens africanos, em geral.

Wade, que também é tesoureiro do Comitê Nacional Olímpico e de Desportos do Senegal, disse que os planos de reabilitação estão a bom termo.

“Pretendemos reabilitar primeiro três principais locais de realização de jogos — o Estádio Iba Mar Diop, que irá acolher atletismo, rugby e outros desportos,” disse. “Existe também a nossa piscina olímpica, que precisa de ser reabilitada. Possui um parque adjacente, que irá acolher alguns eventos como o freestyle de BMX, basquetebol 3x3 e jogos de hóquei. E existe também o Caserne Samba Diery Diallo, onde as actividades relacionadas com equitação irão decorrer.”

Haverá também estádios em centros fora de Dakar, incluindo a famosa estância balnear que irá acolher o voleibol de praia, a canoagem e outros eventos, e o Diamniadio, o local onde estará um novo estádio multiuso com 50.000 lugares e outras instalações.

NIGÉRIA ACOLHE OS PRIMEIROS JOGOS MILITARES DO SAHEL

EQUIPA DA ADF

A Nigéria acolheu os Jogos Militares do Sahel inaugurais, com cerca de 350 atletas de forças militares que participaram na competição que teve a duração de uma semana, em Outubro de 2021.

A Organização de Desportos Militares de África (OSMA) organizou a competição no Território da Capital Federal, em Abuja. O Brigadeiro-General nigeriano, Maikano Abdullahi, disse que 12 países participaram nos jogos que consistiam em futebol, golfe e maratonas. Dos 12, oito eram provenientes do Sahel, nomeadamente Benin, Burkina Faso, Camarões, Chade, Líbia, Mali, Níger e Nigéria.

Oito países participaram na competição de golfe e todos os 12 competiram no futebol e na maratona.

O jornal nigeriano, Leadership, noticiou que Abdullahi disse que o objectivo do campeonato era de promover a paz e a unidade entre os exércitos dos países do Sahel e reforçar a decisão colectiva das Forças Armadas de acabar com ameaças terroristas na região.

“Uma luta é vencida através de muitos meios, e o desporto é um deles,” disse Abdullahi. “Queremos enviar uma mensagem para o mundo de que os países do Sahel estão unidos.” Era obrigatório que os visitantes aderissem aos protocolos da COVID-19.

A maratona concluiu os jogos com os atletas tanzanianos, Michael Sangia e Jackline Sakilu, vencendo as competições masculinas e femininas, respectivamente. A cerimónia de encerramento incluiu um convite para corrida de estafeta, com os atletas da Força Policial da Nigéria desafiando outras organizações.

Vencedores em pé no pódio dos Jogos Militares do Sahel, Nigéria. Os segundos Jogos Militares do Sahel estão previstos para terem lugar no Chade, em Dezembro de 2022. OSMA



THE ASSOCIATED PRESS

Etíope Quebra RECORDE MUNDIAL

EQUIPA DA ADF

A atleta etíope, Letesenbet Gidey, quebrou o recorde mundial da meia maratona em femininos em Outubro de 2021, cortando a meta em 62 minutos e 52 segundos, em Valência, Espanha — 70 segundos mais rápida do que o antigo recorde.

A atleta de 23 anos de idade bateu o anterior recorde de 21 quilómetros conseguido pela queniana, Ruth Chepngetich, desde Abril de 2021. Gidey também detém o recorde mundial para 5.000 metros e 10.000 metros. Ela venceu uma medalha de bronze na prova de 10.000 metros nos Jogos Olímpicos de Verão, em Tóquio, em 2021.

É uma reviravolta para alguém que tinha sido expulsa da escola quando tinha 13 anos de idade, por recusar correr nas aulas de educação física.

“Eu realmente não gostava de correr,” disse ao World Athletics, em 2015. “Eu trouxe os meus pais para a escola, para conversar com o director na esperança de ser readmitida. Ele concordou em readmitir-me apenas se eu corresse (na competição) a favor da escola. Eu concordei relutantemente.”

Ela nasceu em Endameskel, na região do Tigré, norte da Etiópia, e cresceu numa quinta da família. Quando começou a competir como atleta, apenas tinha um sucesso limitado. Terminou na 44ª posição na sua primeira corrida de curta-metragem, em 2012.

Mais tarde, um irmão mais velho trabalhou com ela, pedalando ao lado dela para ajudá-la a manter o ritmo quando ela estivesse a treinar.

Os recordes de pista têm estado a cair em todo mundo na actual era dos “super spikes,” que começou em 2019, quando a empresa Nike introduziu sapatilhas para atletismo que utilizam uma combinação de uma placa rija e uma esponja maleável para dar aos atletas mais energia a cada passo. Desde então, outras empresas foram obrigadas a introduzir sapatilhas semelhantes para manter os atletas por eles patrocinados competitivos.

Pescadores artesanais do Senegal utilizam telemóveis para gravar como as embarcações industriais pescam.

FUNDAÇÃO PARA A JUSTIÇA AMBIENTAL

Senegal

Utiliza Transparência para Combater a Pesca Ilegal

EQUIPA DA ADF

O Senegal está a fazer o lançamento de um programa para promover a transparência no sector das pescas daquele país a fim de acabar com a pesca ilegal.

Financiado pela Oceans 5, uma organização filantrópica dedicada à protecção dos oceanos do mundo, o projecto de aproximadamente 1,2 milhões de dólares, com a duração de três anos, da Fundação para a Justiça Ambiental e Trygg Mat Tracking visa publicar na internet as listas de licenças de pesca actualizadas e os registos de embarcações. Irá também capacitar os pescadores artesanais para desempenharem um papel nos esforços de vigilância e monitoria do porto de Dakar, assim como nos processos de tomada de decisões do governo, relacionadas com as pescas.

Mais de 30 embarcações industriais foram acusadas de praticar a pesca ilegal no Senegal, em 2020, noticiou a fundação. Um dos componentes do projecto foi concebido para permitir que os actores das comunidades pesqueiras do país documentem actividades pesqueiras suspeitas.

“Diferentemente de outros países costeiros da região, o Senegal possui experiência de vigilância participativa, e as suas autoridades reconhecem a sua importância,” Steve Trent, PCA e fundador da fundação, disse à ADF num e-mail. “Os pescadores de pequena escala e as unidades locais de vigilância trabalham de mãos dadas para prevenir, deter e eliminar a pesca INN [ilegal, não

declarada e não regulamentada]. Este trabalho enfrenta limitações operacionais, técnicas e de financiamento, que o projecto ajudará a vencer.”

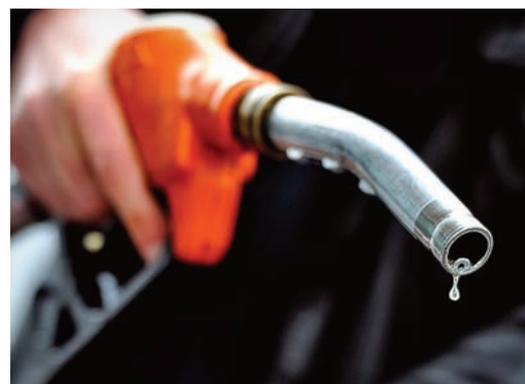
As actividades de pesca garantem mais de 600.000 empregos a nível doméstico, e aproximadamente 75% da proteína animal consumida no Senegal provém do peixe. Mas 90% dos locais de pesca do país estão totalmente explorados ou próximos de um colapso, de acordo com dados compilados pela fundação e pelas Nações Unidas.

Assim como em outras partes da África Ocidental, o peixe do Senegal é, na sua maioria, exportado para a Ásia e a Europa, de forma rotineira, em forma de farinha de peixe ou óleo de peixe, produzido nas fábricas de proprietários chineses que poluem o meio ambiente. A China é o pior infractor da pesca INN no mundo, de acordo com a Iniciativa Global Contra o Crime Organizado Transnacional.

O governo do Senegal compreende a importância de eliminar a pesca INN através da melhoria da transparência e das medidas de cumprimento e, por conseguinte, abraça o projecto, Mactar Diallo, secretário-geral do Ministério das Pescas e Economia Marítima, disse numa reportagem do Senegal Black Rainbow.

Diallo disse que podem ser emitidas multas de até 1,8 milhões de dólares contra os proprietários de embarcações estrangeiras por prática de pesca ilegal.

“Em caso de recorrência, podemos chegar até ao extremo de confiscar o navio,” disse Diallo.



AFP/GETTY IMAGES

Argélia Junta-se ao Mundo Banindo a Gasolina com Chumbo

NOTÍCIAS DA BBC EM [BBC.CO.UK/NEWS](https://www.bbc.co.uk/news)

A Argélia tornou-se o último país do mundo a acabar com o uso de gasolina com chumbo, dando um passo em frente na saúde e segurança mundial.

O combustível tóxico contamina o ar, o solo e a água há quase um século. Pode causar doenças cardíacas, cancro e acidentes vasculares e esteve ligada a problemas de desenvolvimento do cérebro nas crianças.

Muitos países baniram aquele combustível até 1980, mas foi apenas em Julho de 2021 que a Argélia se tornou no último país a bani-lo.

No dia da transição, Nadil Rachid, o presidente da Autoridade Reguladora de Hidrocarbonetos da Argélia, disse que as refinarias da empresa nacional de petróleo estiveram a trabalhar para produzir combustível sem chumbo adicional para garantir que os consumidores “não passem por nenhuma tensão” causada por insuficiência de fornecimento.

O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, chamou a erradicação do combustível com chumbo de “uma história de sucesso internacional.” “Acabar com o uso de combustível com chumbo irá prevenir mais de 1 milhão de mortes prematuras por ano por motivos de doenças cardíacas, acidentes vasculares e cancro e irá proteger as crianças cujos QIs são danificados por causa da exposição ao chumbo,” disse.

Matemático Queniano Prevê Vagas da COVID-19

EQUIPA DA ADF

O matemático queniano, Dr. Shem Otoi Sam, tornou-se o oráculo da COVID-19 no seu país. Com recurso a um modelo preditivo que ele desenvolveu, Sam encontrou uma forma de prever o aumento e a diminuição das vagas de infecções, fazendo com que ele seja uma espécie de meteorologista da pandemia na região ocidental do Quênia.

Sam, de 39 anos de idade, vai à rádio local para aconselhar os residentes sobre quando precisam de ser mais cautelosos, “avisando as pessoas, a polícia e o ensino público, que ‘teremos um pico. Não queremos perder ninguém,’” disse à ADF.

Sendo ele próprio um sobrevivente da COVID-19, Sam tem conhecimento de causa sobre como uma infecção pode ser tão intensa e quão importante é prevenir que outras pessoas contraiam a doença.

O modelo de Sam ajudou a estabelecer os fundamentos para o Sistema Integrado de Dados Online do Quênia. O sistema ajuda as autoridades sanitárias do Quênia a fazerem a monitoria da disponibilidade de recursos, tais como camas das unidades de cuidados intensivos e oxigénio de alto fluxo, para que os médicos possam saber para onde enviar os pacientes. Isso ajudou a região a reduzir os picos das vagas, disse Sam.



No início da pandemia, os cépticos afirmavam que a COVID-19 não afectaria África. Os resultados da primeira tentativa de Sam para efectuar a modelagem da pandemia confrontou directamente aquela informação falsa. “Quando o primeiro caso de Covid-19 foi descoberto no país, comecei a reflectir, comparando a taxa de infecção pela Covid-19, as taxas de mortes e de recuperações noutras regiões do mundo,” disse ao The Nation, do Quênia.

O seu trabalho demonstrou que o continente caminhava em direcção ao mesmo rumo que o resto do mundo no que diz respeito à COVID-19.

Para expandir as habilidades das suas previsões para as vagas da COVID-19, Sam adaptou um modelo matemático, conhecido como ARIMA, que significa modelo auto-regressivo integrado de médias móveis. A adaptação permitiu que ele expandisse a capacidade de previsão do ARIMA, de cerca de um mês para oito, fazendo com que fosse possível prever as vagas de infecção com muito mais antecedência. O objectivo era de ajudar as autoridades sanitárias a prepararem os hospitais e o pessoal de saúde para as futuras vagas.

As previsões ajudaram a reduzir, em termos gerais, o impacto da COVID-19 na parte ocidental do Quênia, disse Sam.

“Temos experimentado uma fraca intensidade do pico porque alertamos as pessoas com antecedência. Eles [os hospitais] preparam-se com antecedência. Por isso, não ficam sobrecarregados,” disse Sam. “Ao mesmo tempo, o meu modelo ajudou a salvar não apenas vidas, mas também os meios de subsistência.”

Ruanda Planeia Lançar Constelações de Satélites

THE NEW TIMES

O Ruanda anunciou planos de lançar duas constelações de satélites nos próximos três anos. A acção destacou ainda mais o objectivo daquele país de tornar-se um líder na indústria espacial de África.

A Agência Espacial do Ruanda afirmou que tinha submetido um pedido para adquirir duas constelações de satélite da União Internacional de Telecomunicações. A frota composta por duas naves possui um total de 327.320 satélites.

Uma constelação de satélites é um grupo de satélites que funcionam em conjunto como um sistema. Diferentemente de um único satélite, uma constelação pode fornecer cobertura permanente global ou quase global.

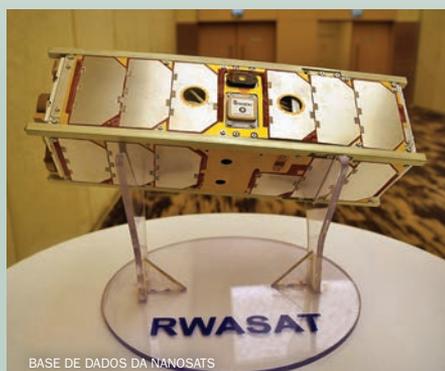
As duas constelações irão juntar-se ao RwaSat-1, um satélite

construído por três engenheiros ruandeses e uma equipa de cientistas japoneses da Universidade de Tóquio. Foi lançado em 2019 a partir do Centro Espacial de Tanegashima, no Japão, e enviado para a baixa órbita da terra a partir da Estação Espacial Internacional. Nesse mesmo ano, o Ruanda lançou o satélite Icyerekezo, em parceria

com Oneweb, uma empresa do Reino Unido. O satélite foi utilizado para permitir o acesso à internet nas escolas das zonas rurais.

O movimento no sentido de expandir surge numa altura em que o desenvolvimento do sector espacial ruandês ainda está nos seus estágios iniciais, com um total de cinco a 10 parcerias, de acordo com a agência.

“Demonstra que o Ruanda está pronto para utilizar os serviços espaciais para o desenvolvimento social do país,” disse Francis Ngabo, director-executivo da agência espacial. “E, em segundo lugar, é um sinal que estamos a enviar para o sector empresarial ou para o sector espacial de que estamos prontos para investimentos no sector espacial, nas comunicações espaciais e nos serviços espaciais em geral.”



Exército Nigerino Ajuda os Necessitados



EQUIPA DA ADF | FOTOS DO COMANDO DOS EUA PARA ÁFRICA

O exército do Níger fez o lançamento de um programa para melhorar as vidas dos cidadãos que residem na região de Agadez ao redor da Base Aérea Nigerina 201, uma base aérea de drones dos Estados Unidos.

A recentemente criada divisão Acção Civil-Militar (ACM) das Forças Armadas Nigerinas (FAN) está a realizar missões de ajuda. A divisão realizou as suas missões em conjunto com as equipas dos Assuntos Cívicos dos EUA posicionadas na base.

De acordo com o programa, os membros da ACM escolhem aldeias para receberem ajuda e executam cada missão com o apoio dos Assuntos Cívicos dos EUA. Uma unidade diferente da ACM está a levar a cabo missões semelhantes perto da Base Aérea Nigerina 101, em Niamey, a capital do país.

Em Maio de 2021, uma missão da ACM, da Base Aérea 201 em Beital, 30 quilómetros a norte da base, forneceu 3.000 quilogramas de arroz, 120 tapetes e 120 baldes aos residentes. Uma missão realizada em Setembro em Teghazert, 8 quilómetros a leste da base, coincidiu com a celebração da escolha pela comunidade de um novo chefe. A ACM ofereceu bolas de futebol, arroz, tapetes para uso durante as orações, baldes, sabão e redes mosquiteiras.

Os comandantes da Zona de Defesa 2 e da Base Aérea 201 elogiaram a planificação e a execução cuidadosas das operações da ACM.

“Estamos extremamente satisfeitos com a forma agradável de como a logística e as comunicações decorreram enquanto as missões progrediam, permitindo que ajudássemos os nossos conterrâneos que passavam por necessidades,” disse o capitão nigerino, Badage Oumarou, o comandante da base.

Aproximadamente 4.200 residentes da região de

Agadez beneficiaram das missões humanitárias da ACM.

“A equipa nigerina da ACM é um grupo impressionante de pessoas que, de forma genuína, desejam ajudar os seus conterrâneos, e é uma honra trabalhar com eles para melhorar a vida das pessoas do Níger,” disse o Capitão do Exército dos EUA, Verzoni, o comandante da equipa de Assuntos Cívicos.

As missões estão a criar laços entre os membros das FAN e os residentes das aldeias da região cujas fronteiras internacionais porosas são propensas ao extremismo. Grupos extremistas ligados ao Estado Islâmico, al-Qaeda e outras organizações lançam ataques regulares no Níger, particularmente na região de fronteira com o Mali.

“Os soldados das FAN, que antes tinham pouca ou nenhuma ligação com essas aldeias, agora estão a interagir com as crianças, a jogar futebol, falando com os anciãos de aldeias de tribos diferentes das suas,” Sargento do Quadro Permanente do Exército dos EUA, Jarrod Mattison, da equipa de Assuntos Cívicos, disse à ADF.



OPERAÇÃO GARRAS DE ÁGUIA TESTA A PREPARAÇÃO DO GANA PARA ATAQUES TERRORISTAS

EQUIPA DA ADF

Membros das Forças Armadas do Gana (GAF) descem de um helicóptero e correm em direcção a um inimigo simulado, com as suas armas em punho, enquanto o comandante dá instruções em voz alta.

Era o dia da abertura da Operação Garras de Águia, um exercício que visava preparar militares e pessoal de emergência para responder a ameaças terroristas.

O exercício anual, que teve a duração de cinco dias, contou com a participação de membros do Serviço da Polícia do Gana, do Serviço Nacional de Bombeiros do Gana, da Organização Nacional de Gestão de Calamidades, do Serviço Nacional de Ambulância e de outras agências de segurança e inteligência. Foi concluído em finais de Maio de 2021.

O exercício Operação Garras de Águia de 2021 centrou-se na resposta a ataques terroristas como aqueles perpetrados durante o ano no Burquina Faso e na Costa do Marfim.



GHANA PEACE JOURNAL

“Os ganeses, e particularmente aqueles que se encontram nestes sectores, sabem que o terrorismo é real — e está às nossas portas,” Coronel William Nii Nortey, director das operações do Exército, disse ao canal de televisão ganês, My Joy. “Devemos todos estar prontos e sabermos o que está a acontecer ao nosso redor. Devemos estar prontos para proteger e defender a integridade do Gana.”

Nortey encorajou os residentes da região a denunciarem suspeitas de actividade terrorista às autoridades.

“Este é o nosso mantra básico: Caso suspeite de algo, denuncie,” disse.

A poucos dias do início do exercício, o Presidente Nana Akufo-Addo disse à estação francesa de notícias, France 24, que considera o aumento dos ataques terroristas na região vizinha do Sahel como “o desafio de segurança mais importante” para o Gana e para os outros 14 países da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental.

“Estamos muito preocupados com a situação,” disse Akufo-Addo. “Sabemos que, no Gana, isto não é algo que irá simplesmente acabar nas nossas fronteiras. Existem países das regiões costeiras, países da África Ocidental, e estes países também são alvo do terrorismo. São alvo da mesma forma como o são os países do Sahel.”

Este ano, alguns dos primeiros exercícios da Operação Garras de Águia foram realizados com os agentes das alfândegas e da polícia do Posto Fronteiriço de Hamile, onde soldados praticaram habilidades táticas enquanto respondiam a simulações de pequenos ataques armados próximo da fronteira com o Burquina Faso.

Num outro exercício, as tropas responderam a uma simulação de ataque contra estrangeiros que estavam hospedados num hotel em Wa, no nordeste do Gana. O exercício contou com técnicas de combate, extinção de incêndios, detecção de minas, evacuação médica e análise do perfil de terroristas presos.



REUTERS

COMUNIDADE DA ÁFRICA ORIENTAL DEVERÁ CRIAR

Centro de Combate ao Terrorismo

EQUIPA DA ADF

A Comunidade da África Oriental (CAO) está a preparar-se para criar um centro de combate ao terrorismo para ajudar a coordenar a resposta da região em caso de um ataque.

O centro ainda está no estágio inicial de planificação, mas o bloco regional de seis países acredita que são necessárias acções concretas.

“Cada um de nós tem estado a lidar com imigração e combate ao terrorismo sozinho e agora nós nos reunimos,” Peter Odoyo, secretário-administrativo chefe da segurança nacional do Quênia, disse ao The East African. “O centro de combate ao terrorismo da CAO está sob discussão. Ainda está no estágio infantil.”

O centro pode desempenhar um papel importante na formação de pessoal, recolha e partilha de inteligência e na partilha de melhores práticas em toda a região. Também pode ajudar a capacitar a Força de Intervenção da África Oriental, a força multinacional composta por 5.800 homens, concebida para intervenções rápidas na região.

A CAO é composta por seis países: Burundi, Quênia, Ruanda, Sudão do Sul, Tanzânia e Uganda. Durante o período de 12 meses que terminou em Outubro de 2021, houve 1.364 ataques violentos envolvendo rebeldes, grupos terroristas ou militantes na região, causando 2.631 baixas, de acordo com o Projecto de Localizações de Conflitos Armados e Dados de Evento.

“A nossa região é propensa ao terrorismo. Como comunidade, é importante que tenhamos uma instituição especificamente concebida para lidar com questões de ameaças de qualquer natureza. Isso é para garantir que mantenhamos a nossa região segura,” disse o Dr. Peter Mathuki, secretário-geral da CAO. “Para gerirmos a paz e a segurança de forma eficaz, precisamos de uma instituição que zele por estas questões.”

Entre as ameaças persistentes encontram-se o grupo extremista sediado na Somália, o al-Shabaab, que lançou ataques no Quênia, Tanzânia e Uganda, e as Forças Democráticas Aliadas, que possuem bases na República Democrática do Congo, mas também lançaram ataques em Uganda.



Um funcionário esmaga jacintos de água para serem convertidos em biogás, próximo da cidade de Kisumu, Quênia. REUTERS



Empreendedor Dominic Kahumbu e sua equipa regressam para a costa vindo do Lago Vitória, depois de colherem jacinto-de-água. REUTERS

REUTERS

EMPREENDEDOR QUENIANO

Transforma Algas em Combustível

REUTERS

No Quênia, um projecto está a utilizar tecnologia de biogás para resolver dois principais problemas de poluição com um único dispositivo: uma máquina que converte resíduos, como jacinto invasivo de água em combustível limpo para cozinhar..

Biogas International, uma empresa queniana de tecnologia de energia, está a fazer parceria no projecto com o produtor de medicamentos AstraZeneca e com o Instituto para a Liderança de Sustentabilidade, da Universidade de Cambridge, no Reino Unido.

Até agora, o projecto forneceu 50 “digestores” para casas na cidade de Kisumu, a região oeste do Quênia, possibilitando que as famílias deixem de usar lenha ou carvão, dois métodos de cozinha perigosos e morosos.

Algumas das famílias receberam um fogão a gás como parte do projecto para substituir o seu jiko, um fogão portátil que utiliza carvão. Muitos dos digestores também foram oferecidos gratuitamente, sendo o resto subsidiado pela empresa.

As máquinas funcionam com resíduos como a parte

superior do jacinto de água, que cobriu grandes partes do Lago Vitória, um lago de água doce entre Quênia, Tanzânia e Uganda. A planta prejudica a vida aquática, incluindo os peixes e ajuda as bactérias e os mosquitos a desenvolverem-se, representando riscos de saúde para as comunidades locais.

Os digestores concebidos pela Biogas International utilizam 2 a 3 quilogramas de jacinto de água retirados do lago para produzir energia para um fogão que pode preparar uma refeição de farinha de milho com feijão, em cerca de quatro horas.

“O jacinto de água é uma bênção disfarçada,” disse o PCA da Biogas International, Dominic Kahumbu.

Mas a um custo de 650 dólares, os digestores não estão acessíveis para a maior parte das famílias na cidade, reconheceu. Embora a tecnologia seja escalável, disse, os elevados custos de produção de cada digestor fazem com que obter lucro seja pouco provável por pelo menos outros cinco anos. Ele disse que a empresa precisa de novo capital de instrumento para produzir mais digestores.

HORTAS CIRCULARES COMBATEM A DESFLORESTAÇÃO

REUTERS

Acada noite, Moussa Kamara trabalha na sua padaria, no Senegal, preparando centenas de pães. Mas quando o sol nasce, em vez de ir para casa dormir, ele começa um segundo emprego que quebra as suas costas — cultivar a terra e cuidar das sementes recentemente plantadas numa horta circular concebida de uma forma especial.

Kamara, de 47 anos de idade, acredita que a horta irá demonstrar ser ainda mais importante do que a padaria, no futuro, para alimentar a sua família alargada, incluindo 25 filhos e outros residentes de Boki Dawe, uma cidade próxima da fronteira com a Mauritânia.

Ele faz parte de um projecto que visa criar centenas de hortas como estas, conhecido como “Tolou Keur,” na língua Wolof do Senegal, cujos organizadores esperam que irá reforçar a segurança alimentar, reduzir a desertificação regional e envolver milhares de trabalhadores comunitários.

“Este projecto é incrivelmente importante,” disse Kamara, finalmente em casa, depois de uma noite passada na padaria, seguida de 10 horas de cultivo de alimentos e plantas medicinais na horta. “Quando se planta uma árvore, depois de 20 anos, as pessoas e os animais irão beneficiar-se dela,” disse Kamara, cujo compromisso e trabalho árduo fizeram com que ganhasse o papel de zelador da horta.

O projecto marca uma abordagem nova e mais local, para aquilo que é conhecido como iniciativa do Grande Muro Verde, lançada em 2007, que visa reduzir a desertificação em toda a região do Sahel de África, o cinturão árido do Sul do Saara, plantando uma linha de



Uma horta circular senegalesa REUTERS

árvores de 8.000 quilómetros, de Senegal a Djibouti.

A iniciativa mais ampla conseguiu plantar apenas 4% dos 100 milhões de hectares de árvores comprometidos. Alcançar esta meta até 2030, conforme foi planificado, pode custar perto de 43 bilhões de dólares, de acordo com estimativas das Nações Unidas.

Por contraste, as hortas de Tolou Keur floresceram nos meses desde que o projecto começou e agora atingiram o número de cerca de duas dezenas, disse a agência de reflorestação do Senegal.

As hortas possuem plantas e árvores resistentes a climas quentes e secos, incluindo as de papaia, manga, moringa e sálvia. Os canteiros circulares permitem que as raízes cresçam para dentro, retendo líquidos e bactérias e melhorando a retenção das águas e da compostagem.

“Com mil Tolou Keur, já são 1,5 milhões de árvores,” disse Ali Ndiaye, um engenheiro agrário senegalês a quem se atribuiu o crédito como o idealizador do desenho de canteiros circulares. “Por isso, se começarmos, podemos fazer muito.”



AFP/GETTY IMAGES

Novo Tratamento da Malária Oferece Esperança para África

EQUIPA DA ADF

O processo da vacina testada no Burkina Faso e no Mali pode reduzir a doença da malária e as mortes em até 70%, afirmam os cientistas.

O ensaio do medicamento centrou-se em dar a crianças menores uma versão modificada da vacina que esteve em uso por 20 anos, assim como a administração de medicamentos antimaláricos, numa altura do ano em que as crianças estão mais vulneráveis. Na África Ocidental, a malária propaga-se quando a época chuvosa começa, por volta do mês de Junho, quando os mosquitos se reproduzem e picam.

Os investigadores afirmam que ficaram surpresos com a eficácia que a combinação da vacina e do medicamento acabou por ter. Os testes duraram três anos. Os cientistas afirmam que três doses da vacina e medicamentos antes da época chuvosa, seguido de uma dose de reforço, antes da época chuvosa seguinte, preveniram e controlaram a doença de forma muito mais eficaz do que as vacinas ou os medicamentos por si sós.

Nenhuma parte do mundo sofre mais da doença do que África. Em 2019, mais de 90% dos 230 milhões de casos de malária a nível mundial ocorreram em África, a maior parte sendo em crianças. A doença mata 400.000 pessoas a nível global anualmente, maior parte delas com idade inferior a 5 anos.

A revista *New England Journal of Medicine* publicou os resultados. O ensaio fez o acompanhamento de 6.000 crianças com idades inferiores a 17 meses em dois países e concluiu que a vacina causou reduções significativas no número de casos de malária, internamentos e de mortes.

FWAfrica comunicou que a GlaxoSmithKline criou a vacina, chamada RTS,S, há mais de 20 anos. A vacina mata os parasitas que se multiplicam rapidamente no fígado. Os medicamentos antimaláricos atacam os parasitas que se encontram nos glóbulos vermelhos do corpo.

O site de ciências, *Nature*, comunicou que a versão original da vacina já foi administrada a mais de 740.000 crianças de Gana, Quênia e Malawi, no âmbito de um programa de vacinação de rotina para crianças.

Tanzânia Intensifica Exigência do Cumprimento das Leis da Pesca

EQUIPA DA ADF

A Tanzânia tem planos para reforçar a sua “economia azul,” o uso sustentável dos recursos do oceano para apoiar o turismo, empregos e a protecção ambiental. Mas antes de isso acontecer, o país está a atacar a pesca ilegal.

A pesca ilegal, não declarada e não regulamentada está a acabar com os recursos naturais de África.

O ministro tanzaniano da pecuária e das pescas, Mashimba Ndaki, disse que as autoridades estão determinadas a endurecer os actuais regulamentos da indústria pesqueira.

“Infelizmente, ainda existem pescadores desonestos e ambiciosos que ajudam os estrangeiros a contrabandear peixe e outros produtos para fora do país, assim como envolver-se na pesca utilizando equipamento proibido,” Ndaki disse ao jornal tanzaniano, Daily News.

As redes de deriva, que ficam penduradas de forma vertical em dispositivos flutuantes nos barcos de pesca, podem recolher quantidades indiscriminadas de peixe, incluindo qualquer vida marinha sem valor comercial. As redes são responsáveis por esgotar as unidades populacionais de peixe e destruir os ecossistemas. As Nações Unidas baniram o uso destas redes há 30 anos, mas as operações de pesca ilegal ainda fazem o uso delas ao largo da costa de Quênia, Moçambique e Tanzânia.

O aumento de esforços de patrulha e vigilância das pescas pode ser crucial para explorar todo o potencial da economia azul da Tanzânia. A sua linha da costa de 850 quilómetros, que inclui Zanzibar e várias pequenas ilhas, faz com que a área seja particularmente difícil de patrulhar.

Desde 2018, a Tanzânia fez parceria com a Sea Shepherd

Global, uma organização não-governamental, para aumentar a segurança marítima. Pouco depois de a parceria ter sido formada, a Sea Shepherd ajudou as autoridades tanzanianas a apreender o capitão e o proprietário de uma embarcação de bandeira da Malásia, que procurava barbatanas de tubarão. Os homens foram condenados a 20 anos de prisão, comunicou a organização.

A missão da Sea Shepherd é de encontrar e abordar embarcações que estejam a transgredir ou outros barcos envolvidos em comportamentos proibidos, como a busca de barbatana de tubarão ou a captura de peixe juvenil, reportou a BBC. Recentemente, o grupo trabalhou com governos africanos em Benin, Gabão, Libéria, Namíbia e Tanzânia.

Pouco depois de as patrulhas da Sea Shepherd terem iniciado na Tanzânia, as autoridades fizeram 10 apreensões. Depois disso, 24 embarcações deixaram imediatamente as águas tanzanianas e 19 delas saíram sem receber as inspecções de carácter obrigatório.

A Tanzânia também conta com o apoio da FISH-i Africa, uma parceria com Comores, Quênia, Madagáscar, Maurícias, Moçambique, Seychelles e Somália, que promove a partilha de informação e cooperação regional para combater a pesca ilegal em grande escala na região Oeste do Oceano Índico.

A Tanzânia retira aproximadamente 390.000 toneladas de peixe do alto mar e das águas interiores. O governo espera aumentar a produção de peixe para pelo menos 714.000 toneladas métricas para alcançar a sua meta de consumo per capita de peixe de 10,5 quilogramas, comunicou a SeafoodSource.



Pessoas compram e vendem peixe num mercado de Zanzibar, Tanzânia.

AFP/GETTY IMAGES



Aplicativos Ajudam Agricultores Africanos a Diversificar Culturas

EQUIPA DA ADF

Um aplicativo de telemóvel está a ajudar agricultores quenianos a diversificar as suas culturas e melhorar a produção, apesar das dificuldades económicas causadas pela pandemia da COVID-19.

O DigiFarm ajuda os agricultores a adquirir suprimentos, tais como sementes e adubos.

Também ajuda com seguros, empréstimos para diversificar as culturas e o acesso aos mercados. Até ajuda a preparar para condições meteorológicas extremas como secas e inundações.

O DigiFarm, um serviço gratuito do gigante de telecomunicações Safaricom, foi lançado em 2017, mas a maior parte dos seus 1,4 milhões de utilizadores subscreveu-se depois da eclosão da pandemia, Elizabeth Mudogo, da DigiFarm, disse ao The Star, do Quénia. O aplicativo recentemente expandiu para Nigéria e Tanzânia.

O Quénia possui 4,5 milhões de agricultores de pequena escala, de acordo com os dados do governo. A sua produção representa mais de 60% dos alimentos do país.

Durante a pandemia, os agricultores não tiveram escolha senão melhorar os seus métodos. O DigiFarm é uma das muitas inovações que está a dominar o sector de agronegócios em África e a ajudar a conter os efeitos da pandemia sobre a segurança alimentar e a pobreza.

A população jovem do continente, centrada na tecnologia, está a abraçar as tecnologias agrárias, utilizando aplicativos móveis, inteligência artificial e drones para ajudar a construir uma indústria agrícola mais diversificada e mais resiliente. Para além da DigiFarm, existem empresas como a HelloTractor, da Nigéria, que utiliza um aplicativo móvel para dinamizar a partilha de equipamento agrícola.

Para além disso, Twiga, uma plataforma móvel de comércio electrónico do Quénia, colhe, adquire, empacota e entrega produtos das propriedades agrícolas membros directamente aos vendedores, digitalizando a cadeia de fornecimento. A plataforma afirma que retira o intermediário, elimina a perda de alimentos e reduz os preços. A Twiga Foods expandiu de Nairobi para cinco outras grandes cidades durante a pandemia e recentemente anunciou uma expansão para Uganda.

Um trabalhador da DigiFarm prepara-se para receber os agricultores num centro de recolha do Quénia.

REUTERS

Sudão do Sul e Uganda Concordam em Abolir Vistos

EQUIPA DA ADF

Os ugandeses que viajam para o país vizinho do Sudão do Sul já não precisam solicitar vistos para entrarem naquele país.

Esta acção surge em resposta àquela que foi tomada por Uganda, em Setembro de 2021, de cancelar o requisito de visto de entrada para os sul-sudaneses. O vice-ministro sul-sudanês dos negócios estrangeiros, Deng Dau Deng, confirmou o desenvolvimento e disse que a decisão do seu país estava em linha com os requisitos da Comunidade da África Oriental (CAO).

A CAO é uma organização intergovernamental regional com sede em Arusha, Tanzânia. Burundi, Quénia, Ruanda, Tanzânia e Uganda são os outros Estados-membros.

Em Julho de 2021, o Sudão do Sul e o Quénia também cancelaram os vistos para os seus cidadãos nacionais que viajam entre os dois países.

O Sudão do Sul é o membro mais recente da CAO. O seu tratado de fundação prevê o movimento livre de pessoas e mão-de-obra entre os Estados-membros. O mercado comum da CAO também prevê o movimento irrestrito de bens e capital. Também permite o direito de residência que é o direito do cidadão de um país poder viver num país-membro.

O Sudão do Sul juntou-se à CAO em 2016, mas tem sido lento em adoptar alguns protocolos, incluindo aquele que estabelece um mercado comum.

Os membros da CAO lançaram uma exposição anual para reforçar o turismo na região depois da pandemia da COVID-19, reportou a eTN Tanzânia.



Viajantes provenientes do Sudão do Sul atravessam uma ponte de madeira para o Uganda. THE ASSOCIATED PRESS

NANA YAA ASANTEWAA

e a Guerra do Banco Dourado

EQUIPA DA ADF

Uma mulher Ashanti que envergou os guerreiros da sua tribo, convencendo-os a defenderem-se, há mais de 100 anos, tornou-se um símbolo de liberdade para o Gana. As acções de Nana Yaa Asantewaa provocaram a última guerra Anglo-Ashanti, conhecida como a guerra do Banco Dourado.

Em 1752, os britânicos estabeleceram uma colónia de comércio a qual chamaram Costa Dourada, no Golfo da Guiné. Ela tornar-se-ia no seu centro do comércio africano, que incluía ouro, diamante, madeira, marfim e cereais. Até à década de 1800, os britânicos continuaram a expandir o seu território para os reinos locais e a obrigar os líderes tribais a submeterem-se à sua autoridade.

Os Ashanti resistiram, tendo derrotado o Império Britânico nas primeiras duas daquelas que eventualmente acabaram por ser cinco guerras.

A última rebelião, conhecida como a guerra do Banco Dourado, durou cerca de seis meses, em 1900.

O Banco Dourado foi um símbolo de unidade nacional Ashanti. Não era um trono. Quando não estivesse em uso, era colocado contra a parede para que as almas dos mortos Ashanti pudessem descansar nele. Nunca tocava o chão, mas sempre ficava sobre uma manta. Era carregado numa almofada, uma vez que apenas Asantehene, o rei Ashanti, tinha permissão para tocar nele. Em algumas cerimónias, ficava no seu próprio trono.

A última guerra começou quando o governador britânico, Sir Frederick Mitchell Hodgson, exigiu que se entregasse o Banco Dourado como uma admissão pelos Ashanti da sua submissão ao governo britânico.

Foi aí que Yaa Asantewaa fez história.

A RAINHA-MÃE

Ela nasceu em 1840, uma de duas crianças. O seu irmão, Afrane Panin, tornou-se um líder tribal enquanto ela crescia para ser uma agricultora habilidosa e bem-sucedida. Quando o seu irmão morreu, em 1894, Yaa Asantewaa utilizou o seu cargo como Rainha-Mãe para indicar o seu neto como o novo chefe.

Em 1896, os britânicos exilaram o rei Ashanti para as Seychelles, juntamente com o neto de Asantewaa e outros membros da liderança da tribo. Yaa Asantewaa tornou-se a regente de um dos distritos.

Quando Hodgson exigiu o Banco Dourado, os restantes membros da liderança reuniram-se em segredo para discutir sobre a resposta adequada. Yaa Asantewaa estava lá, uma vez que a sua posição de Rainha-Mãe significava que ela era a guardiã oficial do Banco Dourado. Ela dirigiu-se aos membros do

conselho num discurso breve que passou a fazer parte do folclore ganense. Existem muitas versões do discurso, incluindo esta:

Agora eu vejo que vocês estão com medo de avançar e lutar pelo nosso rei. Se vocês, os chefes de Ashanti, pretendem comportar-se como cobardes e não lutar, deviam trocar as vossas tangas pelas minhas roupas interiores.

Consta que ela enfatizou o seu discurso pegando numa arma e disparando em frente dos homens reunidos.

Os outros líderes escolheram Yaa Asantewaa como líder da sua força de combate. A Rainha-Mãe assumiu o comando de um exército de 5.000 soldados.

A rebelião foi inicialmente um sucesso, com os combatentes Ashanti a invadirem uma fortaleza em Kumasi, onde os britânicos tinham procurado refúgio. Meses depois, o governador britânico enviou tropas suficientes para reprimir a revolta.

Os britânicos capturaram Yaa Asantewaa e 15 dos seus conselheiros e levaram todos eles para as Seychelles. Yaa Asantewaa morreu no exílio, em Outubro de 1921. Três anos depois, o rei e os outros membros dos exilados da corte Ashanti regressaram a casa. O rei deu a Yaa Asantewaa um funeral real adequado.

Em 1957, o que tinha sido o reino Ashanti tornou-se parte de Gana, o primeiro país da África subsariana a ganhar a independência.

Hoje, a Guerra do Banco Dourado também é conhecida como a Guerra de Yaa Asantewaa. Ela é lembrada num cântico Ashanti:

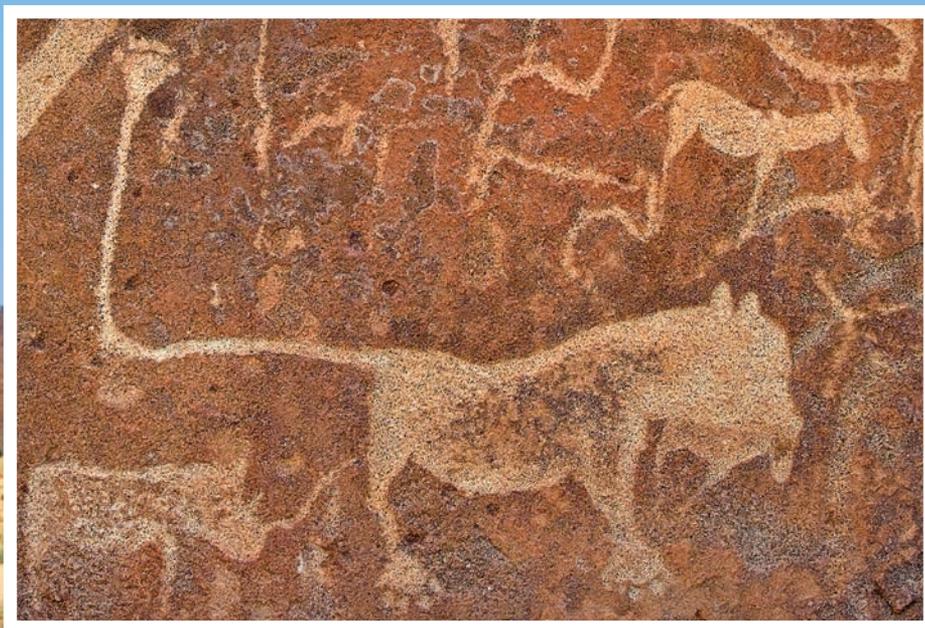
*Yaa Asantewaa
A mulher que luta diante de canhões
Alcançaste grandes realizações
Portaste-te bem*



WWW.AFRICAIMAGELIBRARY.COM

DICAS

- 1** O nome deste vale é traduzido para “fonte da dúvida.”
- 2** Este local é mais conhecido por ter uma das maiores colecções de petróglifos (gravuras rupestres) de África.
- 3** As figuras nas rochas incluem elefantes, avestruzes, girafas, pessoas e pegadas. Algumas remontam à antiga Idade da Pedra.
- 4** A arte da rocha fornece um registo extensivo de rituais de comunidades de caçadores-recolectores, cobrindo pelo menos 2.000 anos.



PARTILHE O SEU CONHECIMENTO

Deseja ser publicado?

A Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas de segurança em África.

A revista é publicada trimestralmente pelo Comando Africano dos Estados Unidos e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, estabilidade, boa governação e prosperidade.

O fórum permite que haja um debate aprofundado e intercâmbio de ideias. Gostaríamos de ouvir a opinião de pessoas das nossas nações parceiras africanas que compreendem os interesses e os desafios do continente. Submeta um artigo para publicação na ADF e deixe a sua opinião ser ouvida.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS NA ADF

REQUISITOS EDITORIAIS

- A preferência é para artigos com aproximadamente 1.500 palavras.
- Os artigos podem ser editados para se ajustarem ao estilo e espaçamento, mas a ADF irá colaborar com o autor quanto às alterações finais.
- Inclua uma pequena biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua de alta resolução e imagens relacionadas ao seu artigo com legendas e informações sobre os créditos da foto.

DIREITOS Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar artigos para que estejam em conformidade com os padrões do AP e do espaço. A apresentação do artigo não garante a sua publicação. Ao contribuir para a ADF, você concorda com estes termos.

SUBMISSÕES

Envie todas as ideias de reportagens, conteúdos e dúvidas para a Equipa Editorial da ADF através do ADF.EDITOR@ADF-Magazine.com. Ou envie um e-mail para um dos seguintes endereços:



Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Unit 29951
APO AE 09751 USA

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Kelley Kaserne
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart Germany



Está ansioso pela próxima edição?

Em ADF-Magazine.com, trazemos para si uma cobertura aprofundada de questões da actualidade que afectam a paz e a estabilidade todas as semanas. Confira a nossa página da internet e tenha as mesmas notícias fiáveis e credíveis sobre segurança, trazidas semanalmente, cobrindo todo o continente.



FIQUE LIGADO

Caso queira ficar ligado nas redes sociais, siga a ADF no Facebook, Twitter e Instagram ou pode juntar-se à nossa lista de emails, inscrevendo-se na nossa página da Internet, ADF-Magazine.com, ou enviando um email para News@ADF-Magazine.com.